Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Quarta-feira, 14 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.522 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

P Público

Paredes de Coura
Com flautas e guitarras, a festa dura até o sol raiar
Cultura, 24

Música
Em Moçambique, o "homem novo" foi a banda sonora do pós-independência
P2 Verão, 32/33

Questionário pós-Proustiano
Jorge Batista da Silva: "Quando estou com fome, não sou nada fácil de aturar"
P2 Verão, 39

PAULO PIMENTA

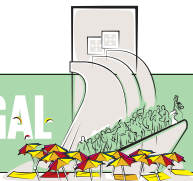
Turismo
Sector vale muito mas pesa cada vez menos na economia
Destaque, 2 a 4

Alunos gastam todos os meses 900 euros para estudar no ensino superior

Inquérito do Iscte a mais de dez mil alunos mostra que alojamento vale 33,5% do total gasto por mês **Sociedade, 12**

Queixas à APAV
Maus tratos de pais a filhos representam 10% dos casos
Sociedade, 14

Remuneração média
Abrandamento dos salários chegou e veio para ficar
Economia, 22

ISSN-0872-1556

Impulso do turismo para o crescimento da economia está a perder força

Depois do forte contributo em 2022 e 2023, dinâmica do turismo no crescimento da economia deve atenuar-se. Abrandamento na subida de turistas e receitas era esperado, após a recuperação

Luís Villalobos

O turismo deu um enorme empurrão ao crescimento da economia portuguesa nos últimos dois anos, mas esse contributo decresceu no ano passado e tende a descer ainda mais este ano.

Em 2022, ano de recuperação da pandemia de covid-19, o Produto Interno Bruto (PIB) teve uma variação de 6,8%, com o turismo a ser responsável por mais de metade desse crescimento, contribuindo com 4,2 pontos percentuais (p.p.).

No ano passado, de acordo com os dados recentemente publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) na Conta Satélite do Turismo, o sector pesou 1,1 p.p. no crescimento de 2,3% do PIB, ou seja, pouco menos de metade do total. Já este ano, segundo as previsões do gabinete de estudos económicos do BPI, o turismo deverá representar entre 0,5 p.p. e 0,7 p.p. de um crescimento estimado em 1,8%, ou seja, pouco mais de um terço da variação do PIB.

Pelo meio, ficou a marca da importância do turismo para o país, quando em 2020, ano da chegada da pandemia, este sector deu um contributo de 5,5 p.p. para a queda de 8,3% da economia (em 2021, ainda em plena pandemia, variação do PIB foi de +5,7%, pesando o turismo 1,7 p.p.).

Uma desaceleração do crescimento do turismo, diz Pedro Braz Teixeira, economista e director do gabinete de estudos do Fórum para a Competitividade, "pode ter um impacto significativo" na economia portuguesa, "como aparentemente já teve no segundo trimestre", período em que a variação do PIB em cadeia foi de 0,1%.

Os dados publicados pelo INE relativos ao PIB do segundo trimestre, por se tratarem de uma estimativa rápida, não incluem ainda os valores registados nas diversas componentes do PIB. No entanto, o INE revela, ao explicar as forças por trás da variação em cadeia de 0,1% observada no PIB, que o segundo trimestre foi de estagnação nas exportações, que tinham sido o principal motor da economia no primeiro trimestre e que incluem as receitas geradas pelo turismo, que são contabilizadas como exportações de turismo.

"O contributo da procura externa líquida passou a negativo, verifican-

RUI GAUDÊNCIO

Turismo tem sustentado o crescimento económico de Portugal nos últimos anos

Até onde pode e deve crescer o turismo?

Até onde pode e deve crescer o turismo na economia portuguesa? E não há riscos de excessiva dependência deste sector? Estas duas interrogações conduzem a várias frentes de respostas e análises, ligadas a um dos principais sectores do país.

"Genericamente, até onde pode e deve tem também que ver com chegarmos ao limiar do '*overtourism*'– um estado em que a existência do turismo prejudica gravemente os recursos naturais, o ambiente social (hostilidade com turismo) e a capacidade de resposta das infra-estruturas e serviços do país", explica Tiago Alexandre Correia, analista do BPI. "O 'senso comum'", realça, "diz-nos para 'não colocar os ovos todos no mesmo cesto', mas a alocação dos 'ovos' não é passível de ser feita por decreto."

Assim, acrescenta, "mais do que limitar o número de turistas é mais importante combater a sazonalidade e a concentração territorial do mesmo". Além disso, existem alguns estudos que apontam para que o instrumento económico-financeiro – colocar/aumentar taxas turísticas, por exemplo – pode não ser eficaz a 'demover' turistas". Não obstante, o certo é que há cada vez mais municípios aplicar uma taxa turística no seu território, tendo Oeiras sido um dos últimos casos .

Pedro Braz Teixeira, economista e director do gabinete de estudos do Fórum para a Competitividade, afirma que a economia portuguesa "tem tido um crescimento modesto nas últimas décadas, cujo problema adicional é a sua falta de qualidade, demasiado baseado na quantidade (aumento do emprego) e com pouca melhoria da qualidade (subida da produtividade)". O turismo, defende, "será um dos principais responsáveis por este crescimento de fraca qualidade, quer pelo seu peso, quer pelas suas características, gerando empregos pouco produtivos". "Dado o peso que já atingiu, superior ao de Espanha, parece razoável admitir que está a aproximar-se do seu limite de crescimento", realça. "Mais do que discutir quanto é que pode crescer mais, a questão é que não deve crescer mais, pelo menos na sua actual configuração. Há dois caminhos alternativos, que poderão ser cumulativos: diversificar os locais de destino e qualificar o turismo", sintetiza. "Mais grave" do que a questão da dependência", diz este economista em tom crítico, "é o turismo transmitir a imagem de um aparente sucesso económico, quando, no fundo, em vez de contribuir para a convergência com a UE, apenas está a atrasar esta convergência, pela sua fraca qualidade."

Do lado da Ahresp, Ana Jacinto, realça o "efeito multiplicador que a actividade turística tem na economia nacional, contribuindo para o desenvolvimento paralelo" de outras actividades. "A questão da dependência da actividade turística é algo que nunca se deveria colocar. Não se deve censurar uma actividade pelo seu êxito, mas, sim, perceber as raízes do seu sucesso e, se possível, aplicar noutros sectores da nossa economia", defende. "Dizer que existe 'turismo a mais' é subestimar os benefícios económicos e sociais que o turismo traz, especialmente para as comunidades que mais dependem desta relevante actividade económica."

"Ao invés de limitar o número de turistas", destaca, o foco "deve ser em maximizar os benefícios para a comunidade local, garantir a diversificação dos destinos e que seja inclusivo, sustentável e traga riqueza para todos".

---

do-se uma variação nula das exportações de bens e serviços", referiu a nota publicada pelo INE.

A crescer, mas mais devagar

Para já, os dados mais recentes do Banco de Portugal mostram um abrandamento do crescimento das receitas do sector do turismo (medidas pelas exportações) no segundo trimestre, com Abril e Junho a subirem ao ritmo de um dígito, contra os dois dígitos dos outros meses de 2024.

Não obstante um novo recorde, em termos nominais – de 11.566 milhões de euros de receitas em viagens e turismo no primeiro semestre, numa conjuntura de subida de preços –, a variação homóloga foi de 11,4%, contra os 29,5% verificados no ano passado (que representou novos máximos históricos para o turismo).

Os números de dormidas e turistas contabilizados pelo INE (que não inclui as unidades de alojamento local com menos de dez camas) também dão nota de um arrefecimento. Em termos semestrais, houve uma subida de 5,6% face ao mesmo período de 2023 (para 14,3 milhões hóspedes), quando em 2023 a variação tinha sido de 21,1% (11,9% se a comparação for com 2019, pré-pandemia). Nas dormidas, a realidade é semelhante.

No mês de Junho, o sector do alojamento registou três milhões de hóspedes e 7,8 milhões de dormidas em Junho, o que equivale a crescimentos de 6,7% e 4,8% (respectivamente), quando no mês anterior as subidas tinham sido de 9,5% e de 7,6%.

A tendência de arrefecimento do crescimento é vista com alguma naturalidade por quem acompanha o sector. "Este abrandamento era expectável na medida em que Portugal foi dos destinos turísticos que primeiro recuperou dos níveis pré-pandemia", explica Tiago Alexandre Correia, analista do departamento de estudos económicos do BPI.

"Por um lado, há o efeito de base (em 2024 comparamos com o melhor ano de sempre em dormidas, hóspedes e receitas – 2023), e, por outro, o movimento de recuperação mais tardia de outros mercados faz com que estes venham a captar uma parte maior do crescimento da actividade turística global como um todo", diz.

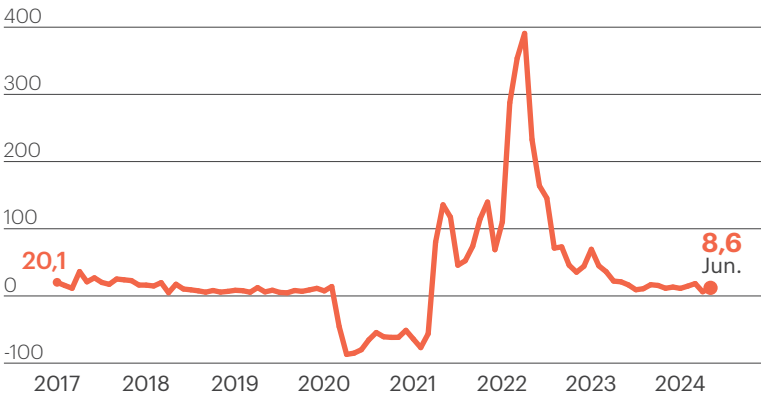
Para Pedro Braz Teixeira, há duas explicações para o abrandamento: "Em termos mais estruturais, o turismo vinha a registar taxas de crescimento muito elevadas, tendo o seu peso subido de 12,6% do PIB em 2016 para 16,5% do PIB em 2023 [medido em termos do consumo do turismo no território económico], pelo que em algum momento teria de haver uma desaceleração deste crescimento, embora não se soubesse bem quando esta poderia ocorrer." Depois, "em termos conjunturais, esperava-se que 2024 fosse de crescimento fraco do PIB, abaixo da tendência, na generalidade dos países emissores, o que se tem vindo a confirmar, pelo que também por esta razão o abrandamento era expectável".

Subida de receitas dá sinais de abrandamento

Exportações mensais de viagens e turismo, taxa de variação homóloga

400 · 300 · 200 · 100 · 0 · -100

2017 · 2018 · 2019 · 2020 · 2021 · 2022 · 2023 · 2024

20,1 — 8,6 Jun.

Fonte: Banco de Portugal — PÚBLICO

Também Cristina Siza Vieira, vice-presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), vê com normalidade esta tendência de arrefecimento do sector. "Já atingimos em 2023 valores que só esperávamos atingir/recuperar em 2024", diz, afirmando que, "com a normalização pós-pandemia, é normal que os crescimentos comecem a ser menos acentuados, mas ainda assim os números continuam a crescer, apenas com menos saltos".

Ana Jacinto, secretária-geral da Associação de Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (Ahresp), enfatiza que "a actividade turística continua a crescer e a superar os máximos históricos de 2023", ano em que o país registou 30 milhões de hóspedes, segundo o INE (dos quais 18,3 milhões estrangeiros), e encaixou 25,1 mil milhões de euros.

"Em 2023, que acabou por se tornar no melhor ano turístico de sempre, também no mês de Junho se verificou um abrandamento do crescimento face ao mês de Maio", nota, "e de maior expressão face ao que estamos a registar no mês de Junho de 2024".

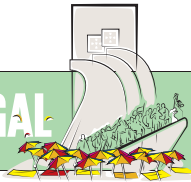
"Se o ano 2024 mantiver o comportamento semelhante ao verificado em 2023, o mês de Julho irá registar um maior abrandamento do crescimento e só em Agosto se retomará a trajectória de aumento do crescimento", acrescenta, sublinhando depois: "não quer isto dizer que não tenhamos de estar alertas e atentos, muito pelo contrário".

Esta responsável realça ainda que o sector do alojamento "está com uma *performance* de crescimento diferente da restauração, que tem enfrentado inúmeras dificuldades com o efeito da inflação, sobretudo alimentar, e com o aumento das taxas de juro".

Um ano de novos recordes

De acordo com Tiago Alexandre Correia, olhando para o médio prazo, a perspectiva é a de que haja "taxas de crescimento mais moderadas do que as dos últimos anos, em 'velocidade cruzeiro'". Esse ritmo, diz, pode ser potenciado ou restringido por factores como uma recessão na zona euro, preços dos combustíveis, questões cambiais (dólar *vs.* euro) e o impacto dos conflitos internacionais – menos viagens de longo curso, mas com a hipótese de captação de turistas que deixam de ir para países como Turquia e Egipto por causa do conflito no Médio Oriente.

Para este ano, a previsão do BPI é de que o aumento de hóspedes em Portugal seja da ordem dos 5% face a 2023, ano em que se registou uma subida de 13%. "O efeito *rebound* de recuperação pós-pandemia está esgotado", refere, já que os níveis pré-pandemia foram ultrapassados.

Pedro Braz Teixeira destaca que, do lado da oferta, "tem continuado e prevê-se que continue a aber- →

tura de novos hotéis, pelo que a capacidade de acolher mais turistas deverá ir aumentando, mesmo que haja um recuo parcial no alojamento local".

Já do lado da procura, "esta tem aumentado a nível mundial e deve prosseguir essa tendência, pelo que Portugal tem condições de atrair mais clientes, ainda que se possa colocar a questão do preço: será necessário baixá-lo ou subir menos para conquistar nova procura?", questiona.

Para Ana Jacinto, perante os indicadores já conhecidos, "tudo indica que em 2024, e também nos próximos anos, o turismo continuará a crescer nos seus principais indicadores: hóspedes, dormidas e receitas". "Portugal, como destino turístico internacional, tem trilhado um percurso sustentado e por isso temos batido recordes", destaca. Portugal é "um país com uma oferta muito diversificada", acrescenta.

"Não podemos é perder competitividade internacional e manter os padrões de excelência que sempre caracterizaram os serviços na nossa oferta turística", sublinha. "O desafio é disciplinar e gerir sustentavelmente o crescimento" esperado do sector, refere Cristina Siza Vieira.

Ao nível do Governo, o secretário de Estado do Turismo, Pedro Machado, afirmou em Julho, citado pela Lusa, que em 2033 Portugal poderá arrecadar "mais de 56 mil milhões de euros" em receitas turísticas, "empregar mais de 1,2 milhões de pessoas" e valer "praticamente 20% do PIB". No ano passado, segundo o INE, o peso do turismo no total da economia foi de 12,7% (12,1% em 2022).

Obstáculos e desafios

O turismo tem, no entanto, vários desafios pela frente, onde se destaca a falta de trabalhadores. Além disso, segundo os responsáveis ouvidos pelo PÚBLICO, é preciso assegurar questões como a segurança, evitar o risco de saturação (que, segundo Pedro Braz Teixeira, é física e política, onde se inclui a alta de preços) e apostar na sustentabilidade (com Tiago Alexandre Correia a destacar que o sector é responsável "por quase 10% das emissões de gases com efeito de estufa a nível mundial").

A falta de um novo aeroporto em Lisboa, com o actual já saturado, é visto como um obstáculo ao crescimento de turistas internacionais, sendo também necessário continuar a combater a sazonalidade.

Ana Jacinto realça que há ainda fragilidades de tesouraria em muitas empresas da restauração, enquanto Cristina Siza Vieira, da AHP, destaca o desafio colocado pelos "impactos que as alterações climáticas acarretam, nomeadamente, no que toca a Portugal e especificamente ao segmento 'sol e mar', pela escolha de destinos com temperaturas mais brandas ou alteração dos períodos de viagem". **com Sérgio Aníbal**

PAULO PIMENTA

Turistas brasileiros escolhem Portugal como o quarto destino preferido das suas viagens

Brasil

Turistas brasileiros ainda estão abaixo dos números pré-pandemia

Luís Villalobos

Apesar dos novos recordes na captação de turistas estrangeiros, o mercado brasileiro ainda está abaixo dos indicadores de 2019

Não obstante o turismo estar a bater novos recordes em termos de turistas estrangeiros, o mercado brasileiro está ainda abaixo dos números registados em 2019, antes da pandemia de covid-19.

De acordo com os dados recentemente divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), registaram-se 536 mil hóspedes brasileiros no primeiro semestre deste ano, menos 10% face ao mesmo período de 2019. A nível geral, houve um crescimento de 19,3% no número de hóspedes não residentes. Se o indicador for o número de dormidas, a descida do mercado brasileiro é de 12%, cabendo à área de Lisboa a maioria das dormidas a nível nacional.

Em termos anuais, o ano passado contou com 1,1 milhões de hóspedes brasileiros, segundo o INE, o que representa uma descida de 14% face a 2019 (ano recorde para este mercado), seja por razões de lazer – a esmagadora maioria, com cerca de 74% do total –, negócios ou visita a amigos e familiares, além de expatriados.

Hóspedes do Brasil com recuperação lenta
Em milhares

Ano	2017	18	19	20	21	22	23
Hóspedes	971	1103	1282	273	235	926	1101

1.º semestre 2019	1.º semestre 2024
596	536

Var. -10%

Fonte: INE PÚBLICO

Já em termos de receitas, os turistas brasileiros gastaram 461,4 milhões de euros nos primeiros cinco meses deste ano (com destaque para os 109 milhões de Maio), segundo o Banco de Portugal, bem acima dos 268 milhões em idêntico período de 2019 (mais 72%, em termos nominais). Aqui, no entanto, é preciso ter em conta a conjuntura de elevada inflação e subida de preços que se verificou nos últimos anos.

Pelo meio, o Brasil já foi ultrapassado pelos Estados Unidos da América (EUA) como o maior mercado emissor de fora da Europa e desceu para a sexta posição do ranking (onde se destacam o Reino Unido, Espanha, Alemanha e França).

Câmbio e pandemia

Tiago Alexandre Correia, analista do departamento de estudos económicos do BPI, destaca uma série de factores que ajudam a explicar a descida do mercado brasileiro. "Um aspecto está relacionado com a questão cambial" da moeda brasileira face ao euro.

"O real nunca regressou aos valores pré-pandemia, perdendo valor face ao euro e tendo impactado o poder de compra dos brasileiros, tornando as viagens internacionais mais caras e menos acessíveis." A isto, diz, "junta-se o aumento dos custos das passagens aéreas com os preços altos dos combustíveis também no contexto da guerra da Ucrânia".

"Por outro lado, a pandemia também alterou os hábitos de viagem, com muitos brasileiros a optarem por destinos domésticos ou por viagens de curta distância, em vez de viagens internacionais mais longas", acrescenta.

De acordo com uma análise do Turismo de Portugal publicada no passado mês de Fevereiro, a Argentina é um dos principais destinos dos brasileiros, depois dos EUA e de França, com Portugal a surgir em quarto lugar. Destacam-se ainda, por esta ordem, a Itália, Espanha, Chile, Reino Unido, Uruguai e México.

Ana Jacinto, secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (Ahresp), acentua também os impactos negativos da questão cambial, ao mesmo tempo que sublinha o facto de as receitas terem crescido.

"Outra das razões que podem ser apontadas para uma redução em termos absolutos do número de turistas e dormidas é a redução drástica de voos da TAP para o Brasil durante a pandemia, que apenas em Abril de 2022 conseguiu reabrir todos os destinos que servia para o Brasil." Isso, avança, "pode ter criado uma perda de familiaridade em relação ao destino Portugal, que ainda se encontra a ser recuperada".

Olhando para o futuro, considera que as taxas de crescimento verificadas nas dormidas e número de hóspedes "perspectivam que nos próximos três a quatro anos superaremos os valores de 2019".

Cristina Siza Vieira, vice-presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), junta-se nas referências à desvalorização do real, apontado ainda o facto de se registar um enfraquecimento no crescimento económico do Brasil.

"De qualquer modo", sublinha, "há boas perspectivas no horizonte, com o FMI [Fundo Monetário Internacional] a destacar que a economia brasileira está numa trajectória de maior crescimento e queda da inflação".

"Também importa sublinhar que as novas rotas aéreas operadas pela TAP poderão incentivar a chegada de mais turistas brasileiros (em Setembro, Florianópolis e, em Novembro, Manaus)", acrescenta a mesma responsável.

O turismo é o tema do P24 desta quarta-feira. Ouça o *podcast* aqui.

Público | ASA | Tanguy e Laverdure

VOE POR GRANDES HISTÓRIAS

COLECÇÃO **TANGUY E LAVERDURE**

De Jean-Michel Charlier e Albert Uderzo

Voe com os tenentes Tanguy e Laverdure através de uma colecção repleta de acção. Redescubra este clássico, reestruturado por Jean-Michel Charlier, mestre do argumento de aventuras, e Albert Uderzo, cujo traço enérgico e virtuoso faz maravilhas. Aterre em oito novas histórias que continuam a tradição dos inesquecíveis pilotos da Esquadrilha de Cegonhas.

COLECÇÃO EM CAPA DURA

+11,90 €*

QUARTA, 28 AGO.

COM O PÚBLICO

P

COMPRE AQUI

loja.publico.pt

*Colecção de 8 livros. PVP unitário: 11,90 €. Preço total da colecção: 95,20 €. Periodicidade semanal à quarta-feira, entre 28 de Agosto e 16 de Outubro de 2024. Stock limitado.

Espaço público

O “desespero” e o “desespero” na Saúde

Editorial

Helena Pereira

Depois de muitas promessas, Luís Montenegro repete as palavras do ex-ministro da Saúde Manuel Pizarro. Ouve-se e não se acredita

Conscientes da importância que a generalidade das pessoas atribui à Saúde e das insuficiências que existem no país, Luís Montenegro e a coligação AD fizeram da questão da Saúde uma das principais bandeiras da campanha eleitoral, se não a principal. “Eu sou pelos que desesperam nas filas intermináveis da Saúde”, garantia no tempo de antena o então candidato a primeiro-ministro, acrescentando que “todos os dias vemos serviços públicos na Saúde que não funcionam” e “assim não dá para continuar”. Era na altura ministro da Saúde Manuel Pizarro, que, pressionado pela oposição e mesmo por socialistas, pedia “mais tempo” para resolver a crise nas urgências, dando gás a uma indignação ainda maior.

O PSD vinha de um congresso, em Novembro do ano passado, marcado pelas promessas nas áreas sociais (Saúde, subida de pensões mínimas, etc.), naquilo que foi um reposicionamento deliberado ao centro para disputar em terreno mais próximo do do PS as eleições. A principal arma era a promessa de um programa urgente de resposta às dificuldades no acesso à Saúde, no prazo de 60 dias após a formação do Governo. Esse programa foi efectivamente apresentado dentro do prazo, mas quase nada mudou na vida dos portugueses de lá para cá: o fecho de urgências obstétricas alastrou-se ainda mais, não houve diminuição nas listas de espera para consultas e exames nem aumento do número de médicos de família. Houve recuperação apenas nas listas de cirurgias oncológicas.

O Governo dinamitou a Direcção Executiva do SNS logo à chegada sem sequer ter apresentado uma solução alternativa e agora, quatro meses depois de eleito, Luís Montenegro pede aos portugueses que “desesperam” que esperem mais um ano até que sintam melhorias no atendimento nos serviços públicos. Isto é a sério? Parece o ex-ministro do PS a falar e que tanto o PSD criticava. Ouve-se e não se acredita.

Foram criadas “expectativas muito altas” quanto ao plano de emergência do Governo para a Saúde, anotou o Presidente da República, esperando que os constrangimentos nas urgências deste ano “não se repitam” no próximo. Muito pouco também para a urgência que é necessária e que está à vista de toda a gente. Já o apelo a um pacto de regime entre PS e PSD, feito por Marcelo Rebelo de Sousa, também parece extemporâneo, tendo em conta as posições historicamente divergentes dos partidos quanto a uma questão central e cada vez mais determinante: o papel do sector público e do privado nos cuidados de saúde.

Enquanto isso, os portugueses que desesperam continuam a desesperar e arriscam ficar desesperados também com o contorcionismo do Governo.

CARTAS AO DIRECTOR

Burla em pirâmide com criptomoedas lesa três milhões, 156 casos em Portugal

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Ensino superior: 50 anos depois (1974-2024)

As universidades aumentaram o número de alunos, embora o entusiasmo pelo ensino tenha diminuído (de 2020 a 2023), com menos alunos interessados pelas aulas (abandono no ensino superior). Pode-se argumentar que o período da covid-19 desmotivou os estudantes (veja-se a diminuição de alunos nas aulas, 2023-2024, na Faculdade de Ciências).

A saúde mental perturbou os jovens, com ansiedades e depressões, e também com aprendizagens perdidas. Os jovens querem ter o controlo sobre as suas vidas e sobre a educação, mas falta-lhes a motivação, embora se sintam como trabalhadores submissos, que aceitam as desigualdades e injustiças com grande naturalidade. A educação referente ao ensino superior tem sofrido muitas alterações (há pouca escolha). O sistema educacional enfrentou no ano lectivo passado poucas escolhas ou controlo sobre a sua vida, e por isso os alunos se sentem desmotivados. Há que criar agentes de mudança, saudáveis e com garra para a inovação. E a intervenção deve ser não só dos estudantes, mas também dos professores. As universidades devem renovar-se e atrair novos estudantes a participar activamente nas aprendizagens e nas associações de estudantes, discutindo com os reitores e directores as suas sugestões de mudanças.

A procura de novos cursos (úteis para as empresas) devem ser discutidos de molde a torná-los mais interventores na sociedade. Os jovens atravessam o desejo de ter mais controlo sobre a educação e a realização pessoal, avançando com mais ajudas. A intervenção dos estudantes deve alargar-se à construção de livros para todas as disciplinas, pois essa é uma necessidade para aumentar a participação e a discussão dos estudantes. E o maior controlo sobre a educação deve preocupar-nos com a falta de empregos.

Helder Coelho, Lisboa

As universidades devem renovar-se e atrair novos estudantes a participar activamente nas aprendizagens e nas associações de estudantes, discutindo com os reitores e directores as suas sugestões de mudanças

Helder Coelho
Lisboa

Férias dos portugueses

Em tempo de férias, as pessoas planejam um destino onde possam estar relaxadas e sem o stress dos outros dias. Portugal é dos países preferidos para passar férias. O sector do turismo é a maior fonte de receitas para o nosso país. No entanto, uma parte considerável dos portugueses escolhe passar férias lá fora. Mesmo desejando conhecer outros destinos, que será difícil em tão pouco tempo, será que já apreciaram todo o encanto e beleza que existem em Portugal?

Jorge Almeida, Gandra

De que está à espera Luís Montenegro?

Nicolás Maduro continua com a violência na Venezuela, não respeita os direitos humanos e continua a não reconhecer a fraude que montou para vencer as

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM LONDRES

ANDY RAIN/EPA

O famoso artista britânico Banksy continua a espalhar a sua arte em redor de Londres e esta obra mais recente, numa parede em Charlton, é a oitava que lançou nos últimos oito dias

eleições. Noutro local do mundo dito civilizado, Netanyahu continua a matar na Faixa de Gaza, em escolas e hospitais, e nas prisões israelitas para onde trouxe, desde a referida Faixa de Gaza, habitantes dessa zona que, supostamente, segundo Israel, eram elementos do Hamas. Apesar de tudo isto, Luís Montenegro não reconheceu ainda o Estado da Palestina nem, como sucedeu no passado durante o último governo PS, reconheceu a vitória do líder da oposição venezuelana, Edmundo González. De que está à espera Luís Montenegro? Tem medo de quê?
Manuel Morato Gomes, Senhora da Hora

Conglomerados empresariais e políticos

Para quem não sabe, a Mota-Engil é um conglomerado português, líder nos sectores da construção civil, obras públicas, operações portuárias, águas, etc. Paulo Portas e Seixas da Costa são, actualmente – para além de outras actividades que eventualmente exerçam – comentadores políticos em canais televisivos – não me ocorre em qual ou quais. Tomei conhecimento que há anos, Paulo Portas (P.P.) promoveu negócios da Mota-Engil na América Latina (e não sei em que mais países) e Seixas da Costa (S.C.) como embaixador da UNESCO possibilitou a barragem do Tua (e não sei que mais) que a Mota-Engil construiu por 400 milhões de euros. Até aqui tudo bem. Mas por que razão estas duas personagens que mencionei são agora – pelo que me dizem – vogais do conselho de administração da empresa? Não seria natural que seguissem outras vias profissionais de acordo com a sua área de estudos? Mas não. Hoje ocupam cargos na Mota-Engil, cargos esses muito bem remunerados. Não entendo porque a Mota-Engil é tão generosa e gratificante para com os ex-governantes. Ou entendo? Já não sei. Provavelmente P.P. e S.C. são muito versáteis e altamente competentes.
António Cândido Miguéis, Vila Real

ESCRITO NA PEDRA

A confiança do ingénuo é a arma mais útil do mentiroso
Stephen King (1947-), escritor

O NÚMERO

25

A Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, realizou, na segunda-feira, 25 partos, o número mais alto desde 2013

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

P

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A esquerda, o centro, a direita e os idiotas úteis

João Vasco Ferreira

Lyndon B. Johnson (L.B.J.), o 36.º Presidente norte-americano, disse em certa ocasião a um membro do seu gabinete: "Se conseguires convencer o homem branco mais pobre de que ele é melhor do que o melhor homem negro, nem se vai aperceber de que o estás a roubar. Raios, dá-lhe alguém para ele desprezar e esvaziará os bolsos para ti." A expressão carrega credibilidade porque L.B.J. tinha feito parte do *Solid South*, um bloco do Partido Democrata essencial na implementação do segregacionismo e das leis de *Jim Crow*. Paradoxalmente, foi também L.B.J. que colocou a pedra final no realinhamento político do Partido Democrata a favor dos direitos civis, empurrando o Sul para os braços do Partido Republicano.

Os republicanos, que já há muito tempo eram o partido dos impostos baixos e do governo mínimo, acolhiam agora, no seu regaço, um dos grupos sociais mais reaccionários dos EUA. À época, e agora, um pouco por todo o mundo, esta aliança existiu, e existe, mesmo que mais ou menos declarada. Está agora mais frágil e desgarrada, ferida pela emergência dos partidos de extrema-direita ou até, como nos EUA, com a tomada de assalto do Partido Republicano por parte de Donald Trump e dos seus bajuladores, que vão escorraçando os moderados, como no poema de Yeats.

O plano da extrema-direita é convencer o eleitorado de que as elites urbanas mandam em tudo, são corruptas e governam apenas para si e não para o povo. Já o que deseja fazer assim que conseguir o poder é outra coisa. Pretende baixar os impostos, que despudoradamente insiste em conseguir conciliar com um certo Estado social, mas em termos que apenas beneficiam muito quem já tem imenso. Quer um regresso ao passado e a uma "moralidade" conservadora, que devolva a sociedade a um *statu quo ante*. É precisa do ódio aos migrantes e restantes minorias para preservar o estatuto dos "verdadeiros" cidadãos, culpando os despossuídos que vêm da miséria dos pobres que já cá estão. Basta observar os recentes ataques aos requerentes de asilo na Inglaterra, ou as manifestações anti-imigração aqui mesmo em Portugal, para perceber o que se está a passar.

Desde o terrorismo económico da austeridade expansionista até esta última crise inflacionária, a confiança do cidadão comum nos políticos, académicos, especialistas e "entendidos" ruiu na razão inversa do crescimento eleitoral da extrema-direita. E, contudo, os últimos meses têm-nos oferecido notáveis exemplos de resistência eleitoral à vaga da direita ultramontana. O Labour conseguiu uma maioria confortável para governar no Reino Unido e vai ter a oportunidade de mostrar trabalho depois de 14 anos de governo *torie*, incluindo o inenarrável "Brexit".

Já a surpreendente aliança entre a coligação de esquerda Nova Frente Popular (NFP) e o Renaissance bloqueou a extrema-direita francesa. A NFP tem agora de formar governo, sem maioria no Parlamento, e com o apoio dos liberais do Renaissance. Para isso, a NFP indicou Lucie Castet para primeira-ministra. Macron, do seu pedestal, disse que não.

> **Para Macron, dar a mão à NFP agora é o mesmo que admitir que está errado e que as suas políticas não funcionam. Mas qual é a alternativa?**

Não tenham dúvidas de que os governos saídos destas vitórias eleitorais têm mesmo de funcionar e executar políticas consensuais de crescimento económico equilibrado e redistribuição de riqueza. Isto não é desespero, é realismo! E Macron e o seu Renaissance já esgotaram grande parte do seu mandato político e eleitoral a implementar políticas ineficazes e extremamente impopulares. Desde a eleição de Macron que a França tem aliado um fraco crescimento económico a uma perda de competitividade dentro da Europa, ao mesmo tempo que tenta aplicar medidas económicas liberais. Cortes nos impostos às empresas e nas pensões, polvilhados com desmantelamento das leis laborais. E, *hélas*, o liberalismo não tem funcionado! Percebe-se, para Macron, dar a mão à NFP agora é o mesmo que admitir que está errado e que as suas políticas não funcionam. E será ainda pior se as coisas correrem bem à NFP. Contudo, qual é a alternativa? A continuar assim, o seu lugar na história será apenas o de um idiota útil. Um facilitador da extrema-direita, que vai impedindo a democracia de funcionar e permitindo que o desespero se instale, na frívola e vaidosa tentativa de salvar a sua face e o seu futuro político.

Investigador e professor convidado na Fac. de Ciências Médicas da U. Nova

O regresso das fronteiras

José Conde Rodrigues

Zygmunt Bauman, o grande pensador polaco, naturalizado britânico, publicou em tempos um opúsculo interessantíssimo com o título *Estranhos à Nossa Porta*, em que reflete sobre as novas vagas migratórias que ultimamente têm chegado à nossa querida e velha Europa.

Para Bauman, na Europa atual, quando os estranhos nos batem à porta, em vez desta, encontram cada vez mais um muro. O muro do nosso medo e da nossa ansiedade, pois são os muros que nos dividem, correspondendo a vários exemplos construídos pelos humanos, desde a Antiguidade até aos nossos dias, começando na Muralha da China, passando pela Muralha de Adriano ou pelo Muro de Berlim, até ao muro entre Israel e a Cisjordânia ou aos muros entre a Hungria e a Sérvia, a Polónia e a Bielorrússia, estes em pleno espaço europeu.

É verdade que os humanos sempre viveram rodeados de barreiras, construíram os seus *limes* (limites) físicos, sociais, culturais ou religiosos. Sempre se fortificaram para sobreviver, para se defender da própria natureza, ou dos outros animais, mas também, e sobretudo, dos seus semelhantes.

Afinal, o que é a casa, o lar, a habitação, senão um abrigo, um espaço dividido, protegido, murado, para proteção de si e dos seus? Uma espécie de caverna primordial ou ventre artificial, a que se veio a somar a proteção divina. Como foi também da necessidade de governar um território delimitado que, algures na península mesopotâmica, nasceu o fenómeno político.

Ora, se sempre existiram muros, fronteiras, *limes*, o que nos inquieta atualmente é a força e a forma como se volta a falar deles e delas, pois significam sempre o regresso do medo e da falta de liberdade. Significam, sobretudo, o não reconhecimento da igualdade entre os humanos. Não uma qualquer igualdade de resultados, niveladora, mas uma igualdade de oportunidades, na dignidade da condição humana.

É nessa igualdade que se encontram as pontes, as portas e janelas que forjam a humanidade. Nas palavras do Apóstolo Paulo de Tarso, *não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher, porque vós sois um só em Jesus Cristo (Gálatas, 3:28)*. Curiosamente, este apóstolo encontra-se sepultado na Basílica de S. Paulo *Extramuros*, em Roma.

Recordemo-nos ainda que foi fugindo de territórios destroçados pela guerra, pela fome ou pela perseguição religiosa e em busca de vidas melhores e mais seguras que sucessivas vagas humanas ajudaram a moldar a Europa contemporânea, tal como as sucessivas vagas de emigrantes que procuraram os Estados Unidos da América aí ajudaram a criar a potência mundial que hoje conhecemos.

O tema não é fácil, se atendermos a que os Estados Unidos da América e a Índia são as únicas potências que estão a crescer demograficamente e que não têm um desequilíbrio excessivo entre a primeira e a terceira geração dos seus nacionais.

Ao contrário, a Europa, a Rússia, o Japão e a própria China vivem com esse desequilíbrio na pirâmide, o que faz antever uma inevitável crise na sustentabilidade dos seus diversos modelos de providência social.

Só que, mesmo tendo em conta a razoabilidade e racionalidade dos fluxos migratórios, os europeus de origem, sobretudo do centro e Norte da Europa (é bom não esquecer que só a Alemanha recebeu nos últimos anos mais de um milhão de refugiados), mas também e cada vez mais, os do Sul, incluindo os portugueses, temem pela sua identidade, temem o que designam *excesso de estrangeirização*.

Ou seja, esses muros, o regresso das fronteiras, essa relação dos humanos com o seu chão, com o território, com as suas marcas, pertenças e identidades constituem não só a agenda da atualidade que infelizmente todos conhecemos, para alguns, a grande questão moral do século XXI, mas será também do sucesso da sua resolução que resultará a sobrevivência das atuais democracias e respetivos valores humanistas.

Para alcançar tal objetivo, a Europa precisa de exorcizar o medo do outro, de ultrapassar a síndrome da invasão bárbara, dos tais *estranhos à nossa porta*, sem, todavia, ceder terreno à nova paranóia identitária da ideologia da vitimização e do falso integracionismo multiculturalista. É que quem chega à grande casa europeia tem de respeitar, para ser respeitado, pois essa é a regra de ouro da milenar hospitalidade humana.

Advogado, presidente do Movimento Europeu em Portugal

Autarquias que comprometem desenvolvimento social

Maria João Bárrios

Os problemas públicos de domínio social são tendencialmente objeto de maior responsabilização do poder local. Isto acontece porque a evolução das necessidades e dos riscos sociais é, cada vez mais, perspetivada de acordo com as especificidades sociais e territoriais, tornando as autarquias locais o principal ator no desenvolvimento de políticas e programas sociais. A maior atuação por parte das autarquias locais beneficia da proximidade que os cidadãos têm do poder local, potenciando a eficiência e a participação das pessoas, criando respostas adequadas a cada realidade local. Na sociedade portuguesa, esta inclinação é concretizada pela descentralização de competências nas áreas da educação, habitação, saúde e ação social.

O desenvolvimento de políticas locais que respondam à complexidade dos riscos sociais exige uma combinação das orientações globais, paradigmas teóricos, experiências empíricas e características socioeconómicas locais. Em determinadas situações, as soluções para os problemas sociais identificados poderão passar pela replicação de programas já existentes, seguindo planos já desenhados anteriormente e/ou medidas em vigor noutros territórios. Mas outros desafios exigem investimento e inovação, alterando arquétipos e perspetivas de intervenção. É necessária formação constante, aquisição contínua de competências de diagnóstico, definição de indicadores e desenvolvimento de estratégias baseadas em conceitos centrais como justiça social, coesão social e sustentabilidade.

Estarão os autarcas preparados e capacitados para realizar tomadas de decisão informadas na condução das políticas sociais locais?

Certamente que identificamos perfis de autarcas com competências e capacidades de aquisição rápida de conhecimento nos diversos domínios sociais, sendo eficientes na resposta ao repto lançado. Este perfil é favorável à produção de diagnósticos sociais precisos e respostas articuladas, com enquadramentos orientados por paradigmas atualizados e inovadores, como estratégias robustas de desenvolvimento sustentável.

Mas vejamos problemas relacionados com dois perfis com formas de gestão autárquica que podem determinar o insucesso das respostas municipais na promoção do bem-estar social das comunidades.

Em muitos municípios portugueses, elegem-se autarcas sem experiência prévia em atividade política, gestão pública e traquejo deliberativo. A participação de novos atores na política é benéfica em termos de renovação democrática. Contudo, a falta de conhecimento adequado e preparação dos decisores resulta em desafios significativos, podendo comprometer a eficácia das políticas locais, ao enfrentarem dificuldades no confronto com as complexidades administrativas. Por desconhecerem as competências fundamentais da administração pública e as balizas autárquicas, neles impera uma necessidade de formação em matérias que passam pelos quadros jurídico, financeiro, de contabilidade, de gestão de recursos, de transparência ou de contratação pública. Nestas condições, o investimento nessa formação é priorizado em detrimento da procura de conhecimentos específicos relativos aos problemas sociais e oportunidades de inovação social. Até porque a criação de respostas sociais inovadoras depende do conhecimento dessas funções, entendidas como requisitos potenciadores das formas de governança local.

Mas inovar na resposta aos desafios sociais é também arriscar. Estarão os autarcas dispostos correr esse risco? Há um perfil no sistema que é resistente à mudança. Falamos de autarcas de permanência prolongada no poder sem nunca terem exercido uma profissão ou demonstrado competências fora da política. Muitos foram assessores, tornaram-se vereadores e alguns chegaram a presidentes de câmara municipal. Fazem dos mandatos sucessivos uma profissão, que não é! Quer isto dizer que não têm uma carreira profissional que pudessem retomar com satisfação, caso deixassem de exercer um cargo político. Nestes casos, a perda do mandato significaria uma queda na posição que ocupam na hierarquia e a perda do papel social. E que perigo que este perfil representa para o desenvolvimento social dos territórios! Para estes autarcas, que têm tudo a perder, é prioritário segurar o mandato e garantir a reeleição, o que leva à estagnação e evita políticas arriscadas que, embora potencialmente benéficas para as comunidades, possam ameaçar sua posição política. O risco associado às mudanças necessárias reforça a inércia e a manutenção dos vícios dos aparelhos municipais, muito robustecidos pela distorção do princípio da subsidiariedade e pela manipulação da criação de empregos públicos locais para fins políticos. Assim se cria um ambiente que compromete o desenvolvimento social e hipoteca a inovação social, com políticas sociais locais conservadoras e pouco progressistas.

É importante promovermos uma cultura que valorize um equilíbrio entre seis elementos:

> **Muitos fazem dos sucessivos mandatos uma profissão — que não é —, não têm uma carreira que pudessem retomar com satisfação, caso deixassem de exercer um cargo político**

1. Experiência profissional fora do ambiente político. A introdução de limites no tempo de exercício de cargos políticos incentivaria a renovação e evitaria a estagnação e a perpetuação dos vícios.

2. Aptidões políticas de tomadas de decisão informadas, com conhecimento das especificidades e potencialidades locais;

3. Competências e/ou formação em matérias centrais da administração pública local;

4. Compromisso firme com a capacitação e formação contínua para os decisores nos diversos domínios das políticas sociais, de forma a gerirem os recursos públicos a favor de soluções adaptadas a cada território, focadas na justiça social, na inclusão social e na equidade;

5. Reforço das abordagens *bottom-up*, que constitui um pilar do sucesso das políticas sociais, ao valoriza a transparência e a participação dos cidadãos e organizações locais no processo de tomada de decisão;

6. Adoção de estratégias únicas, macro e integradas no quadro do desenvolvimento sustentável, com modelos de ação em governança na coprodução de bem-estar social. Isto é, políticas articuladas e intersetoriais, que beneficiam da colaboração entre os setores público, privado e social, e da cooperação a vários níveis de ação pública (supranacional, nacional e local);

Este equilíbrio enriquecerá a gestão pública, com respostas inovadoras e adequadas às necessidades sociais evolutivas das comunidades, beneficiando toda a sociedade e promovendo o bem-estar social.

Professora de Política Social no ISCSP-U.Lisboa

PAULO PIMENTA

PS responde a desafio de Marcelo: "Um pacto de regime para a Saúde com que medidas?"

Deputados socialistas já visitaram quatro hospitais com urgências de ginecologia e obstetrícia encerradas. Questionam prioridades e medidas do Governo

Maria Lopes

As notícias de urgências de obstetrícia e ginecologia fechadas sucedem-se e o PS resolveu ir para a rua: os deputados socialistas já visitaram quatro dos locais mais problemáticos e de portas fechadas a grávidas nas últimas semanas, quando a falta de médicos nas escalas começou a levar ao encerramento de serviços durante vários dias e ao desvio de mulheres para outros hospitais. Agora, ao desejo do Presidente da República, que na segunda-feira suspirou por um pacto de regime para o sector da Saúde que traga estabilidade e atravesse mais do que um ciclo político, os socialistas respondem: "Não conhecemos o que se pretende com um pacto de regime para a Saúde. Que medidas são essas e em que sentido vão?", questiona-se o deputado João Paulo Correia, coordenador dos socialistas na respectiva comissão parlamentar.

"A resposta ao desafio para fazer um pacto não pode ser 'sim' só porque sim nem 'não' só porque não. Só podemos responder depois de se conhecerem as políticas para o futuro do Serviço Nacional de Saúde (SNS). E o Plano de Emergência e Transformação na Saúde está muito longe do que devia estar a ser resolvido já", considera o socialista. Que lembra que, perante as primeiras notícias de fecho de urgências, o primeiro-ministro "veio pedir unidade, mas no dia seguinte foi ao Santa Maria com o Presidente da República para dizer que o plano veio para ficar apesar de não estar a resultar e que vamos esperar um ano para ver se resulta".

"Não podemos aceitar um pacto de regime que signifique esperar tanto ou que sirva para desviar recursos para o privado. O PS olha para o privado como uma complementaridade e não como substituição", acrescenta, reiterando que, "sem saber o que o executivo pretende fazer" a médio e longo prazo e que "medidas terá para implementar", não faz sentido exigir um pacto de regime.

Na segunda-feira, já de férias em Monte Gordo, Marcelo Rebelo de Sousa afirmou à SIC Notícias ser "fundamental" um "pacto de regime no sentido de haver uma continuidade política" nas medidas da Saúde para dar "estabilidade" ao SNS. Tal como fizera à saída da visita ao Hospital Santa Maria com Luís Montenegro, o Presidente afirmou que o anterior Governo "não tinha começado ainda a aplicar a reforma que pretendia no modelo de gestão do SNS, e havia lugares por preencher".

A mesma ideia do pacto de regime fora deixada pelo antigo líder do PSD e actual conselheiro de Estado Luís Marques Mendes, na véspera, no seu habitual comentário na SIC. Marcelo também admitiu que neste plano de emergência do Governo da AD "há medidas que são fáceis de aplicar e que há outras que são mais lentas" e que até ele próprio criou demasiadas "expectativas" de que a situação iria melhorar mais depressa do que realmente está a acontecer.

Deputados socialistas acusam Governo de ter piorado as condições do SNS

Na manhã de ontem, João Paulo Correia visitou, com os deputados Eurico Brilhante Dias e Walter Chicharro, ambos eleitos pelo distrito de Leiria, o Hospital de Santo André, onde se reuniram com o conselho de administração da Unidade Local de Saúde de Leiria. O objectivo foi o mesmo de anteriores encontros dos socialistas com administrações hospitalares desde a passada semana: saber das dificuldades que levam ao encerramento das urgências de ginecologia e obstetrícia e "dificultam a resposta do Serviço Nacional de Saúde às populações", descreve o PS.

Fizeram o mesmo anteontem no Algarve, e há uma semana em Lisboa (no Hospital de Santa Maria) e no Barreiro (na ULS do Arco Ribeirinho). Hão-de seguir-se, nos próximos dias, as unidades locais de saúde do Médio Tejo (com a visita ao Hospital de Tomar) e da Lezíria (Santarém). Ontem havia seis serviços desta natureza encerrados e no fim-de-semana chegarão aos oito.

"Foi a quarta administração hospital com quem reunimos e que enfrenta dos encerramentos mais problemáticos de urgência de obstetrícia e ginecologia. Ficámos a saber que são dificuldades [de funcionamento] que a ULS de Leiria enfrenta há algum tempo e que eram do conhecimento da Direcção Executiva do SNS e do Governo mas que nada fizeram para evitar o encerramento. Por causa disso, várias grávidas tiveram que ser mandadas para Coimbra e para o Porto para poderem dar à luz. E não há novidades sobre quando os problemas estarão resolvidos", descreve João Paulo Correia.

Questionado sobre se esse tempo se reporta também ao período em que o PS estava no Governo, o deputado admite que "algumas ULS enfrentam dificuldades há alguns meses e outras já as tiveram no ano passado [no Verão], mas houve decisões tomadas há pouco tempo" que pioraram a situação, acusa o deputado, seguindo a linha de argumentação que tem sido usada pelo PS.

"A saída da anterior direcção executiva terminou com o processo de planeamento e reestruturação que estava no terreno apenas há poucos meses, e em que as várias unidades se complementavam", aponta João Paulo Correia, que acrescenta que a ministra Ana Paula Martins alterou o calendário do concurso de admissão de médicos especialistas que devia ter sido feito em Maio. "Estamos em Agosto e ainda nenhum hospital integrou médicos recém-formados, que evitariam o encerramento de serviços", argumenta.

MAC alerta para risco de ruptura

A Maternidade Alfredo da Costa (MAC), em Lisboa, realizou na segunda-feira 25 partos, o número mais alto desde 2013, com "um grande esforço" dos profissionais que não é possível manter por muito mais tempo, alertou ontem a presidente da instituição. "Desde 2013, ano em que houve a integração da MAC no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central, que não se faziam tantos partos", disse à agência Lusa a presidente da Unidade Local de Saúde (ULS) São José, Rosa Valente de Matos, enaltecendo "o grande esforço" de uma equipa que "tem alterado as suas férias, o seu período de descanso, para poder responder, neste momento, às necessidades" do país e da zona de Lisboa.

A administradora alertou, contudo, que este esforço "não é possível de manter por muito mais tempo", porque a equipa é a mesma que foi pensada para realizar um menor número de partos e "os profissionais têm as suas limitações e estão cansados".

"Este esforço não pode ser contínuo. Os profissionais não aguentam. Temos estado a trabalhar em rede com o director executivo no sentido de que as grávidas que possam ter alta possam ir para os hospitais de origem", disse, observando que 60% das mulheres que a MAC está a atender são de fora da área de Lisboa.

Perante o fecho previsto de sete urgências de ginecologia e obstetrícia amanhã, oito no sábado e sete no domingo, defendeu que a abordagem em termos de articulação vai ter de ser ainda maior por parte dos outros hospitais para poderem receber as mulheres. **Lusa**

MANUEL ROBERTO

O fecho de urgências, que era para ser rotativo, estende-se a várias unidades hospitalares

Os problemas do SNS exigem soluções estruturais

Opinião

Frederico Rosa

As urgências de ginecologia e obstetrícia de diferentes hospitais portugueses encerraram nos verões de 2022, 2023 e, mais uma vez, em 2024, um problema que continua a agudizar-se em diferentes pontos do nosso país. O que começou por ser uma situação pontual transformou-se, para nosso espanto e inquietação, numa perigosa rotina com enorme impacto no acesso da população a cuidados de saúde primários e urgentes.

O problema é sério, agrava-se de ano para ano e não se vislumbra uma solução. Outras dificuldades do Serviço Nacional de Saúde, também sem perspetiva de resolução, afetam a vida de milhares de pessoas.

É urgente deixar de colocar pensos rápidos em fraturas expostas. Ninguém fica indiferente ao ler, repetidamente, notícias sobre as vagas por preencher no SNS, sobre a contínua emigração de enfermeiros, sobre a falta de médicos de família ou sobre as intermináveis listas de espera para cirurgias.

No nosso país fala-se muito em "pactos de regime", embora as ações raramente acompanhem as palavras. Precisamos de um sobressalto cívico que conduza as várias forças partidárias a um consenso sólido para o futuro do SNS, para que este possa estar verdadeiramente ao serviço de todas as populações, independentemente da sua localização geográfica.

Nos 50 anos da democracia, é tarefa de todos honrar aquela que é uma das maiores conquistas do 25 de Abril. Para tal, coloquemos a saúde dos portugueses acima das agendas políticas e partidárias, e de calendários eleitorais.

Se nada for feito, continuarão adiadas questões essenciais como a valorização salarial dos profissionais de saúde ou a existência efetiva de uma rede de cuidados primários, equipada com meios de diagnóstico para aliviar a pressão sobre as urgências hospitalares.

Se nada mudar, daqui a um ano voltaremos a ser confrontados com as mesmas notícias, que mostram as mesmas falhas, ficando depois ao critério de cada um fingir ou não surpresa. A defesa do interesse dos portugueses exige que respondamos, em conjunto, às suas legítimas expectativas.

Os problemas graves do SNS exigem de todos medidas rápidas, mas, acima de tudo, soluções duradouras e estruturais.

Presidente da C. M. do Barreiro

Chega apresenta medida idêntica à dos Açores sobre acesso à creche

Rui Pedro Paiva

Ventura insiste em dar prioridade aos filhos de pais com trabalho. Nos Açores, medida já é moeda de troca para o Orçamento

O Chega entregou na Assembleia da República uma proposta para dar prioridade a filhos de pais com emprego no acesso à creche, uma iniciativa idêntica à que o partido apresentou nos Açores e que foi aprovada com o acordo do PSD.

De acordo com o projecto de resolução, disponível no *site* do parlamento, o partido de André Ventura propõe uma emenda à legislação para introduzir "critérios adicionais de admissão e priorização" no acesso às creches. O objectivo é dar "prioridade a crianças pertencentes a agregados familiares cujos progenitores ou encarregados de educação possuam ocupação laboral, impeditiva de cuidarem dos filhos", segundo o documento. Com a proposta, o Chega diz querer "corrigir" a situação actual, que considera "injusta socialmente" e discriminatória das famílias que trabalham.

No parlamento açoriano, a resolução foi aprovada com os votos a favor do PSD-A, que lidera o executivo regional, do CDS-PP e PPM (que também fazem parte do governo) e a abstenção da IL.

O Governo da República distanciou-se da proposta açoriana que motivou dúvidas de constitucionalidade e colocou o país a discutir a contaminação dos moderados pela direita radical. Tal como acontece na República, nos Açores, o PSD também governa em minoria. Contudo, ao passo que Montenegro abriu a porta a negociações com o PS, Bolieiro tem, desde 2020, o apoio do Chega para governar a região.

Questionado pelo PÚBLICO, o Governo de Montenegro demarcou-se da iniciativa, assumindo a intenção de tornar o acesso à creche o mais abrangente possível e afastando-se de uma lógica assente na discriminação positiva dos filhos de pais com emprego, que pode ser excludente de filhos de pais sem vínculo laboral.

Na legislatura passada, em 2023, o Chega apresentou na Assembleia da República uma recomendação ao Governo no sentido de dar prioridade no acesso às vagas nas creches às crianças com ambos os pais trabalhadores e a IL apresentou mesmo um projecto de lei nesse sentido. As duas iniciativas acabaram chumbadas pelos votos contra do PS e Bloco, mas PSD, PCP, e Livre abstiveram-se. O PAN absteve-se na iniciativa da IL e votou contra a do Chega.

O Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social salientou então "que não está previsto, da parte do Governo, alterar os critérios que estão estabelecidos no acesso às creches". "Aliás, alterámos o critério da abrangência territorial, de concelho para freguesia, para conseguir ter mais vagas e não vamos mudar mais critérios", vincou o gabinete da ministra Maria do Rosário Palma Ramalho.

Nos Açores, o presidente do Governo Regional, que começou por fazer a defesa ideológica da medida – "os que vivem em pobreza têm subvenção de apoio público para a sua sobrevivência, têm filhos e podem tomar conta dos filhos", disse Bolieiro -, tem vindo a recuar e nas últimas declarações públicas sobre o assunto até admitiu não aplicar o critério.

Antes, a secretária regional da Saúde e Segurança Social, durante a discussão na Assembleia dos Açores, explicou que o critério do vínculo laboral dos pais no acesso à creche iria ser avaliado num projecto-piloto destinado a abranger uma comunidade específica no ano lectivo 2025/26. Só que a posição dúbia de Bolieiro não deixou satisfeito o Chega-A, que já veio exigir a implementação da medida em troca da aprovação do Orçamento para 2025. "[Se a medida não for aplicada] o próximo Orçamento cai e temos eleições novamente", avisou o deputado e líder regional do Chega-A, citado pela Lusa. Nos Açores, o acesso às creches poderá ditar o curso da estabilidade.

André Ventura, presidente do Chega

Estudar no ensino superior custa, em média, 900 euros todos os meses

Mais de 84% do rendimento dos estudantes (que provém essencialmente da família) é canalizado para despesas relacionadas com o "custo de vida". A maior fatia é, sem surpresas, para a habitação

Mariana Durães e Inês Chaíça

Novecentos e três euros e noventa cêntimos: é de quanto precisa um estudante do ensino superior, em média, todos os meses. O alojamento, a alimentação e os transportes são os responsáveis pelas fatias mais relevantes. A conclusão é de um estudo do Iscte, inserido no Projecto Europeu Eurostudent VIII, que analisou as condições de vida e de estudo dos alunos do ensino superior. Foram inquiridos, *online*, mais de dez mil estudantes.

O "custo de vida" é o maior responsável pelas despesas, incluindo nove categorias de consumo: alojamento, alimentação, transporte, comunicação, saúde, assistência à infância, pagamento de dívidas (excepto amortizações), actividades de lazer social e outras despesas comuns. Para suportar tudo isto, os estudantes despendem, em média, 762 euros por mês, mais de 84% das despesas totais.

O relatório mostra também que o montante necessário para despesas mensais depende da idade do estudante e de este ser trabalhador ou não. Os estudantes mais velhos e com mais horas de trabalho, assim como os que têm rendimentos próprios, são os que assinalam uma despesa maior por mês: 1269 euros. Em contrapartida, são os bolseiros que gastam menos: em média, cerca de 518 euros mensais.

Sem surpresas, o alojamento é "a despesa com mais impacto no conjunto de encargos", correspondendo a 33,5% da despesa mensal, refere o estudo. Em termos médios, "mas com situações muito diversas", salvaguardam os autores, são precisos 300 euros por mês só para pagar habitação. Este valor aumenta para os estudantes deslocados a estudar em Lisboa, que precisam, em média, de 363 euros para alojamento.

A situação de residência dos estudantes do ensino superior é "relativamente diversificada". Quase metade (49,3%) vive em casa dos pais ou de familiares. Ainda assim, o estudo aponta que "houve uma redução dos estudantes que vivem com os seus pais" face à edição de 2020/2021.

O número é mais alto entre os que têm até 21 anos (55,3%) e assim se mantém até aos 24 anos (55,7%), e entre os que estudam em Lisboa (56,2%), o que "pode estar relacionado com o tipo de custos de alojamento que têm sido observados nos últimos anos nesta região".

MANUEL ROBERTO

NUNO FERREIRA SANTOS

Estudantes reclamam que são necessárias mais residências: despesa com alojamento pesa 33,5% nos seus encargos

Bolsas longe de cobrir custos

Longe vão os tempos em que se olhava só para as propinas como as únicas despesas do ensino superior, refere João Machado, vogal da direcção do Conselho Nacional da Juventude com o pelouro da Educação. A parte má que os dados mostram é que, se nada for feito, o ensino superior arrisca-se a não cumprir o "papel de elevador social que tem tido até agora". "O problema é que a acção social, mais concretamente as bolsas, não consegue ainda cumprir o custo real da frequência do ensino superior", acredita. É verdade que não cobrem apenas a propina, "o que é positivo", mas ainda há falhas. Por exemplo, falta que se olhe para o custo dos materiais de estudo ou que se preveja um "complemento de transporte", que permita que os estudantes possam ir a casa visitar os pais.

Apesar disso, a habitação é o tema incontornável, que, na visão de João Machado, só se revolve com mais oferta nas residências estudantis, "cumprindo com urgência" o Plano Nacional para o Alojamento no Ensino Superior (PNAES), com os fundos do Plano de Recuperação e Resiliência. Só 9% dos estudantes inquiridos vivem em residências estudantis e são esses os que "conseguem ter uma despesa média mais baixa com o alojamento". São também os mais novos que aqui vivem e, em média, gastam 213 euros por mês.

No entanto, números recentes mostram que só 32% das necessidades dos estudantes deslocados estão garantidas pelo PNAES: o número de camas disponíveis ronda as 35 mil, para 110 mil estudantes deslocados.

Ainda que em Maio o Governo tenha anunciado mais 709 camas para estudantes em pousadas do Inatel e da juventude (a maior oferta para Lisboa e Porto, com 208 e 130 camas, respectivamente), os estudantes acham a medida insuficiente. Mariana Barbosa, da Federação Académica de Lisboa, apontou, à data, que esta era uma ajuda mas não resolvia o problema. Referiu também que os quartos das pousadas "não estão adequados, muitas vezes, ao que é a vivência dos estudantes, não têm cozinha e são para três ou quatro pessoas".

Para João Machado, outras medidas servem apenas como paliativos, como o aumento do complemento de alojamento. "O complemento de alojamento é uma medida que, em teoria, é bem pensada e que ajuda a colmatar um grande custo dos estudantes, que é o facto de terem de ir ao mercado privado para arrendar quartos. Mas tem aqui uma grande falha, porque requer um contrato ou um recibo verde", ilustra. "Acaba por ser ineficaz porque há muitos senhorios que não querem assinar contratos ou passar recibos", dificultando o acesso.

Em Março, as federações académicas de Lisboa e Porto já tinham alertado para a dificuldade que o custo do alojamento representa para os universitários. Segundo o simulador do Observatório do Alojamento Estudantil, o preço médio para um quarto em Lisboa é de 480 euros, havendo 2602 disponíveis; no Porto, há 795 quartos, a um preço médio de 386 euros; em Coimbra são 485 por, em média, 270 euros.

Sem soluções específicas para este problema, muitos são forçados a desistir. No final do ano passado, a Federação Académica de Lisboa divulgou um inquérito que revelava que um terço dos estudantes já ponderou abandonar o ensino superior, apontando a saúde mental como principal factor e os custos logo de seguida - com o alojamento a surgir como a despesa mais relevante. E que volta a ser referido por João Machado, que descreve o fenómeno de estudantes que não se matriculam ou que desistem como "silencioso" e até envergonhado – e por isso difícil de concretizar. "Quando isso acontece, os mais prejudicados são aqueles que já têm condições socioeconómicas mais desfavoráveis. Cada estudante que não entra no superior configura um atraso do país", acredita.

Um dado que se mantém em relação a edições anteriores do inquérito é a dependência da família enquanto "principal fonte de rendimentos", sendo dela que provém o montante mensal médio de 898,4 euros de que 96,3% dos inquiridos dependem. A escolaridade dos pais "é relativamente expressiva das possibilidades dos apoios prestados", diz o relatório: filhos de pais com baixa escolaridade contam com menos rendimentos da família, em comparação com os filhos de pais com educação superior.

Há uma nova disciplina obrigatória no secundário, chama-se Literacias

Clara Viana

Faz parte dos cursos "*à la carte*", que passam a ser a marca dos novos "projectos-piloto de inovação pedagógica"

Os alunos do ensino secundário que estejam em escolas com os novos "projectos-piloto de inovação pedagógica" vão contar com mais uma disciplina na componente de formação comum. Às disciplinas de Português, Língua Estrangeira, Filosofia e Educação Física vai juntar-se uma nova, designada Literacias, segundo estipula um despacho de "autorização para a realização de projectos-piloto de inovação pedagógica (PPIP)", publicado em *Diário da República* na segunda-feira.

Sobre esta nova disciplina, adianta-se apenas que será "focada em diversas literacias" e terá as suas Aprendizagens Essenciais (programas curriculares) homologadas. No diploma esclarece-se que "os PPIP são concebidos por estabelecimentos de ensino público e privado, mediante convite da Direcção-Geral da Educação, iniciando-se a sua implementação no ano lectivo de 2024-2025".

Os planos de inovação pedagógica foram lançados, em 2019, pela anterior tutela, no âmbito das medidas de promoção do sucesso escolar. No final de 2021 existiam em 95 agrupamentos (num total de mais de 800). As escolas com estes planos foram autorizadas a construir um ensino secundário diferente, com a criação dos chamados "percursos formativos próximos", que permitem aos alunos montar o seu curso "*à la carte*", escolhendo entre todas as disciplinas existentes, mesmo sendo de cursos diferentes.

É esta experiência que a actual tutela pretende prolongar, embora com algumas alterações. A partir do final de 2021, os alunos em "percursos formativos próprios" deixaram de ser obrigados a realizar a componente de formação geral, comum aos quatro cursos científico-humanísticos. O despacho agora publicado faz marcha-atrás neste domínio, voltando a estipular a obrigatoriedade de frequência e aprovação nas disciplinas daquela componente e até acrescentando-lhe uma nova.

Quanto à componente específica, diferente de curso para curso, mantém-se a liberdade de escolha entre as disciplinas dos cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais, "bem como outras criadas pela escola". Mantém-se também este requisito: para a conclusão do secundário, têm de realizar "pelo menos uma disciplina trienal, duas disciplinas bienais e duas disciplinas anuais, sendo ainda obrigatória a aprovação em todas as disciplinas do plano de estudos".

Os planos de inovação pedagógica foram lançados, em 2019, pela anterior tutela, no âmbito das medidas de promoção do sucesso escolar. No final de 2021 existiam em 95 agrupamentos

Prova de aptidão

No domínio das novidades, parece haver outra mudança de peso. As matrizes dos projectos de inovação pedagógica de cada escola, na oferta científico-humanística, "devem integrar uma área curricular designada 'Projecto Pessoal', que visa o aprofundamento dos conhecimentos, capacidades e competências previstas no Perfil dos Alunos, nas Aprendizagens Essenciais e na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania". O que quer dizer que a actual tutela, da AD, acolhe os documentos estratégicos com que os Governos do PS pretenderam mudar as escolas e o ensino.

Ainda sobre a nova área curricular, o diploma indica que será desenvolvida "através da concepção, implementação e avaliação de projectos aplicados, por parte dos alunos. Estes projectos podem ser de natureza científica, tecnológica, artística, social, cultural ou outra, a aprovar pelo respectivo conselho de turma".

Esta nova área terá "classificação final no ano terminal da mesma e contempla a realização de uma prova de aptidão pública (PAP)." Até agora, estas provas destinavam-se apenas aos alunos do ensino profissional e do ensino artístico especializado, sendo obrigatórias para a sua conclusão do ensino secundário. O PÚBLICO aguarda mais esclarecimentos do Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI). De referir ainda que os alunos poderão só efectivar a escolha por estes cursos "no 11.º ano, permitindo uma maior reflexão e solidez nas decisões académicas".

Os cursos "*à la carte*" também poderão ser escolhidos pelos alunos dos cursos profissionais, como aliás já sucedia. Mas agora com maior liberdade de escolha. Poderão substituir as disciplinas das componentes sociocultural e científica por outras, inclusive pelas de cursos científico-humanísticos, desde que a matriz que resulte deste exercício garanta "a coerência do curso profissional em causa". Até agora, era obrigatória a inclusão de "duas a três disciplinas da componente científica" dos cursos profissionais. Os projectos-piloto de inovação pedagógica estarão em "regime de experiência pedagógica durante três anos".

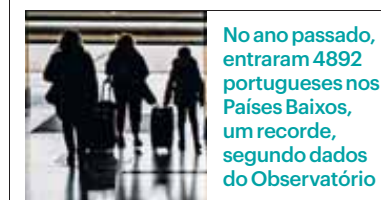
Na área científico-humanística, passará a haver uma área curricular designada 'Projecto Pessoal', que inclui a realização de uma prova de aptidão pública

DANIEL ROCHA

Países Baixos já superam Reino Unido na emigração

Foi o porto seguro longe de casa de centenas de milhares de jovens portugueses qualificados, de várias áreas e durante vários anos, mas o Reino Unido deixou de ser o principal destino de emigração portuguesa. Eis os Países Baixos, também com menos sol, mas com condições de vida e de trabalho difíceis de bater.

No ano passado, entraram 4892 portugueses nos Países Baixos, um recorde, segundo o Observatório da Emigração, que cita dados do instituto de estatística neerlandês. A emigração portuguesa para o país da Europa central tem vindo a crescer desde 2015 (excluindo a queda a pique de 2020, devido à pandemia de covid-19). Em 2015, entraram 1860 portugueses; foram 4533 em 2022.

Em 2023, os portugueses representaram apenas 1,6% das entradas de estrangeiros, mas os jovens qualificados estão a pôr o Norte da Europa e os Países Baixos no mapa da emigração portuguesa.

No ano passado, entraram 4892 portugueses nos Países Baixos, um recorde, segundo dados do Observatório

Já no Reino Unido entraram 4414 portugueses em 2023. Em 2015, tinha sido um recorde de 32.300. Desde 2017 que o número de emigrantes para o país tem vindo a diminuir e, desde o "Brexit", "o declínio foi tão rápido e intenso como o crescimento", refere-se no *Atlas da Emigração Portuguesa*, que já no início do ano apontava o foco para a ascensão dos Países Baixos. Por lá, aos salários mais elevados, progressão na carreira e flexibilidade no trabalho junta-se o apelo que o Reino Unido também tinha: a língua inglesa é língua-mãe em muitas das empresas em Amesterdão e Roterdão.

Ainda sem dados para 2023, estima-se que em 2022 tenham emigrado 70 mil portugueses, mais cinco mil do que no ano anterior. Foram maioritariamente trabalhar para Espanha, França e Suíça, indica o relatório do Observatório da Emigração, publicado há um mês. Nesse relatório já se indicava que a quebra da emigração para o Reino Unido justificava as saídas abaixo do nível pré-covid (emigraram 80 mil pessoas em 2019). "Em rigor, a emigração portuguesa é hoje superior aos níveis pré-covid na maioria dos seus destinos principais", sublinhou.

APAV está a receber 55 pedidos de ajuda por dia, mais do que no ano passado

Ana Henriques

Até Junho, houve 14.398 participações de violência doméstica. Maus tratos de pais contra filhos representam 10% dos casos

No primeiro semestre de 2024, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebeu 55 pedidos de ajuda por dia, num total de 385 por semana. Se a tendência se mantiver até Dezembro, isso significa um aumento significativo em relação ao ano passado: em 2023, foram recebidos 47 pedidos de ajuda por dia, num total de 301 por semana.

Os indicadores apontam para uma subida de vários géneros de casos reportados à associação. Desde logo, parece registar-se um recrudescimento da violência doméstica, que a meio deste ano contava já com 14.398 participações, quando o total de 2023 não chegou às 24 mil. Neste contexto, a violência de pais contra filhos assume especial destaque. Embora ainda não atinja níveis idênticos aos dos cônjuges, neste primeiro semestre representou quase 10% dos casos registados pela APAV entre Janeiro e Junho, sendo que na maioria dos casos diz respeito a casos de vitimação que se prolongou no tempo, às vezes durante anos.

A APAV não dá nota de casos concretos naquele que é o seu primeiro relatório semestral, mas as sentenças que o Ministério da Justiça disponibiliza *online* dão conta da cada vez menor tolerância da justiça para com este tipo de fenómenos.

Em Junho passado, um trabalhador agrícola foi condenado a cinco anos de cadeia efectiva por causa das tareias que dava ao enteado e à filha quando estava alcoolizado.

Entre 2018 e 2023, o agressor desferiu bofetadas, socos e pontapés no rapaz de seis anos, a quem chamava "burro", "deficiente" e "cabrão". Chegou a tentar obrigá-lo a beber cerveja. A filha de três anos também levava palmadas. Só escapou ao agressor um terceiro irmão que, talvez por ser ainda bebé, não foi submetido ao mesmo tratamento.

O caso passou-se em Vimieiro, no concelho de Arraiolos, nunca tendo o trabalhador agrícola mostrado qualquer tipo de arrependimento. Empregada num lar de idosos, a mãe das três crianças foi condenada a uma pena suspensa por ter assistido a tudo e nada ter feito para proteger os filhos. Nem no dia em que no meio de mais uma tareia viu o companheiro atirar o rapaz para o sofá "como se fosse um boneco". Vai ter de indemnizar os filhos, que entretanto foram todos institucionalizados, num total de 2500 euros, enquanto o pai vai ter de pagar cinco mil euros ao enteado e à filha.

Também foi decretado pelo tribunal de primeira instância que o trabalhador agrícola ficasse inibido de responsabilidades parentais e proibido de contactar os três menores nos próximos cinco anos, por forma a que a recuperação do sofrimento físico e psicológico não fosse perturbada e também para que a segurança do bebé não viesse a ficar comprometida no futuro. Porém, um erro judicial obrigou o Tribunal da Relação de Évora a revogar esta pena acessória.

MANUEL ROBERTO

Maioria das queixas são relativas a vitimização prolongada

Em Junho, homem foi condenado a cinco anos de cadeia efectiva por causa das tareias que dava ao enteado e à filha

Discriminação e ódio

O caso tem alguns contornos pouco habituais. Desde logo a aplicação de uma pena efectiva de cadeia, apesar de não existirem registos clínicos das agressões, que nunca terão levado a tratamento médico. Para se ter uma ideia da medida das penas aplicadas em situações que suscitam maior repúdio social, é comum abusadores sexuais de menores condenados pela primeira vez beneficiarem da suspensão da pena.

Carla Ferreira, da APAV, salienta o facto de a progenitora ter sido igualmente sentenciada pelo crime de violência doméstica, no seu caso cometido por omissão. "Nem sempre vemos isso acontecer", congratula-se.

As tendências estatísticas deste primeiro semestre de 2024 dão também conta de um aumento das queixas à associação relacionadas com crimes sexuais contra crianças e jovens, uma vez que já existem mais de mil participações e o ano de 2023 fechou com 1760. Destaque igualmente para a subida de episódios de discriminação e incitamento ao ódio e à violência: só nos primeiros seis meses deste ano a APAV recebeu 180 queixas, contra 193 em todo o ano de 2023.

Um aumento do número de pedidos de ajuda não significa necessariamente que estes fenómenos se agravaram, ressalva Carla Ferreira: pode apenas querer dizer que há mais vítimas conscientes dos seus direitos e também maior consciencialização das diferentes entidades, uma vez que a APAV recebe também participações vindas das autoridades policiais e dos tribunais.

A nível etário, registou-se neste primeiro semestre um número de agressores idosos, acima dos 65 anos, que também já supera metade dos casos de todo o ano passado, altura em que a APAV ainda não fazia relatórios estatísticos semestrais.

Advogados ameaçam paralisar tribunais durante Setembro

Ana Henriques

A Ordem dos Advogados está a apelar aos oficiosos para que se recusem a fazer o serviço urgente, as chamadas escalas de serviço aos tribunais, durante todo o mês de Setembro. "Dia 2 de Setembro pára tudo. Vamos fazer parar o sistema", antecipa a bastonária dos advogados, Fernanda Almeida Pinheiro.

O protesto visa pressionar o Governo para concluir, a tempo do Orçamento do Estado do ano que vem, as negociações sobre o aumento da tabela salarial das defesas oficiosas. A bastonária dá alguns exemplos dos honorários que o Estado paga aos cerca de 12 mil profissionais inscritos no Sistema de Acesso ao Direito, e que não são aumentados há duas décadas: "Uma consulta jurídica são 26 euros antes dos impostos e um julgamento criminal 204. Se tiver mais de duas sessões são pagos mais 76,4 euros por sessão extra. As deslocações não são por norma reembolsadas, embora haja quem tenha de fazer 50 quilómetros para chegar ao tribunal e outro tanto para regressar".

Fernanda Almeida Pinheiro recorda que os advogados escalados para o serviço de prevenção, que só são chamados no caso de aparecerem em tribunal arguidos sem defesa constituída, não ganham um tostão, a não ser que tenham de levar a cabo alguma diligência. Mas têm de estar disponíveis ao longo das 24 horas dos dias em que estão escalados.

A Ordem dos Advogados propôs ao Governo um aumento da tabela de honorários na ordem dos 20%. Mas depois de três reuniões com a tutela, conta a bastonária, o Ministério da Justiça falou na necessidade de continuar as negociações ao longo de todo o mês de Setembro.

"As negociações não estão a decorrer com a prioridade que o assunto impunha, não demonstrando o ministério intenção de acomodar essa alteração à tabela de honorários no Orçamento de Estado para 2025", diz um comunicado que a Ordem dirigiu à classe, e no qual apela aos oficiosos que não se inscrevam nas escalas presenciais e de prevenção de Setembro.

Fernanda Almeida Pinheiro insiste que é preciso rever a tabela do valor das defesas oficiosas

"Caso entendam que a remuneração actual não é proporcional aos serviços prestados, os advogados e advogadas poderão e deverão, individualmente, não se inscrever nas escalas, dando sinal claro ao poder político de que a advocacia não está disponível para trabalhar com os valores de uma tabela que fará este ano 20 anos", refere o mesmo comunicado.

Fernanda Almeida Pinheiro espera que o protesto tenha grande adesão: "É impossível continuar a trabalhar nestas condições". Não se trata de uma greve, ressalva, uma vez que os advogados são profissionais liberais. Para que a iniciativa seja cancelada ou interrompida, "o Ministério da Justiça tem de dar um sinal claro de que vai incluir o aumento dos honorários no Orçamento do ano que vem."

Entre o serviço urgente está a assistência ao primeiro interrogatório dos arguidos detidos. Se não tiverem representação legal, estes suspeitos não poderão ser interrogados, e no limite terão de ser libertados.

O PCP anunciou que vai pedir a audição parlamentar da ministra da Justiça para esclarecer quais as medidas do Governo destinadas à "urgente actualização" da tabela de honorários das oficiosas. E o Chega tinha apresentado um projecto de resolução a recomendar ao Governo que proceda com urgência à actualização. Os deputados querem ainda que o Governo assegure a estes advogados o pagamento de despesas. Contactado pelo PÚBLICO, o Ministério da Justiça recusou-se a tecer qualquer comentário sobre a iniciativa da Ordem dos Advogados.

Conta de YouTube do Grupo 1143 suspensa por incitamento ao ódio

Joana Gonçalves

Suspensão surge após investigação do *NYT*. Em Março, penalistas alertaram para necessidade de investigar fórum no X

NUNO FERREIRA SANTOS

O neonazi Mário Machado é o porta-voz do grupo

O canal de YouTube do Grupo 1143, que tem como porta-voz Mário Machado, militante neonazi recentemente condenado a dois anos e dez meses de prisão efectiva por incitamento ao ódio e à violência nas redes sociais, foi suspenso na sequência de uma investigação do *The New York Times*. Investigadora ouvida pelo PÚBLICO alerta para "o possível aproveitamento" desta situação por parte de grupos de extrema-direita, mas defende que "a decisão é benéfica", porque protege as comunidades visadas.

Segundo avança o diário norte-americano, o YouTube suspendeu a conta em resposta a um conjunto de questões enviadas pelo jornal sobre o teor do conteúdo partilhado. "Qualquer conteúdo que promova violência ou incentive ao ódio dirigido a pessoas com base em atributos como etnia ou condição de imigração não é permitido na nossa plataforma", respondeu a empresa.

Não é a primeira vez que um canal do Grupo 1143 é bloqueado na sequência de denúncias de incitamento ao ódio. Já em Outubro de 2023 a conta do movimento liderado por Mário Machado no X (antigo Twitter) foi suspensa. Mas voltaria a estar disponível dias depois, retomando um fórum semanal de conversas em áudio ao vivo.

O PÚBLICO ouviu mais de 20 horas deste fórum, que serviu também como promotor da marcha, do dia 3 de Fevereiro deste ano, "contra a islamização da Europa". Nestas conversas públicas, cujo alcance ultrapassou em média os três mil ouvintes, os temas em discussão centravam-se na imigração e na defesa de valores "patriotas e nacionalistas" e o discurso continha, muitas vezes, linguagem violenta e mensagens xenófobas.

Penalistas ouvidos pelo PÚBLICO, em Março, identificaram no mesmo fórum a presença de "declarações que parecem ter cabimento no âmbito do artigo 240.º [do Código Penal], talvez até de outros crimes". Vânia Costa Ramos, que integra a lista de advogados do Tribunal Penal Internacional, afirmou na mesma altura que "este fórum merecia ser investigado" e acrescentou que os excertos recolhidos pelo PÚBLICO pareciam "denotar que a intenção é de facto propagar ódio étnico ou racial, com base na nacionalidade e religião". Também a linguista Paula Carvalho, membro do projecto Knowing Online Hate Speech (kNOwHATE), identificou em várias das mensagens partilhadas "desinformação e discurso de ódio".

Normalização do ódio

Investigações portuguesas sobre a disseminação de discurso de ódio *online* apontam para uma "normalização do ódio" e para uma maior prevalência em mensagens e comentários sobre imigração. O que se procura ainda saber é se há uma relação directa entre esse incitamento ao ódio no espaço virtual e actos de violência fora das plataformas digitais.

Em Maio, a PSP registou três ataques contra imigrantes, numa só noite, estando seis dos suspeitos conotados pelas autoridades como pertencentes ao Grupo 1143. Mário Machado não excluiu a possibilidade.

Horas depois de noticiada a suspensão da conta de Youtube do 1143, o mesmo grupo partilhava a informação no canal de Telegram e no X, acompanhada da mensagem "A Esquerda mundial está de forma organizada a tentar silenciar a maior organização nacionalista portuguesa dos últimos 50 anos."

> **"Uma resposta como esta é benéfica do ponto de vista do controlo de risco", diz Rita Guerra**

A rápida reacção dos elementos deste movimento não surpreende Rita Guerra, coordenadora do projecto kNOwHATE. "Vai sempre haver um aproveitamento por parte dos grupos de extrema-direita para se vitimizarem, numa inversão de papéis que é muito clássica: 'somos as verdadeiras vítimas'; 'não nos deixam falar'; 'querem silenciar-nos'", explica a investigadora do Iscte.

Ainda assim, Rita Guerra defende que "apesar deste possível aproveitamento, uma resposta como esta, mais robusta [de suspensão do canal], é benéfica do ponto de vista do controlo de risco e mostra às comunidades vítimas deste discurso de ódio que há realmente a capacidade de travar estes movimentos, com tendência de crescimento na Europa".

Investigações académicas como as que têm vindo a ser desenvolvidas pela equipa liderada por Matthew Williams, professor de Criminologia na Universidade de Cardiff, demonstram "uma evidência clara de que picos de discurso de ódio *online* antecedem ataques físicos concretos".

"Do ponto de vista académico sabemos que o discurso de ódio tem um potencial elevado de gerar violência e ataques físicos. E o trabalho desta equipa em Inglaterra demonstra que não só há uma co-ocorrência de discurso de ódio *online* e ataques fora da espera digital, como nalguns casos há esta antecedência temporal do discurso de ódio *online* e da ocorrência posterior de um ataque a determinadas comunidades", confirma a investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS) do Iscte.

Já sobre a possível actuação da justiça portuguesa neste caso, o penalista Nuno Igreja Matos adianta que "discussões sobre o efeito da imigração e políticas de habitação" parecem-lhe "protegidas pelo direito à liberdade de expressão". Em declarações ao PÚBLICO, o autor do livro *Ideologias Políticas e Direito Penal: o problema da incitação ao ódio no conflito político* defende que, "por outro lado, se existem outro tipo de comunicações que fazem menções à necessidade de atacar, à necessidade de excluir ou até à utilização de violência, aí parece-me claramente que pode existir fundamento para iniciar uma investigação criminal". "E há vários crimes que aqui podem estar em causa", acrescenta.

Questionado pelo PÚBLICO sobre a eventual abertura de uma investigação à actuação do grupo de extrema-direita 1143, o Ministério Público não se pronunciou. Já sobre o desfecho do inquérito aberto na sequência das manifestações de 3 de Fevereiro, em Lisboa, e 6 de Abril, no Porto, respondeu que "o inquérito relacionado com a actuação do grupo referido encontra-se em investigação no DIAP de Lisboa, sujeito a segredo de justiça".

Brasileiros desesperam com aviso de greve na AIMA

Jair Rattner

Advogados e imigrantes acreditam que boicote a fins-de-semana e horas extras vai comprometer meta do Governo

O pré-aviso de greve dos funcionários da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), que reclamam o pagamento de horas extras e o fim do trabalho por turnos nos fins-de-semana, causa preocupação entre advogados e imigrantes brasileiros que dependem destes serviços. A paralisação, cujo início está agendado para 22 de Agosto e termina a 31 de Dezembro, vai atrasar ainda mais a resposta aos 400 mil processos em atraso.

"A AIMA é hoje o epicentro de uma crise, um dos órgãos que mais colocam em xeque o actual Governo", afirma o advogado Fábio Knauer, da Aliança Portuguesa, acreditando que esta greve vai comprometer a meta de resolver as pendências até 30 de Junho de 2025.

Gláucia Pinheiro Belina, gaúcha de 71 anos, passou toda a manhã de segunda-feira na fila da AIMA para ser atendida. "Esta greve é uma coisa muito triste, é desumana. Ocorre numa época extremamente difícil, porque muitas pessoas precisam de documentos", defendendo que a situação para os imigrantes está pior do que quando o atendimento era feito pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), que foi extinto. "O SEF já não era bom, mas a AIMA é pior. Se não está funcionando, o melhor é fazer outra coisa. Do jeito que está, não pode continuar. Não é justo", diz.

Uelber Oliveira, 36 anos, motorista de autocarro, diz que a greve é um absurdo. "Não tem cabimento tratar pessoas que pagam impostos de forma tão aviltante", reclama. A advogada Vanessa Bueno aponta o dedo ao Governo. "É preciso resolver logo os problemas". Ao PÚBLICO Brasil, a AIMA respondeu que as 400 mil pendências são um "cenário desafiante" e que "está a envidar todos os esforços para implementar medidas tecnológicas, de recursos humanos e de simplificação administrativa que se revelem adequadas e eficazes para resolver esta situação".

PÚBLICO Brasil
Histórias e notícias para a comunidade brasileira

Secretismo de Pinto Luz lança dúvidas sobre a modernização da linha do Vouga

Presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis afirmou ter "indicação do ministro para não revelar o que foi discutido" numa reunião com autarcas

Carlos Cipriano

Uma reunião de câmara em que o presidente da autarquia de Oliveira de Azeméis, Joaquim Jorge, comunicou aos vereadores que tinha tido uma reunião com o ministro Miguel Pinto Luz e que este lhe tinha pedido segredo sobre o que havia sido discutido para a linha do Vouga levantou dúvidas sobre as intenções do Governo para aquela via-férrea.

O Movimento Cívico pela Linha do Vouga apressou-se a lançar um comunicado que levanta a suspeita de os autarcas quererem reconverter a última linha de via estreita do país para bitola ibérica a fim de se conseguir uma ligação directa entre o Porto e, pelo menos, Oliveira de Azeméis. Tal projecto contraria o que foi decidido no Governo anterior e está definido no PNI2030, que consiste na modernização da infra-estrutura actual, mantendo a via estreita.

Contactado pelo PÚBLICO sobre o pedido de silêncio do ministro (audível na gravação da sessão de câmara ao minuto 21), Joaquim Jorge não quis prestar declarações. Já o gabinete de Pinto Luz não esclareceu se houve ou não indicações para não revelar o que foi discutido no Ministério das Infra-Estruturas e Habitação, mas confirmou a realização de uma audiência a 25 de Julho, "a pedido da Associação de Municípios das Terras de Santa Maria, com vista a debater as questões de mobilidade no território e as acessibilidades no contexto de ligação à Área Metropolitana do Porto".

De acordo com fonte oficial, "nessa reunião o ministro apresentou o ponto de situação das empreitadas realizadas, em curso e previstas em toda a extensão da linha do Vouga, conforme informação disponibilizada pela IP" e que terá continuidade "tal como previsto no PNI2030".

No entanto, na mesma resposta enviada ao PÚBLICO, o Ministério das Infra-Estruturas diz que "nessa audiência foram debatidos vários cenários de desenvolvimento da linha do Vouga, com o objectivo de potenciar a sua ligação ao núcleo central da Área Metropolitana do Porto". E terão sido estes os cenários para os quais foi pedido secretismo, já que está implícita uma ligação directa à Invicta com bitola em via larga.

Por parte da IP, questionada se o projecto da linha do Vouga poderá ser alvo de mudanças significativas, nomeadamente a sua reconversão para via larga ou introdução de um *metrobus*, esta limitou-se a responder que "as acções estão devidamente concertadas com os municípios".

E de que acções se trata? "A renovação integral de via, estabilização de alguns taludes e melhoria, criação e deslocalização de apeadeiros, a renovação da sinalização electrónica total da linha e a automatização de passagens de nível", responde a IP, que espera ter tudo concluído no primeiro semestre de 2026. No entanto, há um ano, a IP afirmava que as obras terminariam em 2025. Embora numa fase inicial o investimento previsto para o Vouga, no âmbito do PNI2030, tenha sido de 100 milhões de euros, este valor desapareceu mais tarde das fichas de projecto. A IP esclarece agora que "o valor actual estimado de investimento candidato a financiamento comunitário é de 80 milhões de euros". Um valor que não inclui a electrificação, sobre a qual a IP diz que "está a ser estudada" e que dependerá da tipologia de material circulante a adoptar pelo operador".

FOTOS: ADRIANO MIRANDA

IP diz esperar ter a obra da linha do Vouga concluída no primeiro semestre de 2026. No entanto, há um ano, afirmava que as obras terminariam em 2025

> **Não queremos correr o risco de ver os carris levantados para porem via larga e depois isto arrastar-se e acabarem a transformar a linha num circuito para autocarros como aconteceu com o Metro Mondego**
>
> **Mário Pereira**
> Movimento Cívico pela Linha do Vouga

Apesar de, por parte da IP, tudo parecer estar a andar de acordo com o PNI2030, Mário Pereira, do Movimento Cívico pela Linha do Vouga, receia que se prepare pela calada uma mudança ao que foi decidido e se volte a querer reconverter a via estreita em via larga, ou que, no limite, esteja no horizonte um *metrobus*. "Mas isso não vai acontecer porque isto não é Coimbra. Haveria um levantamento popular. Não queremos correr o risco de ver os carris levantados para porem via larga e depois isto arrastar-se e acabarem a transformar a linha num circuito para autocarros como aconteceu com o Metro Mondego."

A expressão "levantamento popular" é também utilizada por Jorge Almeida, presidente da Câmara de Águeda, perante a expectativa de se voltar atrás no que está estabelecido no PNI2030. "As pessoas não andam de bitola, andam de comboio. A via estreita já existe e é uma mais-valia. O investimento em via larga é uma despesa enorme que obriga a corrigir raios de curvatura muito apertados, com expropriações, projectos morosos, e tudo isso sem ganhos significativos. É trocar o fazível pelo 'não sei quê'. É um tiro no escuro, porque sabe-se como estas coisas começam, com o arranque dos carris, mas não se sabe como acabam, com um qualquer experimentalismo que será pior do que aquilo que havia antes."

Requalificação da linha do Vouga

Fontes: Plano Ferroviário Nacional, Infra-Estruturas e Habitação - Rep. Portuguesa, IP e PÚBLICO

Jorge Almeida diz que "há alguma confusão entre alguns dos autarcas do troço Norte da linha [Espinho, Santa Maria da Feira, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis], que falam no Vouguinha e depois querem o Metro do Porto. Não tenho nada contra o Metro, mas a linha do Vouga é outra coisa".

"Nada avança"

O autarca considera que a requalificação e electrificação da linha é a melhor solução e queixa-se das indefinições, ausências e atrasos da IP neste processo. Exemplo disso é a automatização das passagens de nível que não avança (a linha do Vouga concentra nove das 15 passagens de nível do país dependentes exclusivamente de meios humanos) e a deslocalização de estações e apeadeiros para junto dos pólos geradores de tráfego, como escolas, centros de saúde, centros comerciais e serviços públicos. "Já acordámos com a IP que eles construíam as plataformas e a câmara pagava as acessibilidades, mas andamos há anos nisto e nada avança."

Uma das razões para manter a via estreita, diz Jorge Almeida, é a possibilidade de nela se usarem carruagens e locomotivas antigas na oferta do comboio histórico, que, por estes dias, tem tido lotação esgotada. É também no concelho de Águeda, em Macinhata do Vouga, que há um dos museus mais importantes da Europa com material de via estreita. Por parte da exploração comercial, a CP também está longe de prestar um bom serviço. Mário Pereira denuncia que agora no Verão, com o aumento da procura para as praias de Espinho, as composições são formadas por apenas duas carruagens, quando deveriam andar em dupla para duplicar o número de lugares oferecidos. Resultado: "As pessoas vão como sardinha em lata."

Soma-se a essa circunstância o facto de o último comboio de Espinho para Oliveira de Azeméis ser às 19h23, quando deveria haver oferta até mais tarde, para quem quer ficar mais tempo na praia ou jantar na cidade. Em consequência disso, às vezes há pessoas que ficam em terra porque não conseguem entrar nesse último comboio.

Foi o que aconteceu a 23 de Junho: a automotora das 19h23 partiu com centenas de pessoas apinhadas no seu interior deixando várias dezenas na estação, mas quando chegou à paragem seguinte, em Silvalde, teve uma avaria e recuou para Espinho. E ali ficou sem que a CP procedesse ao envio de uma nova composição ou ao escoamento dos seus clientes em autocarro. Clientes que ficaram, simplesmente, abandonados pela transportadora.

Mário Pereira defende que deveria haver comboios até à 1h00 da manhã, tendo em conta que a linha atravessa uma zona de fábricas onde se trabalha por turnos, e pergunta porque não se compram novas automotoras para o Vouga atendendo à vetustez do material circulante. "Sabemos que a CP já sinalizou automotoras disponíveis na Grécia e em Espanha, que são em segunda mão, mas que poderiam prestar um bom serviço no Vouga", disse.

Na parte imaterial, há também interrogações: "Porque não está a linha do Vouga integrada no Andante e no sistema de mobilidade do Porto? Basta só integrar a bilhética no sistema e colocar uns validadores nos apeadeiros. Qual é a dificuldade? Porque não avança isso?"

Já quanto a um ex-líbris desta via-férrea – o comboio histórico Vouguinha –, este padece de regularidade, pois a CP não consegue assegurar uma calendarização fiável. Jorge Almeida queixa-se de que isso prejudica a sua promoção e reduz o potencial do comboio, mas avança, orgulhoso, que "os comboios históricos deste Verão estão todos esgotados".

ANATOLIY ZHDANOV/REUTERS

Ucrânia garante controlar 74 localidades em território russo

Ucrânia pressiona com novos ataques em Kursk e Belgorod

Com a chegada de mais reforços enviados pelo Kremlin, ofensiva estará a entrar na fase mais difícil. Pelo menos 10 mil tropas ucranianas envolvidas nos combates

Sofia Lorena

Apesar dos reforços enviados pela Rússia, a Ucrânia voltou a atacar com *drones* a região de Kursk, uma semana depois de ali ter lançado a maior ofensiva em território russo desde o início da guerra, em Fevereiro de 2022. Dezenas de *drones* caíram ainda na região vizinha de Belgorod, onde as autoridades locais já tinham descrito a situação como "alarmante", devido à "actividade inimiga na fronteira". Kiev disse ainda que continuava a avançar, tendo obtido ganhos de um a três quilómetros nas últimas 24 horas.

Acusando o Presidente Volodymyr Zelensky de estar "a dar passos insanos que ameaçam intensificar [o conflito] muito para além da Ucrânia", os serviços secretos externos russos, citados pela agência estatal RIA, sugeriram que os Estados Unidos estão frustrados com o líder ucraniano.

A Rússia diz que a sua defesa aérea destruiu 14 *drones* nas zonas de Kursk - de onde já deslocou 121 mil pessoas e está a retirar mais 60 mil -, Belgorod e Voronezh (que faz fronteira com a Ucrânia a sul de Belgorod). Segundo o governador da região administrativa de Belgorod, Viatcheslav Gladkov, as forças ucranianas dispararam pelo menos 42 drones contra a região. Gladkov confirmou que já foram retiradas da zona 11 mil pessoas que tinham pedido para sair.

Do outro lado da fronteira, tendo em conta "o aumento na intensidade das hostilidades", a Ucrânia proibiu o movimento de civis ao longo de uma área de 20 quilómetros da região de Sumy, junto a Kursk, referindo-se à presença de grupos russos de reconhecimento e sabotagem.

Na sua análise diária do conflito, o *think tank* Institute for the Study of War nota que o Presidente russo, Vladimir Putin, "continua a apresentar-se como um líder eficaz e conhecedor da situação ao longo da fronteira entre a Ucrânia e a Rússia e a transferir a responsabilidade pelos desafios em curso na resposta à incursão ucraniana para outros militares russos e funcionários do governo".

Segundo os especialistas do *think tank* norte-americano, foi com esse objectivo (e também para evitar que outros dirigentes falem em público sobre a incursão ucraniana) que os *media* russos publicaram imagens e partes dos diálogos da sua reunião de segunda-feira com responsáveis da segurança, membros do Governo e autoridades locais, incluindo as reprimendas de Putin aos governadores.

"A Ucrânia está a provar que é capaz de repor a justiça e de assegurar a necessária pressão sobre o agressor", afirmou, por seu turno, Zelensky, que se referiu pela primeira vez à ofensiva durante o fim-de-semana. Na segunda-feira, Kiev afirmava ter capturado 1000 quilómetros quadrados de território, enquanto o governador de Kursk, Alexei Smirnov, admitia que as forças ucranianas controlavam 28 aldeias da região. A Ucrânia disse que controlava, ontem, 74 localidades da região.

Um porta-voz militar ucraniano disse ainda ao Politico que a Rússia teve de desviar unidades a combater no Sul da Ucrânia para o seu território, embora o próprio porta-voz admitisse que o número de unidades desviadas era "relativamente pequeno".

Departamento de Estado dos EUA diz que não está envolvido no ataque. *Media* russos noticiam a presença de veículos ocidentais no terreno

Da Lituânia, o ministro da Defesa, Laurynas Kasciunas, relatou que Moscovo estava a mover militares de Kaliningrado para a zona Sul de Kursk.

Veículos dos EUA e alemães

Os militares enviados por Kiev continuavam a tentar cercar Sudzha, uma localidade 105 quilómetros a sudoeste da cidade de Kursk (capital da região administrativa com o mesmo nome), de onde o gás natural russo flui para a Ucrânia, escreve a agência Reuters. Imagens de satélite divulgadas pelo serviço russo da Rádio Europa Livre mostram a destruição de parte da estação de medição de gás Sudzha ao longo do fim-de-semana.

Ainda segundo a Reuters, decorrem agora "grandes batalhas" perto de Korenevo, a uns 22 quilómetros da fronteira, e em Martynovka (a nordeste de Sudzha). Yuri Podolyaka, um *blogger* pró-russo citado pelo jornal *The Washington Post*, confirma que as forças ucranianas estão a atacar a aldeia de Martynovka, depois de terem conseguido tomar a localidade de Gordeyevka. Podolyaka afirma que a Ucrânia tem três grupos militares "relativamente grandes" na região.

Matthew Savill, director de Ciências Militares do Royal United Services Institute em Londres, disse à Associated Press que 10 mil tropas ucranianas de pelo menos quatro brigadas estão envolvidas na ofensiva, na qual usam equipamento fornecido pelos Estados Unidos e por países europeus, incluindo carros de combate de infantaria. *Media* russos noticiaram a presença de veículos de infantaria blindados americanos Bradley e alemães Marder. O Departamento de Estado dos EUA afirmou, no entanto, que não está envolvido em qualquer aspecto da incursão ucraniana.

Críticas à resposta russa

A retirada de civis de Belgorod acontece depois de os habitantes de Kursk terem criticado as autoridades pela falta de reacção ao ataque inicial. Residentes ouvidos pelo jornal russo *Kommersant* queixaram-se de não terem recebido ajuda nem aconselhamento e de terem ligado para as linhas telefónicas das administrações locais sem resposta. Outros, escreve o *Post* citando o *Kommersant* "expressaram a sua fúria perante as 'mentiras' oficiais de que a situação estava sob controlo".

Com a chegada de reforços às zonas sob ataque ucraniano e a entrada dos reservistas russos nos combates, Pasi Paroinen, analista do Black Bird Group, grupo finlandês de análise de informações de fontes abertas (*open source intelligence*, ou OSINT) que monitoriza a guerra da Ucrânia, ouvido pela AP, prevê que a fase mais difícil da incursão ucraniana deverá começar agora.

Ben-Gvir visita, de novo, o Pátio das Mesquitas para rezar. "É nosso"

Maria João Guimarães

Ministro repete que a sua política é que judeus possam rezar no local. Netanyahu volta a contradizê-lo

O ministro da Segurança Nacional de Israel, o extremista Itamar Ben-Gvir, visitou ontem o Pátio das Mesquitas, junto com outro ministro e uma série de membros do seu partido, e rezou no local – desafiando as regras em vigor. É a terceira vez que o faz desde que chegou ao Governo.

A visita foi feita no dia de Tisha B'Av, quando se assinala a destruição dos dois templos em Jerusalém.

O Monte do Templo (como é chamado pelos judeus) é o lugar mais sagrado do judaísmo, por ter o muro exterior do segundo templo (o muro ocidental, o local de oração). O Nobre Santuário, como lhe chamam os muçulmanos, é, com a mesquita de Al-Aqsa, o terceiro local sagrado do islão, a seguir a Meca e Medina (na Arábia Saudita).

O local está sob alçada da comissão islâmica de Jerusalém Waqf, cujo funcionamento é assegurado com verbas da Jordânia. As forças de Israel, encarregadas do controlo no exterior, impõem por vezes restrições ao acesso, por exemplo não permitindo a entrada de homens com menos de 55 anos – o acesso tem sido muito restrito desde 7 de Outubro: segundo Mustafa Barghouti, do partido Iniciativa Palestiniana Nacional, em declarações feitas em Março à Al Jazeera, "mais de 95% dos palestinianos estão impedidos de chegar à mesquita", entre as restrições da idade e o terem ou não autorização válida.

Quaisquer acções israelitas são vistas pelos muçulmanos como um sinal de que Israel pode querer mudar o estatuto do local.

Ben-Gvir repetiu ontem que é sua política que judeus possam rezar no local. "Estamos aqui no Tisha B'av, no Monte do Templo, para assinalar a destruição do templo", disse, citado pelo *site* Jewish Press. "Há um grande progresso. Imagens de judeus a orar aqui. Como digo: a nossa política é permitir a oração."

E, à saída da visita provocatória, declarou, citado pelo diário *Times of Israel*: "Hoje, de acordo com a minha política, judeus entraram livremente na Cidade Velha. E, no Monte do Templo, rezaram livremente. Dizemos isso do modo mais simples: É nosso."

O gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu voltou a dizer que não há qualquer alteração na política oficial. "A definição da política em relação ao Monte do Templo diz respeito, directamente, ao Governo e ao primeiro-ministro", esclareceu em comunicado (já em Junho, depois de Ben-Gvir fazer uma afirmação semelhante, Netanyahu o tinha desmentido).

"Não há uma política privada de um ministro específico no Monte do Templo – seja esse ministro o da Segurança Nacional ou qualquer outro", continuava o comunicado. "É assim que tem sido sob todos os governos israelitas."

O *Times of Israel* comentava que a ausência de anúncio de detenções fazia crer que não era assim.

Outro partido do Governo criticou a visita. O deputado do partido ultra-ortodoxo Judaísmo Unido da Torá Moshe Gafni disse que a visita "causou danos enormes".

O partido defende que o acesso ao local por judeus deve ser vedado, já que há um risco de pisarem uma zona que é interdita a não ser a quem tenha seguido o ritual de purificação antes.

Há, aliás, uma divisão entre judeus religiosos sobre o acesso ao Monte do Templo, com uma maioria dos ultra-ortodoxos a defender que não deve haver acesso (87% segundo uma sondagem de 2022 citada pelo Jewish News Syndicate), e a maioria dos restantes religiosos a defender o acesso.

> **O gabinete do primeiro-ministro voltou a dizer que não há qualquer alteração na política oficial. Mas não houve detenções**

Borrell defende sanções

O porta-voz do presidente palestiniano, Mahmoud Abbas, disse que a visita de Ben-Gvir foi "uma provocação" e apelou a uma intervenção dos Estados Unidos "se quiserem evitar uma explosão incontrolável na região", cita a Reuters.

A visita foi condenada por vários países da região, desde Jordânia e Egipto, que têm acordos de paz com Israel, à Arábia Saudita e ao Qatar.

Do Qatar, o Ministério dos Negócios Estrangeiros declarou que a visita constitui "um ataque não só contra os palestinianos, mas também contra milhões de muçulmanos pelo mundo".

O que se passa na mesquita pode ganhar uma enorme importância. Em 2000, uma visita do então líder da oposição, Ariel Sharon, ao local foi a última gota que levou à segunda intifada, em que morreram mais de 4000 mil pessoas.

O Hamas também chamou ao ataque de 7 de Outubro *Operação Tempestade de Al-Aqsa*.

Dois dias antes, o alto representante para a Política Externa da UE, Josep Borrell, defendeu sanções para Ben-Gvir e outro ministro de extrema-direita do Governo, Bezalel Smotrich, das Finanças, por "incitamento a crimes de guerra".

Borrell falava de declarações defendendo o fim da passagem de combustível e ajuda humanitária para Gaza enquanto houver reféns no território. Para Ben-Gvir, era uma hipótese melhor do que um cessar-fogo, e Smotrich defendeu que era "moral e justificado" que "dois milhões de civis morram de fome" até que os reféns fossem libertados.

RONEN ZVULUN /REUTERS

Itamar Ben-Gvir foi ao local pela terceira vez desde que é ministro

Só o cessar-fogo em Gaza pode atrasar a resposta do Irão a Israel, dizem fontes de Teerão

Parisa Hafezi e Laila Bassam

Só um acordo de cessar-fogo em Gaza, resultante das conversações previstas para esta semana, poderá impedir o Irão de retaliar directamente contra Israel pelo assassínio do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, no seu território, segundo três altos responsáveis iranianos em declarações à Reuters.

O Irão prometeu uma resposta severa ao assassínio de Haniyeh, que ocorreu durante a sua visita a Teerão no final do mês passado e que as autoridades iranianas atribuem a Israel. Israel não confirmou nem negou, até ao momento, o seu envolvimento. A Marinha dos Estados Unidos enviou, entretanto, navios de guerra e um submarino para o Médio Oriente para reforçar as defesas israelitas.

Uma das fontes, um alto funcionário da segurança iraniana, disse que o Irão, juntamente com aliados como o Hezbollah, lançaria um ataque directo se as conversações de Gaza falhassem ou se percebesse que Israel está a arrastar as negociações. As fontes não indicaram quanto tempo o Irão deixaria passar as negociações antes de responder.

Com o aumento do risco de uma guerra mais vasta no Médio Oriente após os assassínios de Haniyeh e do comandante do Hezbollah, Fuad Shukr, o Irão tem estado envolvido num intenso diálogo com os países ocidentais e os Estados Unidos nos últimos dias sobre formas de calibrar a retaliação, disseram as fontes, que falaram sob condição de anonimato devido à sensibilidade do assunto.

Em comentários publicados na terça-feira, o embaixador dos EUA na Turquia confirmou que Washington estava a pedir aos aliados que ajudassem a convencer o Irão a diminuir as tensões. Três fontes governamentais regionais descreveram conversas com Teerão para evitar uma escalada antes das conversações sobre o cessar-fogo em Gaza, que deverão começar amanhã no Egipto ou no Qatar.

"Esperamos que a nossa resposta seja programada e executada de forma a não prejudicar um potencial cessar-fogo", afirmou na sexta-feira a missão do Irão junto da ONU, num comunicado. O Ministério dos Negócios Estrangeiros do Irão afirmou na terça-feira que os apelos à contenção "contradizem os princípios do direito internacional".

A política regional do Irão é definida pela elite dos Guardas da Revolução, que respondem apenas perante Khamenei, a autoridade máxima do país. O novo Presidente relativamente moderado do Irão, Masoud Pezeshkian, reafirmou repetidamente a posição anti-israelita do Irão e o seu apoio aos movimentos de resistência em toda a região desde que tomou posse no mês passado.

Meir Litva, investigador principal do Centro da Aliança para os Estudos Iranianos da Universidade de Telavive, disse que pensava que o Irão colocaria as suas necessidades à frente da ajuda ao seu aliado Hamas, mas que o Irão também queria evitar uma guerra em grande escala. "Os iranianos nunca subordinaram a sua estratégia e as suas políticas às necessidades dos seus representantes ou *protégées*", disse Litva. "Um ataque é provável e quase inevitável, mas não sei a escala e o momento."

O analista Saeed Laylaz, a trabalhar a partir do Irão, disse que os líderes da República Islâmica estão agora interessados em trabalhar para um cessar-fogo em Gaza, "para obter incentivos, evitar uma guerra total e reforçar a sua posição na região".

Laylaz disse que o Irão não tinha estado anteriormente envolvido no processo de paz em Gaza, mas estava agora pronto para desempenhar "um papel fundamental".

Segundo duas das fontes, o Irão está a considerar enviar um representante para as conversações de cessar-fogo, o que seria a primeira vez desde o início da guerra em Gaza.

Em Israel, no entanto, muitos observadores acreditam que está iminente um ataque, depois de o líder supremo, *ayatollah* Ali Khamenei, ter afirmado que o Irão iria "punir duramente" Israel pelo ataque em Teerão. **Reuters**

Imagem de Haniyeh em Teerão

Pânico e destruição na Grécia quando o incêndio chegou à cidade

Residentes dos subúrbios de Atenas nunca esperaram que o fogo os atingisse. Muitos entraram em pânico

Vangelis Ilias regressava de férias na segunda-feira quando amigos lhe telefonaram a contar o impensável. Um incêndio florestal nas florestas a norte de Atenas tinha chegado subitamente ao seu subúrbio e estava a aproximar-se da sua oficina de escultura. Minutos depois, a loja de 55 anos, situada num terreno entre armazéns, campos e um vendedor de madeira em Vrilissia, a 10km do centro da cidade, tinha sido devorada pelo pior incêndio deste ano na Grécia.

Tal como muitos habitantes de Vrilissia, Ilias ficou chocado. Quando iniciou a sua actividade, há dois anos, nunca pensou que os incêndios florestais chegassem tão perto. De pé na oficina, cujas paredes de chapa metálica estavam dobradas e enegrecidas, o pai de dois filhos descreveu como as chamas saltaram dos terrenos próximos para um armazém vizinho.

"Saltou para o meu e pegou-lhe fogo. Daqui, foi para a casa do lado e depois para a casa ao lado", disse, suspeitando que a culpa era de alguém. "Um pequeno descuido, negligência, fogo posto e o mal está feito."

Alimentado por ventos fortes e, apesar dos esforços de centenas de bombeiros, aviões e camiões, o incêndio avançou rapidamente para os subúrbios na segunda-feira, incendiando casas e provocando o pânico em bairros que nunca tinham visto incêndios florestais de perto. Centenas de pessoas saíram para as ruas, com os rostos cobertos por lenços ou *T-shirts*, à medida que o fumo e as cinzas desciam. Muitos fugiram.
Ontem, o fogo tinha sido em grande parte extinto nos subúrbios. Mas o impacto invulgar nas áreas mais densamente povoadas em torno da capital foi uma lembrança clara dos perigos das alterações climáticas, que reduziram a precipitação e aumentaram as temperaturas na Grécia, deixando as florestas e os matagais secos.

Os habitantes dos arredores de Atenas foram apanhados de surpresa. Uma mulher morreu numa empresa de confecção de coroas de flores em Vrilissia, na segunda-feira.

O incêndio florestal que deflagrou a 11 de Agosto nos arredores de Atenas propagou-se a uma grande parte do Nordeste da Ática. O fogo estendia-se ao longo de uma frente com mais de 30km de comprimento. De acordo com os bombeiros, as forças de combate ao fogo estão a lidar com focos de incêndio dispersos de Varnavas a Nea Makri e Penteli, e há reacendimentos constantes.

Centenas de bombeiros, apoiados por veículos de combate a incêndios e aviões que bombardeiam água, continuavam ontem a combater o incêndio que deflagrou no domingo, perto da aldeia de Varnavas, cerca de 35km a norte de Atenas, e incendiou casas, carros e zonas de floresta seca. Durante a tarde, graças a ventos mais fracos, a progressão do incêndio destruidor abrandou. "A situação melhorou, mas há incêndios aleatórios. De momento, não temos novas frentes, apenas alguns reacendimentos, mas continuamos em alerta máximo", disse um oficial dos bombeiros.

O Governo anunciou medidas de indemnização e de socorro às vítimas de um incêndio que, segundo o Observatório Nacional da Grécia, danificou cerca de 10 mil hectares de terreno. Porém, os partidos da oposição acusaram o Governo de não ter feito o suficiente para evitar a catástrofe.

Com a previsão de novos ventos fortes, a Grécia permanecerá em alerta máximo de incêndios até amanhã, com temperaturas previstas de até 40 graus Celsius. Os moradores de mais de 30 zonas que se encontravam perto das chamas foram forçados a sair das suas casas. Pelo menos três hospitais da região de Atenas tiveram de ser evacuados.

Os incêndios florestais têm sido uma característica comum dos Verões gregos nos últimos anos, mas as alterações climáticas trouxeram mais ondas de calor e menos períodos de chuva, condições ideais para incêndios em grande escala. Este ano, o país registou o Inverno mais quente de que há registo e está a caminho do Verão mais quente, com muitas zonas do país a não verem cair chuva durante meses. **Reuters**

GEORGE VITSARAS/EPA

Arderam casas e há pelo menos uma morte associada aos incêndios

ONU alerta contra "clima de medo" na Venezuela

O alto-comissário da ONU para os Direitos Humanos manifestou-se preocupado com as detenções arbitrárias na Venezuela em protestos contra os resultados das eleições presidenciais e com "o clima de medo" vivido no país. "É particularmente preocupante que tantas pessoas estejam a ser detidas e acusadas de incitamento ao ódio ou ao abrigo da legislação antiterrorista", afirmou Volker Turk num comunicado citado pela agência francesa AFP.

Turk advertiu que o direito penal "nunca deve ser utilizado para restringir indevidamente" os direitos à liberdade de expressão, de reunião e de associação.

O aviso surge um dia depois de o Presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, ter exigido que os serviços do Estado actuem com "mão de ferro", na sequência dos distúrbios que eclodiram após o anúncio da sua reeleição.

As autoridades eleitorais da Venezuela declararam Maduro vencedor das presidenciais de 28 de Julho, para um terceiro mandato, mas a oposição denunciou uma "fraude maciça".

O anúncio da vitória de Maduro provocou protestos espontâneos, com 25 mortos e 192 feridos, segundo fontes oficiais. "Todas as mortes ocorridas durante as manifestações devem ser investigadas e os responsáveis devem responder pelos seus actos", exigiu Turk.

Citando fontes oficiais, a ONU disse que mais de 2400 pessoas foram detidas desde 29 de Julho. Na maioria dos casos documentados pelo Alto-Comissariado, os detidos não foram autorizados a escolher um advogado ou a contactar a família. "Alguns destes casos equivalem a desaparecimentos forçados", denunciou Turk no comunicado.

Turk apelou para a libertação imediata de "todas as pessoas detidas arbitrariamente" e para garantias de um julgamento justo para todos os detidos. "O uso desproporcionado da força pelas forças da ordem e os ataques a manifestantes por indivíduos armados que apoiam o Governo, alguns dos quais resultaram em mortes, não devem repetir-se", afirmou. O alto-comissário manifestou-se também preocupado com a possível adopção de um projecto de lei sobre controlo e financiamento das organizações não governamentais, bem como de outro projecto de lei "contra o fascismo, o neofascismo e expressões semelhantes". "Exorto as autoridades a absterem-se de adoptar estas e quaisquer outras leis que comprometam o espaço cívico e democrático no país, no interesse da coesão social e do futuro do país", acrescentou. **Lusa**

Nicolás Maduro pediu mão pesada após onda de protestos depois da publicação do resultado eleitoral

ONG espanhola auxilia 54 migrantes no Mediterrâneo

Open Arms distribuiu coletes salva-vidas e água a migrantes presos num bote. Nos últimos dias foram resgatadas 383 pessoas

Voluntários salva-vidas da organização não-governamental (ONG) espanhola Open Arms ajudaram ontem 54 migrantes presos num bote de borracha no Mediterrâneo, ao largo da ilha italiana de Lampedusa, segundo uma testemunha disse à Reuters. O grupo disse ter dado aos passageiros do barco, maioritariamente de nacionalidade síria, coletes salva-vidas e água, depois de ter alertado a Guarda Costeira italiana, que os levou posteriormente para Lampedusa.

O Mediterrâneo central é uma das rotas mais perigosas para os refugiados que procuram asilo na Europa. Em 2023, mais de 3100 pessoas morreram ou desapareceram quando tentavam atravessar o mar em direcção à Europa, segundo dados da agência das Nações Unidas para os refugiados. Só nos últimos quatro dias, a Open Arms afirmou ter resgatado ou prestado assistência a um total de 383 pessoas.

Na segunda-feira, o barco de busca e salvamento *Astral* ajudou 110 pessoas que faziam a travessia numa barcaça de madeira sobrecarregada, incluindo seis mulheres, quatro crianças, dois idosos e uma pessoa com deficiência. Falando a bordo do *Astral*, a coordenadora da missão, Esther Camps, disse que a organização tem notado, no último ano, um aumento da utilização de barcos de ferro precários, provavelmente soldados à mão na Tunísia.

Esther Camps acrescentou que tal se deve possivelmente à adopção pela Tunísia de uma posição mais dura contra a imigração, que tem levado muitos imigrantes da África subsariana a abandonar o país magrebino.

Uma fotografia da Reuters mostrava uma embarcação de ferro enferrujada que parecia estar dividida em duas, com as metades ligadas por dobradiças. Esther Camps disse que foi a primeira vez que a organização se deparou com um navio deste tipo. Inicialmente, pensou que o barco se tinha partido ao meio e que estava a afundar. "Aparentemente, não estava partido, é sim uma nova forma de fabrico. Suspeitamos de que isso se deve ao facto de ser muito mais fácil de transportar sem ser detectado, tanto em terra como no mar", acrescentou. **Reuters**

Público LEVOIR

Uma história traçada pela culpa.

FIODOR DOSTOIÉVSKI
CRIME E CASTIGO
BASTIEN LOUKIA

COLECÇÃO EM CAPA DURA
VOL. 4
+15,90 €*
SEXTA, 16 AGO.
COM O PÚBLICO

COLECÇÃO **NOVELA GRÁFICA VIII** - EDIÇÃO QUINZENAL

LIVRO 4 - CRIME E CASTIGO

Argumento e desenho: Bastien Loukia

Crime e Castigo, de Dostoiévski, é um clássico cuja leitura poucos se atrevem a terminar, mas que todos conhecem. Numa adaptação e ilustração de Bastien Loukia, que equilibra fidelidade e originalidade, a história do ex-estudante Raskolnikov, que assassina uma agiota e a sua irmã, desenrola-se num drama de remorso, culpa e loucura. A sua fidelidade ao texto original e a simplicidade das expressões enfatizam as palavras poderosas de Dostoiévski.

COMPRE AQUI

loja.publico.pt

*Colecção de 11 livros em capa dura. PVP unitário: vols. 3, 5, 8, 9 e 11: 13,90 €; vols. 1, 2, 7 e 10: 14,90 €; vols. 4 e 6: 15,90 €. Preço total da colecção: 160,90 €. Periodicidade quinzenal às sextas, entre 5 de Julho e 22 de Novembro de 2024. Stock limitado.

Abrandamento dos salários chegou e veio para ficar

Salário médio real em Portugal já está acima dos níveis de 2021, o que significa que perda de poder de compra durante a crise inflacionista já foi recuperada. Mas a tendência agora é de abrandamento

Sérgio Aníbal

Recuperada a perda de poder de compra provocada pela inflação em 2022, os salários em Portugal começaram, no segundo trimestre deste ano, a dar os primeiros sinais de abrandamento, uma tendência que se poderá acentuar ao longo dos próximos meses.

Depois de uma perda de poder de compra muito acentuada nos cinco trimestres entre o início de 2022 e Março de 2023 e de um ano de aumentos salariais reais sempre em crescendo até Março de 2024, as remunerações médias dos trabalhadores portugueses mostraram, no período entre Abril e Junho deste ano, que se pode estar a assistir a um novo ponto de viragem no mercado de trabalho em Portugal, revelaram os dados ontem publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

A remuneração média bruta total – medida com base naquilo que foi declarado à Segurança Social por quase cinco milhões de trabalhadores – cifrou-se, no passado mês de Junho, em 1640 euros.

E em termos reais (isto é, levando em conta o efeito sobre o poder de compra da inflação), o valor do salário médio bruto, que desceu de forma acentuada ao longo de 2022, já foi em Junho de 2024 superior ao registado em Junho de 2021, com uma diferença de 1,5%, o que significa que, em média, o poder de compra perdido durante a crise inflacionista, já foi agora recuperado.

No entanto, atingido este resultado, os sinais são de abrandamento dos salários. O salário médio de 1640 euros do passado mês de Junho representa, em termos nominais, um aumento de 6,4% face ao mesmo mês do ano passado, ligeiramente menos do que os 6,5% que se registavam no passado mês de Março.

Em termos reais, o abrandamento dos salários foi ainda mais evidente, tendo o aumento da remuneração média em Portugal, que já tinha diminuído de 4,2% em Março para 3,9% em Maio, passando agora em Junho a ser de 3,6%.

Há motivos para pensar que esta diminuição do ritmo de crescimento dos salários registada no segundo trimestre deste ano pode ser o início de uma tendência a que se irá assistir nos próximos meses.

PAULO PIMENTA

Salário médio de 1640 euros de Junho representa, em termos nominais, um aumento de 6,4% face ao mesmo mês do ano passado

Como assinala o economista João Cerejeira, aquilo que acontece aos salários representa "um ajustamento às condições macroeconómicas". "Tivemos um aumento da inflação em 2022, com quase cinco trimestres de perdas reais nos salários, e estamos agora com quase cinco trimestres a recuperar o que perdemos, por conta de aumentos salariais que foram negociados em 2023 com base na inflação elevada do ano anterior", explica o professor da Universidade do Minho, que alerta que agora as condições estão a mudar.

"Agora começam-se a negociar tabelas salariais para 2025 e a referência de inflação que se usa já é a de 2024, que está na casa de 2%. Mesmo que se ponham mais dois pontos percentuais por cima disso, os aumentos salariais não ficarão muito acima de 4% e, portanto, bem abaixo dos 6,4% que se registaram em Junho", assinala.

Depois, diz João Cerejeira, há a dinâmica da oferta e da procura no mercado de trabalho. "Se é verdade que no segundo trimestre houve um recorde de pessoas empregadas, o que significa que o lado da procura também está a puxar os salários para cima, também é natural que o crescimento do emprego comece a abrandar", afirma.

A tendência de abrandamento dos salários não é exclusiva de Portugal, havendo sinais semelhantes na generalidade das economias europeias. Isto é, aliás, o que o Banco Central Europeu (BCE) deseja ver, para se sentir mais confiante de que a inflação está controlada e que há espaço para começar a baixar as taxas de juro.

Para lá das médias, os aumentos salariais que se estão a registar em Portugal variam de forma significativa consoante o sector ou a dimensão da empresa de que se está a falar.

As actualizações salariais foram em Junho mais fortes nas empresas com mais trabalhadores e em sectores como o da indústria extractiva, saúde e transportes. No sentido contrário, as empresas com menos trabalhadores e os sectores da electricidade, água e actividades financeiras foram palco de aumentos salariais menos generosos.

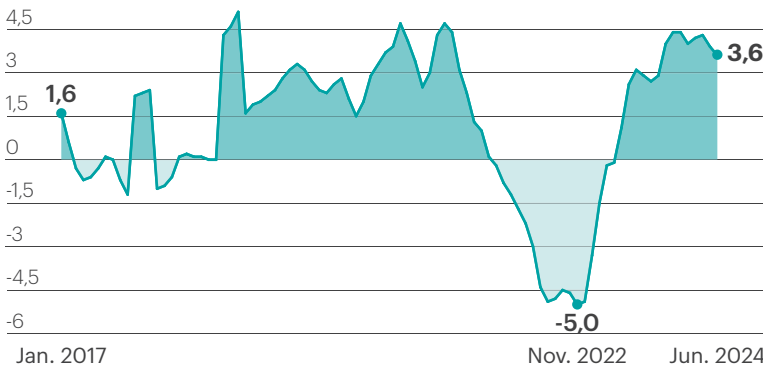
O nível de incidência do salário mínimo – que com o seu crescimento elevado tem contribuído de forma decisiva para os aumentos salariais em Portugal – ou a escassez de mão-de-obra disponível em cada sector são os principais factores explicativos para a diferença de resultados.

A subida forte dos salários no sector da Saúde é um dos exemplos mais evidentes, já que estará provavelmente associada à procura de profissionais a que se tem vindo a assistir, tanto no sector público como privado.

O aumento salarial de 6,4% registado em média em Junho significa igualmente que as metas definidas no acordo de rendimentos assinado pelo anterior Governo com os parceiros sociais foram superadas. João Cerejeira, no entanto, tem dúvidas sobre o verdadeiro contributo que este acordo terá tido para o resultado. "É um acordo de intenções, não é lei. Teve efeitos ao nível do salário mínimo, mas o resto foram as forças de mercado a funcionar", afirma.

Os altos e baixos do poder de compra em Portugal

Variação da remuneração total bruta média em termos reais (em %)

4,5
3
1,5
0
-1,5
-3
-4,5
-6
1,6
3,6
-5,0
Jan. 2017
Nov. 2022
Jun. 2024

Fonte: INE

PÚBLICO

Em termos reais, o aumento da remuneração média em Portugal, que já tinha diminuído de 4,2% em Março para 3,9% em Maio, passou agora em Junho a ser de 3,6%

Produção de carros caiu mais de 30% com paragem na Autoeuropa

Victor Ferreira

Variação homóloga negativa em Julho deve-se aos 13 dias de suspensão da actividade da principal fábrica de automóveis do país

A produção de automóveis em Portugal continua em quebra, tendo-se acelerado por causa da paragem forçada na maior fábrica de carros do país, a Volkswagen Autoeuropa, em Palmela (Setúbal). Depois de uma quebra homóloga de 2,1% no primeiro semestre, o mês de Julho agravou ainda mais a descida, para 6% face ao mesmo período do ano passado, o que fica a dever-se aos 13 dias de paragem por que passou a fábrica da Autoeuropa em Julho.

Segundo os dados oficiais da ACAP – Associação Automóvel de Portugal, ontem divulgados, em Julho de 2021 foram produzidos em Portugal 18.008 veículos, dos quais 10.441 ligeiros de passageiros, 7539 ligeiros de mercadorias e 28 pesados.

Em termos homólogos, a produção nacional em Julho traduz uma diminuição de 32,7%, para a qual contribuíram quebras de 48,2% no segmento dos ligeiros de passageiros e de 95% nos pesados. Já os ligeiros de mercadorias registaram uma subida em Julho de 24,6% face ao mesmo mês de 2023. A quase totalidade desta produção destinou-se à exportação (97,9%, segundo a ACAP).

A Europa continua a ser o mercado líder nas exportações dos veículos fabricados em território nacional – com 85% –, com a Alemanha (23,5%), a Itália (13,3%), a França (10,8%) e Espanha (9,1%) no topo do ranking", lê-se na nota estatística divulgada na tarde de ontem por aquela associação. Tudo somado, desde o início do ano até ao final de Julho, o país produziu 197.230 veículos automóveis, menos 6% do que em igual período do ano passado. Uma variação negativa que reflecte a suspensão da actividade da Autoeuropa que, nos últimos dois meses, esteve parada 21 dias (oito em Junho e 13 em Julho), tendo colocado 3742 dos cerca de 4900 trabalhadores no regime de *layoff*.

Esta suspensão é motivada por obras de adaptação na fábrica. A Volkswagen quer passar a produzir, a partir do próximo, um modelo híbrido em Portugal, onde actualmente produz um único modelo, o T-Roc, com motor de combustão interna. Segundo diversas notícias publicadas nas últimas semanas, a casa-mãe alemã também estará a considerar a fábrica de Palmela como candidata à produção de um veículo 100% eléctrico.

NELSON GARRIDO

Em termos acumulados, a produção nacional cai 6% desde Janeiro

> **Em termos homólogos, a produção nacional em Julho traduz uma diminuição de 32,7%, com quebra de 48,2% nos ligeiros de passageiros**

Em Maio, quando foram conhecidos os planos em Palmela, a administração garantiu: "Estas paragens de produção serão essenciais para iniciar um conjunto de investimentos cruciais para a produção de modelos futuros" e para preparar "a descarbonização da Volkswagen Autoeuropa, tendo em vista a redução do seu impacto ambiental, adaptação tecnológica e cumprimento das normais ambientais".

A opção pelo *layoff* foi criticada por sindicatos e alguns partidos à esquerda com representação parlamentar. A administração da empresa foi, aliás, à Assembleia da República explicar o contexto e as consequências deste investimento na reestruturação daquela fábrica, tal como a Autoridade para as Condições do Trabalho, que garantiu numa audiência na Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão, que a lei do *layoff* tinha sido cumprida, confirmando-se que houve "motivo tecnológico" a justificar esta opção.

Em Maio, a comissão de trabalhadores chegou a acordo com a administração, que garante a totalidade do salário dos trabalhadores que ficaram em casa. Apesar das paragens forçadas, a empresa manteve o objectivo de chegar ao fim do ano com mais unidades produzidas do que em 2023. Isto porque se projecta um aumento da capacidade diária de montagem para um objectivo de 955 a 1005 unidades, acima da produção habitual, que fica perto das 900 unidades. Este aumento de capacidade já está a ser testado desde Junho.

Neste momento, a empresa encontra-se em período de férias.

Quanto aos dados da ACAP, as estatísticas da produção nacional confirmam o peso – e até dependência – da Autoeuropa e do único modelo actualmente ali fabricado. A produção de carros ligeiros de passageiros representa quase 79% da produção nacional e a produção de ligeiros de mercadorias – essencialmente centrada na unidade do grupo Stellantis (ex-PSA), em Mangualde – representa 20%.

O restante 1% fica por conta da produção de veículos pesados. Em termos acumulados, esta produção segue em forte aceleração, com um aumento de 76,2% desde Janeiro, quando comparado com os primeiros sete meses de 2023. Em termos nominais, são 185 veículos.

Greve de três dias na EasyJet leva a cancelamento de mais de 210 voos

A companhia aérea britânica EasyJet já cancelou 70,12% dos voos que tinha previsto efectuar entre o início de dia 15 (feriado nacional) e o fim do dia 17 de Agosto – amanhã, sexta-feira e sábado. São menos 216 voos que serão efectuados, na contagem feita ontem de manhã pelo Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC), que convocou a greve.

"No seguimento do que temos transmitido ultimamente", lê-se na comunicação que o SNPVAC enviou aos seus associados que são trabalhadores da EasyJet, "informamos que à hora do lançamento deste comunicado [antes das 9h da manhã de ontem] já foram cancelados 28 voos para os três dias de greve no Porto, não sobrando voos fora dos serviços mínimos". Assim, contabilizam, "ao todo, a EasyJet cancelou no dia de ontem 42 voos, que se juntam aos 174 anteriormente cancelados para todo o país". São 216 voos no total, 70,12% dos 308 previstos para os mesmos dias, antes do anúncio de greve.

Para a direcção do SNPVAC, não há dúvidas de "que a adesão irá ser massiva, tal como já tinha sido massiva a votação de 99% na assembleia geral a favor desta jornada de luta".

A paralisação – pré-anunciada no final de Julho – tem início às 00h01 do dia 15 de Agosto e fim às 24h00 de dia 17, para "todos os voos realizados pela EasyJet, bem como para os demais serviços a que os tripulantes de cabine estão adstritos", em território nacional. Desde então, o Governo decretou serviços mínimos a efectuar durante o período, que asseguram ligações à Madeira, Genebra, Luxemburgo e Londres, a partir de Lisboa, Porto e Faro, após falta de acordo entre empresa e sindicato.

Esta greve surge, segundo o sindicato, citado pela Lusa, porque os trabalhadores estão insatisfeitos com o "contínuo e cada vez mais acentuado desrespeito pela sua dignidade profissional". **PÚBLICO**

Cultura Festival começa hoje e prolonga-se até sábado

Com flautas e guitarras, Paredes de Coura faz a festa até o sol raiar

André 3000, Cat Power, Idles ou Sleater-Kinney estão entre os destaques de uma edição em que os cabeças-de-cartaz actuam pelas 2h e que terá outros concertos promissores a acontecer ainda mais tarde

Daniel Dias

A organização do Vodafone Paredes de Coura não revela ainda números exactos, uma vez que os bilhetes não estão esgotados, mas consegue "afirmar com certeza" que já vendeu mais ingressos para a edição deste ano, que se inicia hoje e decorre até sábado, do que para a de 2023. Para os presentes, os 80 mil bilhetes vendidos do ano passado constituíram uma quebra de afluência que tornou mais fácil "furar" a multidão e arranjar um bom lugar para ver boa parte dos concertos, mesmo que eles estivessem a poucos minutos de começar. Para a organização, "o ânimo para trabalhar é outro", garante João Carvalho, director do festival que, entre nomes consagrados e outros em rota de ascensão, volta a percorrer diferentes géneros e gerações.

No primeiro dia, os destaques vão para André 3000, *rapper* dos OutKast que no final do ano passado surpreendeu com um álbum de flautas (*New Blue Sun*, disco de ambient/new age que será o centro da sua apresentação), Killer Mike, metade do duo de hip-hop Run the Jewels, ou Sampha, aclamado representante da nova vaga de soul/R&B. No segundo, sobem ao palco principal as lendárias Sleater-Kinney, instituição do rock feito nas últimas três décadas (será a sua estreia em Portugal, finalmente), a banda de nu-disco/synth-pop L'Impératrice, que começa a tornar-se uma presença regular nos festivais nacionais (já tinham vindo a Coura em 2022 e no ano passado tocaram no Super Bock Super Rock), ou Slow J, autor de um *Afro Fado* que foi um dos álbuns portugueses mais celebrados de 2023.

Na sexta-feira, o Paredes entra na sua segunda metade com a distorção e a exortação ao amor (próprio e ao próximo) dos Idles, banda que Portugal também já conhece bem, o *lounge* dos Nouvelle Vague, a pop *queer* de Girl in Red ou, ainda, Cat Power, que visitará o cancioneiro de Bob Dylan — a norte-americana lançou no ano passado um álbum ao vivo recriando na íntegra o histórico concerto de 1966 em que o autor, então acabado de se estrear em palco com instrumentos eléctricos, foi chamado "Judas" pelos puristas da folk. No último dia, o festival recebe instituições do shoegaze e do rock alternativo (os Slowdive e os The Jesus and Mary Chain), bem como os irlandeses Fontaines D.C., nome forte do rock actual prestes a lançar um álbum novo (*Romance* sai na próxima semana).

DR

André 3000 é o cabeça-de-cartaz da noite de hoje; as Sleater-Kinney fazem a sua estreia em Portugal

CHRIS HORNBECKER

Pelo segundo de dois palcos também irão passar, ao longo dos dias, nomes como George Clanton, Model/Actriz, Wednesday, Protomartyr, Nourished by Time, Allah-Las, Beach Fossils, Mdou Moctar, Hotline TNT ou Superchunk. No que toca à representação nacional, haverá Benjamim, Branko, Conferência Inferno, Valter Lobo ou um concerto especial que juntará os First Breath After Coma e Noiserv à banda filarmónica de Mateus (será o concerto de inauguração do palco principal, esta tarde).

Quem quiser consumir a totalidade da programação ou perto disso terá de ser resiliente: o facto de os cabeças-de-cartaz subirem ao palco quase às 2h não é novidade no Paredes de Coura (já no ano passado aconteceu, com nomes como Little Simz), mas desta feita não só é o figurino de quase todos os dias, como haverá outros concertos promissores a horas bastante tardias. O rock político e desértico do nigerino Mdou Moctar, por exemplo, ficou com a ingrata colocação das 3h05, num palco secundário que ainda receberá Tramhaus pelas 4h35.

João Carvalho explica ao PÚBLICO que o objectivo é evitar sobreposições, tema que, assinala, todos os anos gera queixas em caixas de comentários e outros espaços. "Queremos que os melómanos de Coura possam ver tudo, mesmo que não seja muito simpático para as próprias bandas tocarem tão tarde."

Há dias, numa entrevista à SIC, o director do festival comentava com algum pesar o facto de as opções de alojamento em Paredes de Coura estarem, por estes dias, bastante caras. Ao telefone com o PÚBLICO, João Carvalho diz perceber a lei da oferta e da procura — "Há poucas casas para alugar e as pessoas tentam ganhar o seu dinheiro", refere —, mas sublinha que procura sensibilizar os donos das habitações. "É a única coisa que podemos fazer, na realidade. O festival deixa milhões em Paredes de Coura. Temos uma relação muito cordial com todo o concelho. Temos sensibilizado o comércio local e os restaurantes para não inflacionarem tanto os preços durante os dias do festival e, felizmente, é o que têm feito", aponta.

O Paredes de 2024 acontece na sequência do 30.º aniversário da primeira edição. Neste início de quarta década de vida, o objectivo, resume João Carvalho, "é dar continuidade a esta brincadeira de crianças", num contexto cada vez mais desafiante. "Comparativamente ao que acontece lá fora, não cobramos muito em Portugal pelos bilhetes. E contratamos as bandas pelo mesmo valor. Mais: temos esta particularidade de manter o Paredes sem que exista qualquer festival vizinho. O Nos Alive acontece ao mesmo tempo que o Mad Cool, em Espanha: há uma contratação conjunta. Felizmente, conseguimos granjear muita simpatia junto de alguns agentes." O director termina com uma brincadeira: "Um dia, tem de haver um documentário que mostre as dificuldades deste festival."

Denise Fernandes estreia a sua primeira longa-metragem na Locarno onde cresceu

Jorge Mourinha

Obra inaugural de uma filha de cabo-verdianos, *Hanami* narra as dores da diáspora — para lá do lugar-comum da saudade

DANIEL ROCHA

DR

DR

Nascida em Lisboa, Denise Fernandes emigrou muito pequena com os pais para a Suíça, onde fez a sua educação literária e cinéfila

Denise Fernandes (Lisboa, 1990) vê hoje a sua primeira longa-metragem, *Hanami*, ter estreia mundial no Festival de Locarno, integrada na competição de primeiras obras Cineastas do Presente. É um momento muito especial para a realizadora, nascida em Portugal, de pais cabo-verdianos: cresceu naquela localidade da Suíça italiana, para onde emigrou muito pequena com a família. Mas não é bem um regresso a casa: "Sinto que estou a ir um sítio novo. Durante o festival a cidade fica muito diferente... E como desta vez vou com uma das actrizes do filme, vou também ver a cidade através da experiência dela."

Em *Hanami*, a cineasta conta a história de Nana, uma menina que cresceu na ilha do Fogo, onde a mãe a deixou ainda bebé, ao cuidado da avó, quando emigrou depois da morte do pai. Um filme sobre aqueles que "ficaram para trás", rodado inteiramente no Fogo por alguém que faz parte da diáspora daquele país africano. "Na Suíça, muitas das pessoas que eu conhecia guardavam em si um sentimento de... quebra, de não poder ter ficado", explica ao PÚBLICO poucos dias antes de partir para Locarno. "Há um poder na narrativa [comum] do que se pode ganhar ao ser emigrante. Mas, para mim, faltava o outro lado: empatizar com a ideia de que a maioria das pessoas queria na verdade ficar, no seu próprio país, com a família, com a natureza."

A própria Denise Fernandes confessa-se ainda hoje atordoada por ter decidido que queria fazer desta história a sua primeira longa-metragem, e que a queria rodar em Cabo Verde — uma proposta talvez demasiado ambiciosa para alguém que, naquela altura, ainda não tinha as cinco curtas que hoje tem em carteira (a última delas, *Nha Mila*, teve estreia precisamente em Locarno, em 2020). "Quando comecei a escrever, em 2016, havia uma voz a dizer-me: 'A sério, queres fazer isto como o teu primeiro filme? Não estás pronta...'", recorda a realizadora. "Perguntei-me se achava que podia fazer este filme em Cabo Verde, se seria justo para o olhar que eu queria dar do país, para a história que queria contar. E respondi a mim própria: 'Este é o único filme que quero fazer. E se não fizer mais, já chega.'"

Por aí também se revela a determinação de uma mulher que fez *Hanami* para descobrir o seu lugar no mundo. Quando lhe perguntamos se se sente europeia, africana, cabo-verdiana, portuguesa ou suíça, confessa ter pensado muito nessa questão — talvez por ser tudo isso ao mesmo tempo, sem ser apenas nenhuma dessas coisas. "Chegou um momento em que tive também eu de me fazer essa pergunta. E o momento mais forte foi quando tomei a decisão de fazer este filme. Nos primeiros dois ou três anos [de pesquisa] não estava ainda com uma equipa, tive de abrir-me quanto à minha relação com o país. As primeiras viagens foram mais atormentadas interiormente. Mas, à medida que o processo avançou, tive as respostas de que precisava."

Se grande parte da equipa técnica e do elenco é feminina, com uma forte presença de actrizes e actores não profissionais, encontramos no genérico um nome conhecido: Telmo Churro, co-argumentista e montador de todas as longas de Miguel Gomes, montador de Salomé Lamas, Manuel Mozos ou Helvécio Marins — e membro da "família" da produtora O Som e a Fúria, que está por trás de *Nha Mila* e *Hanami*. A sugestão veio do produtor Luís Urbano, mas foi acolhida de braços abertos e Denise Fernandes desfaz-se em elogios ao toque delicado de Churro na afinação do argumento. "Ele percebeu o que eu queria fazer, sem muitas perguntas, e ajudou-me a desbloquear algumas coisas, num espírito que era precisamente aquele que eu procurava."

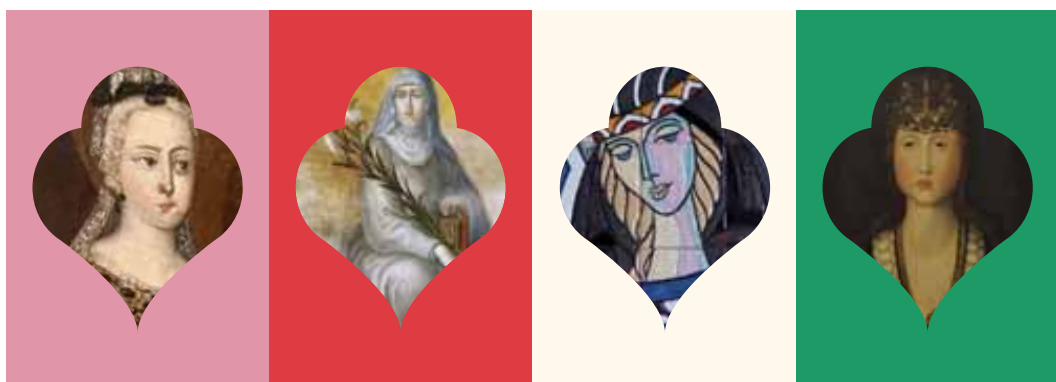
> **"Este é o único filme que quero fazer. E, se não fizer mais, já chega", diz Denise Fernandes**

Um conto de fadas

O espírito que Denise Fernandes procurava está próximo de um certo ambiente de "conto de fadas". A história começa com uma Nana protegida pela comunidade, antes de um salto para a adolescência que nos põe a assistir ao seu embate com o mundo real. Algo que transcende o simples lugar-comum da saudade para se alimentar ao mesmo tempo da esperança no amanhã e da melancolia de deixarmos partes de nós para trás. "A realidade da emigração, da partida, é extremamente dura. Achei injusto não ter a dimensão de fantasia" — presente no olhar arregalado da criança perante histórias de sereias e tartarugas — "mas também não era justo excluir totalmente a realidade".

Os contos de fadas são centrais para Denise Fernandes, porque foi pela leitura e pela escrita que começou a sua vontade de contar histórias. "Aprendi a ler na Suíça, culturalmente cresci com uma cultura suíça de língua italiana, no fundo italiana", explica. "A leitura foi o meu primeiro amor: Esopo, os irmãos Grimm... Lembro-me de tentar escrever livros quando era adolescente e de ficar um bocadinho aborrecida, achava que ia ser mais divertido!"

O cinema fez também parte dessa educação. "Mas foi só em Portugal que percebi que tinha estado numa cidade com acesso ao cinema, que é uma coisa muito privilegiada."

A sua primeira longa — co-produção entre a Suíça, Portugal e Cabo Verde — é agora desvendada num dos mais importantes festivais de cinema contemporâneos. Nunca o teria imaginado. "Fico surpreendida com esta coincidência. Parece que fiz uma grande viagem e volto ao ponto de início..." Numa fase em que já tem resposta à pergunta sobre quem é. "Sou uma mulher cabo-verdiana que cresceu na Europa. E estou muito feliz por sê-lo."

CLASSIFICADOS

Rua Júlio Dinis, n.º 270,
Bloco A, 3.º Piso
4050-318 Porto
Tel. 22 615 10 00
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE SÃO JOSÉ | 40 | SNS SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE | REPÚBLICA PORTUGUESA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, EPE

AVISO

Nos termos do Decreto-Lei nº 41/2024, de 21 de junho e do Despacho nº7097-A/2024, retificado pelo Despacho nº 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., de 11-07-2024, faz-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, destinado ao preenchimento de 3 (três) postos de trabalho na especialidade de Saúde Pública, na categoria de assistente da carreira médica, do mapa de pessoal desta Unidade Local de Saúde, para constituição de relação jurídica de emprego, mediante celebração de contrato de trabalho sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, cujo aviso de abertura foi publicitado pelo aviso nº 17141/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2ª Série, Nº 156 de 13-08-2024, cujo prazo de entrega de candidaturas é de 5 (cinco) dias, contados da dia seguinte ao da publicação no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da ULSSJosé, EPE, https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 13 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

---

urbanismo, planeamento, transportes e mobilidade pelouro

processo n.º 800/2024/URB • local: SANTA MARIA DA FEIRA
requerente: Só Um Sociedade de Construções Lda

Aviso N.º 37209/2024/INT

Nos termos e para efeitos do preceituado no n.º 3 do art. 27º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, conjugado com o art. 13º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, publicado no *Diário da República* n.º 203, II Série, de 16/10/2015, torna-se público que se encontra pendente nesta Câmara Municipal o pedido de **licenciamento** para alteração ao lote nº 36 do alvará de loteamento n.º 43/1998, emitido em 29/12/1998, o qual consiste em aumentar a área destinada a habitação coletiva; diminuir a área destinada a comércio/serviços e aumentar o n.º de pisos com o acréscimo de andar recuado.

O lote a alterar está descrito na Conservatória do Registo Predial Comercial e Automóvel de Santa Maria da Feira sob o nº 1751/19990217 – Feira e inscrito na matriz urbana sob o artigo 3609º, da União de freguesias de Santa Maria da Feira, Travanca, Sanfins e Espargo, deste concelho.

A consulta pública, decorrerá pelo período de 10 dias úteis, contados do último dos avisos publicados no *Diário da República*, no jornal nacional e no Portal do Município em www.cm-feira.pt. Durante o período da consulta pública, o(s) interessado(s) podem consultar todo o processo na Câmara Municipal, sita no Largo da República, em Santa Maria da Feira, durante o horário normal de expediente e, no caso de oposição, apresentar, por escrito, exposição devidamente fundamentada, através de requerimento dirigido ao Presidente da Câmara.

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 12/08/2024

Vereadora do Pelouro do Urbanismo, Planeamento, Transportes e Mobilidade,
Arq.ª Ana Ozório

---

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.
Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos:

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia
2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h
Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim
- Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Delegação Norte da Alzheimer Portugal: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente
n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro da Alzheimer Portugal: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal
- Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão -
Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional
da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

---

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;
Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 16 de junho de 2023, foi aplicada ao **Sr. Dr. Jorge Rocha e Silva**, atualmente com a inscrição como Advogado suspensa e que, enquanto com a inscrição ativa, foi portador da cédula profissional n.º 6367P, com último domicílio pessoal conhecido na Rua Álvares Cabral, 465, Valongo, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 5 (cinco) anos,** por violação dos deveres previstos nos artigos 83.º, 85.º/1/2 al. a) e g), 86.º/a, 92.º/1/2, 95.º al. a) e b) e 96.º do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor à data dos factos – Lei 15/2005, de 26 de janeiro – a que correspondem os deveres previsto nos artigos 88.º, 90.º/2 al. a) e g), 91.º/a e 97.º do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor.
O Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados em 5 de abril de 2024 e o cumprimento da presente pena teria o seu início findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro). Porém, encontrando-se o Sr. Dr. Jorge Rocha e Silva suspenso por motivos não disciplinares, nos termos do artigo 173.º, n.º 3 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro), o cumprimento da presente sanção apenas terá início no dia imediato ao levantamento da suspensão.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves — Presidente do Conselho de Deontologia do Porto
Margarida Santos — Chefe de Serviços

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;
Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 16 de junho de 2023, foi aplicada à **Sra. Dra. Anabela Pinto Santos,** atualmente com a inscrição como Advogada suspensa e que, enquanto com a inscrição ativa, foi portadora da cédula profissional n.º 46053P, com último domicílio profissional na Rua Capela de Baixo, 5, Braga, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses,** por violação dos deveres previstos nos artigos 88.º, 89.º, 90.º, n.º 1 e 2, alíneas d) e g), 91.º, alínea a) e 97.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados em vigor.
O Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados em 8 de abril de 2024 e o cumprimento da presente pena teria o seu início findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro). Porém, encontrando-se a Sra. Dra. Anabela Pinto Santos suspensa por motivos não disciplinares, nos termos do artigo 173.º, n.º 3 do Estatuto da Ordem dos Advogados (Lei 145/2015, de 9 de setembro), o cumprimento da presente sanção apenas terá início no dia imediato ao levantamento da suspensão.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves — Presidente do Conselho de Deontologia do Porto
Margarida Santos — Chefe de Serviços

EDITAL

ROCHA NEVES, Presidente do Conselho de Deontologia do Porto da Ordem dos Advogados Portugueses, em cumprimento do disposto nos artigos 174.º e 202.º do Estatuto da Ordem dos Advogados, aprovado pela Lei 145/2015, de 9 de setembro, com as alterações introduzidas pela lei 6/2024, de 19 de Janeiro;

Faz saber publicamente que, por Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto de 7 de dezembro de 2024, **foi aplicada ao Sr. Dr. Hugo Hermes,** portador da cédula profissional n.º 9409P, com domicílio profissional na Rua do Rio Vizela, 419, Vizela, **a pena disciplinar de suspensão pelo período de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses,** acrescida da sanção acessória de restituição à interessada, Rosa Jesus Sala Gomes, da quantia de €16.347,00 (dezasseis mil trezentos e quarenta e sete euros), por violação do disposto nos artigos 88º, 90º, n.º /1/2/a, 97º/1/2, 100º/1/a/b e 101º/1/2, todos do EOA por violação dos deveres previstos nos artigos 88.º e 91.º, al. e) do Estatuto da Ordem.

O cumprimento da presente pena teve o seu início a 21 de junho de 2024, findo o prazo previsto no artigo 173.º, n.º 1 do Estatuto da Ordem dos Advogados atualmente em vigor, desde a data em que o aludido Acórdão do Conselho de Deontologia do Porto, formou caso resolvido na ordem jurídica interna da Ordem dos Advogados.

Porto, 7 de agosto de 2024

Rocha Neves — Presidente do Conselho de Deontologia do Porto
Margarida Santos — Chefe de Serviços

FAMILIAR

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com os Artigos 61.º, 64.º e 65.º dos Estatutos d'A Beneficência Familiar – Associação de Socorros Mútuos e com os Artigos 77.º, 80.º e 81.º do Código das Associações Mutualistas (CAM), convoco os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na Sala Multiusos da Sede desta Associação, sita à Rua Formosa, n.º 349 – 1.º andar, nesta Cidade do Porto, no próximo dia 29 de agosto de 2024, pelas 17,30 horas, a fim de ser tratada a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Apreciação geral da administração e fiscalização da Associação, discussão e votação do Relatório de Gestão e Contas do exercício do ano de 2023, proposto pelo Conselho de Administração e acompanhado do Parecer do Conselho Fiscal.
2. Aprovação do texto integral dos Estatutos, com a integração das alterações já aprovadas em anteriores assembleias gerais.
3. Outros assuntos de interesse da Associação e dos Associados, para os quais disporão de meia-hora.

Solicita-se aos Senhores Associados em pleno gozo dos seus direitos o favor de comparecerem com alguma antecedência e que se façam acompanhar do respetivo documento de identificação e cartão de associado.
Se não comparecerem mais de metade dos associados existentes, a Assembleia reunirá uma hora depois (18,30 horas), com qualquer número de associados presentes.

NOTA: A documentação de suporte encontra-se disponível para consulta de todos os associados na Secretaria d'A BENEFICÊNCIA FAMILIAR – Associação de Socorros Mútuos, durante as horas de expediente, e em www.abfamiliar.pt, de acordo com os Artigos 63.º e 65.º dos Estatutos e o Artigo 81.ª do CAM.

Porto, 12 de agosto de 2024

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) *José Lourenço Pinto*

FAMILIAR

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

De harmonia com a alínea b) do Artigo 62º, nº 1 do Artigo 64º e Artigo 65.º dos Estatutos d'A Beneficência Familiar – Associação de Socorros Mútuos e com os Artigos 77.º, 80.º e 81.º do Código das Associações Mutualistas (CAM), convoco os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, na Sala Multiusos da Sede desta Associação, sita à Rua Formosa, n.º 349 – 1.º andar, nesta Cidade do Porto, no próximo dia 29 de agosto de 2024, pelas 18,30 horas, a fim de ser tratada a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Deliberar sobre a alienação onerosa do bem imóvel descrito na CRP sob o nº 54944, do liv. B-155 e inscrito na matriz urbana sob o artigo 8070, sito na Rua do Ateneu Comercial do Porto, n.º 31 a 35, na cidade do Porto, propriedade da nossa Associação, pelo valor mínimo de €2.250.000,00 (dois milhões e duzentos e cinquenta mil euros). Esta proposta é feita ao abrigo da alínea b) do Artigo 62.º dos nossos Estatutos e é acompanhada do respetivo Parecer do Conselho Fiscal, conforme o Artigo 84.º dos mesmos Estatutos e as competências que nele são conferidas a este Órgão Associativo.
2. Deliberar sobre a autorização a conceder ao Conselho de Administração para a negociação do imóvel identificado no número anterior e, nessa sequência, conceder poderes ao Presidente do Conselho de Administração, Carlos Jorge da Costa Azevedo Silva, e ao seu Vogal, António Ferreira Pinheiro, enquanto seus representantes, para outorgarem todos os documentos necessários ao indicado fim da venda do imóvel, bem como para representarem a associação na escritura de compra e venda do mesmo, aí dando correspondente quitação do preço.

Solicita-se aos Senhores Associados em pleno gozo dos seus direitos o favor de comparecerem com alguma antecedência e que se façam acompanhar do respetivo documento de identificação e cartão de associado.

Se não comparecerem mais de metade dos associados existentes, a Assembleia reunirá uma hora depois (19,30 horas), com qualquer número de associados presentes.

Porto, 12 de agosto de 2024

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
a) *José Lourenço Pinto*

CÂMARA MUNICIPAL PAREDES

EDITAL

PROCESSO EXPROPRIATIVO URGENTE DE TRÊS PARCELAS DESTINADO À OBRA "PARQUE URBANO DA CIDADE DE GANDRA, PROCESSO N.º 1/2024 - COMUNICAÇÃO DA RESOLUÇÃO DE EXPROPRIAR

José Alexandre da Silva Almeida, Presidente da Câmara Municipal de Paredes

Torna público, para efeitos do disposto no nº 5 do artigo 10º e do n.º 4 do artigo 11.º do Código das expropriações em vigor aprovado pelo Decreto-Lei nº 168/99, de 18 de setembro, que em sua reunião ordinária do executivo camarário datada de 2024/07/18, foi deliberado requerer-se a declaração de utilidade pública urgente da expropriação de três parcelas de terreno destinadas à implementação da obra supra identificada.

O presente edital tem por desiderato dar a conhecer ao interessado abaixo indicado da deliberação tomada, a qual poderá ser por ele solicitada junto da Divisão de Assuntos Jurídicos desta autarquia.

EXPROPRIADO	PARCELA Nº	EXP. TOTAL/ PARCIAL	ÁREA
Coproprietário (herdeiro da herança de Manuel Rocha Neto e Maria Rosa Moreira Rocha: **Mário Manuel Rocha**	2	total	13622,00m²

Paredes, 9 agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal,
José Alexandre da Silva Almeida, Dr.

Real Madrid e Ancelotti à procura de recorde na Supertaça Europeia

Em caso de vitória esta noite, em Varsóvia, frente à Atalanta, o clube espanhol e o treinador italiano passam a deter, de forma isolada, o número máximo de conquistas do troféu

David Andrade

O Estádio Nacional de Varsóvia será esta noite (20h, SPTV1) o 12.º palco que recebe a Supertaça Europeia desde que a prova deixou de ser disputada no Mónaco, em 2012, e pode ficar na história do Real Madrid e de Carlo Ancelotti. Em caso de vitória frente à Atalanta, o clube espanhol e o treinador italiano passam a deter, de forma isolada, o número máximo de conquistas do troféu e, na partida que assinalará a estreia oficial de Kylian Mbappé com a camisola madridista, o favoritismo dos campeões europeus sai reforçado pela mão-cheia de baixas importantes na equipa de Bérgamo.

A história da competição que, no arranque de temporada, coloca frente a frente os vencedores das duas principais competições da UEFA revela que a supremacia do detentor da Liga dos Campeões não é clara no confronto com o clube que ganhou a Liga Europa – 28 triunfos em 48 edições –, mas, na primeira vez em que discute o troféu, a Atalanta terá pela frente um contexto altamente desfavorável.

Com um projecto trabalhado de forma exemplar nos últimos oito anos por Gian Piero Gasperini, que construiu em Bérgamo uma equipa com identidade e elogiada de forma consensual pela qualidade que apresenta, a Atalanta jogará na Polónia sem Gianluca Scamacca, Giorgio Scalvini e Nicolò Zaniolo, que estão lesionados, enquanto Teun Koopmeiners ficou de fora por estar a negociar a saída do clube.

As adversidades, no entanto, não assustam Gasperini. Para o experiente técnico transalpino, o jogo de Varsóvia "será uma ocasião extraordinária" para a Atalanta, para Bérgamo. "Estamos a jogar contra o clube mais titulado do mundo. Jogar uma final como esta, para este troféu, contra um clube tão importante, seria impensável até há bem pouco tempo. Há um enorme sentimento de orgulho. E também um sentimento de querer estar lá, de querer fazer uma grande exibição e aguentarmo-nos contra um clube que, historicamente, é a equipa mais forte", afirmou.

JENNIFER LORENZINI/REUTERS

Em Varsóvia está tudo preparado para receber hoje a final da Supertaça Europeia

Do outro lado, também estará um treinador italiano sentado no banco, mas os "problemas" para Carlo Ancelotti são de abundância de opções. Com a equipa na máxima força, entre os convocados do Real Madrid estão Kylian Mbappé e Endrick, contratações deste Verão, que se juntam a um lote que inclui nomes como Luka Modric, Vinícius Júnior ou Jude Bellingham.

Embora tendo o favoritismo do seu lado, Ancelotti lembrou na antevisão da partida que a Atalanta é "uma equipa muito perigosa e que joga de uma forma especial e única". "A maneira como conseguiu impedir o Bayer Leverkusen, que estava em grande forma, de jogar o que sabia foi notável", alertou.

Após deixar também elogios ao "amigo" Gasperini – "se a Atalanta está regularmente nas competições europeias, deve-o a ele" –, Ancelotti falou sobre o peso que terá a chegada de Mbappé a Madrid: "Além da qualidade, também vai dar à equipa atitude e dedicação. Terá de se adaptar à equipa, como outros antes dele, mas vai fazê-lo de forma rápida, pois tem uma qualidade incrível."

E será, com quase toda a certeza, com Mbappé no "onze" que Ancelotti tentará conquistar pela quinta vez o troféu – também venceu uma Supertaça Europeia como jogador –, o que tornaria o italiano o treinador com mais títulos na prova (Guardiola ganhou quatro vezes). A nível de clubes, o Real também pode sair de Varsóvia com um recorde: se derrotar a Atalanta, passa a somar seis vitórias, uma mais do que Barcelona e AC Milan.

400 milhões por Vinícius Júnior?

Começou por ser um rumor, mas segundo a imprensa espanhola é mais do que isso. O Al Ahli, clube da Arábia Saudita, terá avançado com a maior proposta de sempre para contratar Vinícius Júnior: 400 milhões de euros para o Real Madrid; 1000 milhões para o brasileiro para um contrato de cinco temporadas, durante o qual seria a imagem da candidatura saudita ao Mundial de 2034. O Real Madrid, no entanto, não terá mostrado disponibilidade sequer para iniciar negociações, apontando para o valor da cláusula de rescisão do jogador: 1000 milhões de euros. No Al Ahli jogam actualmente futebolistas como o guarda-redes Mendy e os avançados Mahrez e Firmino.

Depois de Paris, saltador Tom Daley junta-se ao clube dos reformados

Inês Duarte de Freitas

Aos 30 anos, atleta britânico anunciou a reforma. Agora, quer focar-se na família e no negócio do tricô

Tom Daley tem 30 anos, mas a carreira olímpica foi mais de metade da sua vida. Tinha 14 anos quando se estreou em Pequim e, desde então, tornou-se um dos atletas mais mediáticos do Reino Unido com cinco medalhas olímpicas nos saltos para a água. A carreira terminou em Paris com Daley a anunciar, anteontem, a reforma e a justificar que se quer dedicar à família. "Acho que é sempre difícil despedirmo-nos do nosso desporto. Há muitas coisas para processar, mas é a altura certa. Este ano pareceu-me um bónus", declarou, emocionado, numa entrevista à BBC.

O atleta passou os últimos 23 anos aos saltos para a água. Nasceu a 21 de Maio de 1994, em Plymouth, Inglaterra. O pai era electricista e a mãe doméstica. A inclinação para a natação surgiu quando aprendeu a nadar aos 4 anos. Aos 7, começou a frequentar as aulas de natação e despertou a atenção do treinador Andy Banks. Aos 10 anos, foi campeão nacional de saltos de plataforma.

Em criança, ficar longe da família para participar em competições noutras cidades foi um pesadelo. E, na escola, também não era fácil, não só porque tinha de faltar frequentemente às aulas, mas também pela convivência pouco saudável com os colegas. De acordo com o *The Telegraph* teve de mudar de escola depois de vários episódios de *bullying*.

O pai apoiava-o em todos os treinos e competições, num sacrifício que Tom Daley continua a não esquecer, passados 20 anos. "Agora, como pai, sinto que também tenho de seguir o seu exemplo. Gostava tanto que ele me tivesse visto com uma medalha olímpica", desabafa. Em 2006, Rob Daley foi diagnosticado com um tumor cerebral e morreu cinco anos depois, mas ainda viu o filho concretizar o sonho olímpico em 2008.

Daley estreou-se aos 14 anos nos Jogos Olímpicos de Pequim e tornou-se o segundo atleta britânico mais jovem a participar nesta competição – o remador Ken Lester participou aos 13 anos e 144 dias. Apesar de não ter sido medalhado nesta primeira participação, distinguiu-se ao terminar em sétimo lugar nos 10m individuais de plataforma e em oitavo nos 10m de salto sincronizado com o parceiro Blake Aldridge.

CLIVE ROSE/GETTY IMAGES

Saltador britânico marcou presença em cinco Jogos Olímpicos

A jogar em casa, em Londres 2012, com 18 anos, perante uma multidão de 17 mil pessoas, conquistou a medalha de bronze no salto de 10m – foi o primeiro britânico a subir ao pódio nesta categoria desde 1960. "Estou tão feliz. Gostava muito, muito que o meu pai estivesse aqui para ver."

À primeira medalha, somou-se mais uma no Rio 2016, na prova de salto sincronizado com o parceiro Dan Goodfellow. Com a subida ao pódio, aos 22 anos tornou-se o primeiro atleta de salto para a água a ter mais do que uma medalha olímpica.

> **Os meus filhos puderam ver-me mergulhar nos Jogos Olímpicos pela primeira vez em pessoa! Cinco Jogos Olímpicos. Cinco medalhas**
>
> **Tom Daley,** atleta olímpico

O apogeu foi Tóquio 2020, no salto sincronizado de 10m, com Matty Lee, chegou finalmente o ouro. "Houve um momento, mesmo antes do meu primeiro mergulho, em que olhei à minha volta e pensei: 'Sabem que mais, estou nos Jogos Olímpicos e isto é muito fixe'", contou, emocionado.

Foi também em Tóquio que somou mais um bronze na final individual do salto de 10m da plataforma. Faltava-lhe a prata, que chegou em Paris 2024, quando menos se esperava, já que Daley tinha estado dois anos afastado dos treinos, depois da mudança para os EUA. E voltou a subir ao pódio do salto sincronizado com Noah Williams, antes de anunciar a reforma. "Ontem foi um sonho absoluto! Os meus filhos puderam ver-me mergulhar nos Jogos Olímpicos pela primeira vez em pessoa! Cinco Jogos Olímpicos. Cinco medalhas", escreveu no Instagram, onde acumula quatro milhões de seguidores.

Em Paris conquistou o sonho de ser o porta-estandarte na cerimónia de abertura. "Senti-me muito nervoso por saber que eram os meus últimos Jogos Olímpicos. Havia muita pressão e expectativa. Estava ansioso por terminar, mas quando vi o meu marido, os meus filhos, os meus amigos e a minha família na plateia, pensei: 'Foi exactamente por isto que vim'", declarou à revista *Vogue* numa entrevista anteontem.

Foi em 2013 que Tom Daley anunciou ao mundo a sua bissexualidade. No início daquele ano conheceu aquele que seria o seu companheiro de vida. "O meu pai sempre me disse: 'Desde que estejas feliz, eu estou feliz.' E, neste momento, eu não podia estar mais feliz", disse num vídeo no YouTube, que gerou reacções na imprensa por ser "o mais proeminente desportista britânico" a assumir um relacionamento com alguém do mesmo sexo, escrevia o *The Telegraph*. Tem dois filhos.

Foi em Tóquio que Tom Daley foi fotografado a tricotar. Com quatro milhões de seguidores no Instagram e 1,6 milhões no TikTok, o futuro de Tom Daley pode passar pelas redes sociais e pela moda, uma vez que contou à *Vogue* que se inscreveu num curso no Fashion Institute of Design and Merchandising em Los Angeles, onde vive com a família. O objectivo é aprender a costurar para alavancar o negócio do tricô com um "nível diferente de conhecimento" sobre "a construção das coisas".

Obrigado, José Manuel Constantino

Opinião

João Paulo Almeida

Quando nos encontrámos naquele fim de tarde de Outono de 2012 estávamos longe de pensar que aquele momento iria definir o curso das nossas vidas durante mais de uma década.

Ele, com uma longa militância cívica e intelectual que o alcandorou à liderança das principais organizações do sistema desportivo nacional, atirou de rompante, como sempre foi o seu timbre:

"Fui abordado por um conjunto de pessoas com a intenção de me candidatar ao COP. Antes de tomar uma decisão sobre isso preciso que conheçam e se identifiquem com as minhas ideias."

José Manuel Constantino, com quem mantinha uma colaboração em artigos e livros sobre desporto, bem como num blogue (Colectividade Desportiva) que havíamos fundado com outras pessoas com intervenção e reflexão sobre política desportiva, era alguém com quem amiúde tinha ideias díspares quanto ao futuro desportivo do país e estava longe de ser uma personalidade que visse como agregadora do colégio eleitoral do COP.

"Preciso que ponha no papel as ideias para o futuro do COP. E quero-o a meu lado."

Assertivo e directo perante alguém não alinhado com a sua visão tornou o cenário demasiado sedutor e desarmante para recusar o desafio, tanto mais quanto me sabia crítico de um certo situacionismo e aversão dos principais protagonistas do sistema desportivo de então a assumirem um debate aberto e plural.

Sabia que ele era substancialmente diferente desse perfil de dirigente e, por isso, as expectativas eram baixas.

Com uma base de apoio num conjunto de presidentes de federações desportivas que iniciavam o seu mandato – e o acompanharam ao longo destes anos –, Constantino apresentou publicamente, de forma magistral, as ideias que brotaram daquele repto de fim de tarde, para rapidamente gerar uma vaga de fundo que o conduziu ao seu derradeiro *opus*. A liderança do COP.

A partir daí o resto é história. Uma história pública, conhecida dos portugueses, e outra, privada, que ficará na memória daqueles que tiveram o privilégio, a dor e a angústia de a viver de perto. A História do Desporto em Portugal, essa, encarregar-se-á de dissecar o lugar deste homem que conheceu o seu *requiem* na Cerimónia de Encerramento dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, onde Portugal obteve resultados desportivos únicos desde a sua primeira participação nos Jogos em 1912, e os nossos atletas choraram a sua partida.

Em 11 anos, José Manuel Constantino teve um papel absolutamente incontornável para mudar o figurino de um país periférico e estruturalmente irrelevante no panorama desportivo, em muito mais do que as nove medalhas olímpicas alcançadas durante o seu mandato.

Fê-lo na intransigência de princípios – não os da propaganda à ética do gesto, mas da gesta da coragem em assumir decisões e em lutar pelas suas convicções nas trincheiras mais adversas. Em algumas destas batalhas saiu derrotado, mas jamais virou a cara à luta, inspirando assim todos os que serviram a Equipa Portugal, e muitos dos seus pares e colaboradores mais próximos.

Amiúde polémico, contundente e até inconveniente, não se vergava à captura por agendas políticas e, como escreveu em algumas das suas intervenções, foi mais um homem de causas do que um homem de casos.

Quando dele se discordava, procurava não impor as suas escolhas pelo estatuto da sua autoridade, mas pelo desfecho dos argumentos esgrimidos, mesmo nos últimos momentos onde as forças e a paciência lhe feneciam. Disso o país desportivo fica mais pobre, pois a dimensão e profundidade do seu pensamento sobre o desporto são incomparáveis. Disso ficarei irremediavelmente órfão.

O vazio que deixa na Travessa da Memória aos que o acompanharam nesta derradeira missão de uma vida de serviço ao desporto, aos colegas, amigos e às gerações de profissionais de educação física e desporto que ajudou a formar, poderá vir a ser tanto mais mitigado quanto soubermos, como ele soube, estar à altura das circunstâncias, preservando o seu testemunho e assim honrarmos a memória de uma figura ímpar do desporto e do olimpismo a quem muito devemos.

Obrigado!

Director-geral do Comité Olímpico de Portugal

Alemanha em crise com desempenho olímpico

Jorge Miguel Matias

A discussão não se faz só por cá. Com quatro medalhas conquistadas há quem questione se o desempenho de Portugal em mais uns Jogos Olímpicos foi além ou ficou aquém das expectativas. Debate semelhante ao que, por estes dias, decorre na Alemanha, embora numa escala bem diferente.

Com um 10.º lugar no medalheiro dos Jogos de Paris, a Alemanha ficou atrás não só de alguns dos seus tradicionais rivais europeus – como a França, a Grã-Bretanha e a Itália – mas também se viu ultrapassada pelos Países Baixos, vizinho bem menor em dimensão territorial.

As razões apontadas para um desempenho tão modesto são várias e passam pelo corte no financiamento, em contratos de curta duração com treinadores que, por esse motivo, preferem ir para o estrangeiro, e numa enorme burocracia.

A verdade é que desde a reunificação alemã (em 1990) o total de medalhas conquistado pelos atletas germânicos em Jogos Olímpicos tem vindo a diminuir. Segundo uma contabilidade realizada pelo jornal *Guardian*, as 33 medalhas ganhas pela Alemanha nos Jogos de Paris 2024 – 12 ouros, 13 pratas e 8 bronzes – são bem menos do que os 82 pódios alcançados em Barcelona 1992 – e em Atenas 2004 o total foi de 49 medalhas, enquanto em Tóquio 2021 foi 37.

O reconhecimento de que a Alemanha está a atravessar um período difícil em termos de resultados desportivos veio da boca do próprio chefe da Missão Olímpica alemã, Olaf Tabor. “Muitos dos atletas alemães tiveram desempenhos excepcionais, mas temos a lucidez suficiente para admitir que tivemos uma jornada difícil e que irá continuar”, declarou ao jornal *Welt am Sonntag*.

A comparação com os Países Baixos é uma constante. “Na Alemanha, 28 milhões de pessoas são associadas de 86 mil clubes ou associações desportivas, 10 milhões mais do que a totalidade da população dos Países Baixos, país que ficou acima da Alemanha no medalheiro. Então, por que razão este aparente entusiasmo alemão pelo desporto não se traduz em maior sucesso olímpico?”, questiona Tabor, antes de referir que os neerlandeses são mais eficazes na identificação mais precoce dos casos de talento e depois no seu acompanhamento e apoio.

HANNAH MCKAY/REUTERS

Darja Varfolomeev, uma das medalhadas de ouro da Alemanha

Os Jogos Olímpicos

Opinião

Eduardo Marçal Grilo

Dias históricos do desporto português em Paris.

Há muitos anos que os amantes do desporto em Portugal não viviam momentos tão intensos como aqueles que nos foram proporcionados pelo Iúri Leitão e pelo Rui Oliveira, os ciclistas que venceram as provas de omnium e de madison, ou ainda as provas do Pedro Pichardo e da Patrícia Sampaio, no triplo salto e no judo, que nos encheram igualmente de satisfação e orgulho, com a conquista das suas medalhas de prata e bronze.

Mas as medalhas do Iúri e do Rui, pelo dramatismo da competição em que foram obtidas, tornaram-nos duas referências do desporto português. São lhes devidos todos os elogios e todas as homenagens. Como amante do ciclismo há mais de 70 anos, fiquei emocionado com as provas que realizaram e entretanto o país descobriu que em Portugal se pratica o ciclismo de pista...

Mas para que estes resultados sensacionais possam servir de exemplo para outras modalidades convém fazer algumas considerações sobre a génese destes resultados.

A primeira tem que ver com o Velódromo Nacional Sangalhos na Anadia que foi inaugurado em 2009, cuja construção se deve integralmente a quatro personalidades – Artur Lopes, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo; Laurentino Dias, secretário de Estado do Desporto; Litério Marques, presidente da Câmara de Anadia; e Jorge Sampaio, Presidente da República.

É, portanto, justo que recordemos estas quatro personalidades, porque à época foram fortemente criticados ao decidirem fazer um investimento financeiro tão significativo numa modalidade desportiva que alguns consideravam desinteressante e sem projecção.

A segunda relaciona-se com a forma como foi preparada esta participação da equipa de ciclismo de pista que se deslocou a Paris. Estamos perante uma equipa que sabe planear, que tem um sentido da estratégia e que tem uma cultura de exigência que são características que, entre nós, vão faltando em tantos sectores de actividade, a começar mesmo por algumas áreas da governação.

A exigência é um conceito a que muitos portugueses não dão a devida importância nem o valor que ela representa. E a exigência, que alguns na área da educação confundem com a realização de exames, é muito mais do que isso. Sim, os exames são parte integrante de uma cultura de exigência, mas esta cultura começa em casa com os pais a serem exigentes com os seus filhos, prolongando-se depois com os alunos a serem exigentes com a escola, os professores a serem exigentes com os seus alunos e, sobretudo, com cada um a ser exigente consigo próprio.

A exigência é a base do sucesso, não apenas no desporto, mas em praticamente todas as actividades desenvolvidas pelos seres humanos. Sem exigência e em particular sem a vontade de fazer amanhã melhor do que se fez hoje nunca se sairá da mediocridade ou da mediania.

Iúri Leitão, Rui Oliveira, Patrícia Sampaio e Pedro Pichardo mostraram que são exigentes consigo próprios e que sabem ser rigorosos na aplicação de uma estratégia em provas desportivas de grande complexidade técnica, como são aquelas em que obtiveram as medalhas olímpicas.

Mas estes resultados e estas medalhas, que constituem uma das melhores presenças de Portugal em Jogos Olímpicos, não nos devem fazer esquecer que o país está muito longe do nível de resultados que têm países com dimensões populacionais semelhantes à nossa como a Hungria, a Suíça, a Áustria, a Noruega ou a Suécia.

Reconheço que em alguns sectores se tem feito um grande esforço para dinamizar as actividades desportivas, mas enquanto se não fizer um investimento sério e continuado no desporto que se pratica nas escolas, nunca conseguiremos ter na alta competição o número de atletas que atinjam os níveis do Iúri Leitão, do Rui Oliveira, da Patrícia Sampaio ou do Pedro Pichardo.

Quando na segunda metade dos anos 1990 se relançou o Desporto Escolar, a ideia era a de que este deveria, por um lado, constituir uma forma de desenvolver a atividade física de todos os que frequentam as escolas básicas e secundárias e, por outro, ser o instrumento para identificação dos talentos que mais tarde iriam criar as “elites” capazes de competir internacionalmente nas diferentes modalidades desportivas, do atletismo à vela, do andebol ao basquetebol, do judo ao andebol ou da esgrima à canoagem.

Infelizmente, o desporto, com algumas honrosas excepções, não ganhou nas escolas a tradição que era desejável, sendo ainda os clubes que se têm encarregado de identificar e trabalhar os talentos que despontam nas diferentes modalidades.

Os *curricula* estão cheios de matérias, mas o desporto é o parente pobre a que poucos prestam a devida atenção, sendo que a prática desportiva é em si mesmo uma forma de desenvolver capacidades indispensáveis para uma boa formação de base. Não há nenhuma incompatibilidade entre estudar e praticar desporto mesmo de alta competição. A Irina Rodrigues, atleta lançadora de disco, é a prova de que se pode estudar e ser médica e ao mesmo tempo praticar desporto de alta competição.

Para não ser injusto, terei de, neste contexto da formação, saudar aquelas federações que têm sabido dinamizar a prática desportiva dos mais novos, designadamente as federações de ciclismo, canoagem, judo, triatlo, ténis e natação, entre outras, cujo trabalho tem vindo a dar resultados muito positivos.

Esperemos que esta participação de Portugal nos Jogos de Paris seja o ponto de partida para uma outra perspectiva sobre o Desporto Escolar e em particular a adopção de uma generalizada cultura de exigência que permita termos o orgulho de ver replicados os resultados destes nossos medalhados.

Como tem vindo a ser referido, os apoios à alta competição são essenciais, mas é nos mais novos que estão os campeões de amanhã e portanto é na base que importa colocar os investimentos prioritários a fazer no futuro próximo.

Ex-ministro da Educação

Diário de Um Cientista

Pelo rio Corubal acima, à "pesca" do ADN dos animais diluído na água

Expedições no Corubal revelam a biodiversidade única deste rio africano. Da foz até à fronteira com a Guiné-Conacri, uma equipa filtrou o ADN que a fauna larga num rio esquecido (até agora) pela ciência

Página 12

Manuel Lopes Lima Texto
André Carrilho Ilustração

Após uma viagem cansativa de mais de seis horas, para percorrer os 240 quilómetros entre Bissau e Gabu por estradas degradadas e poeirentas, os dois carros 4x4 cheios de material científico deixaram-nos nas margens do majestoso rio Corubal, em frente à aldeia de Cheche, no extremo oriental da Guiné-Bissau. A jangada de ferro que completa a travessia até Cheche estava de novo a funcionar – tinha-se afundado um ano antes com excesso de carga.

A população local agregava-se de ambos os lados da jangada para fazer travessia e transportar arroz e outros bens essenciais, enquanto as crianças se divertiam nadando no rio. Era o segundo ano em que liderava uma expedição com uma equipa de nove investigadores com intenção de inventariar a biodiversidade do rio Corubal.

No ano anterior, tínhamos amostrado o rio nas suas zonas mais a jusante, entre Cheche e Xitole, e queríamos agora seguir para montante, até a fronteira com a Guiné-Conacri. Carregámos um pequeno barco com o material científico e navegámos para montante.

O calor intenso e o espaço apertado não incomodavam perante a majestosidade da galeria florestal do Corubal e os gritos impressionantes de uma família de mais de dez chimpanzés empoleirados numa árvore, alertada pela nossa presença.

Ao longo do rio ficámos encantados com a sua diversidade, observando hipopótamos, primatas e aves, mas preocupados com as colunas de fumo, sinal de actividades de desflorestação para obtenção de carvão.

Durante a expedição, fomos filtrando as águas do Corubal e dos seus afluentes em mais de 20 pontos para obter moléculas de ADN, conhecido como "ADN ambiental" (ou eDNA, de *environmental DNA*), dos animais que lá vivem e assim inventariar a sua biodiversidade.

Dos crocodilos do Bornéu veio uma ideia

Seis anos antes, no Verão de 2016, estava do outro lado do mundo a amostrar um pequeno rio tropical em Sarawak, no Norte do Bornéu, onde íamos mergulhar à procura de espécies de mexilhões de água doce. Pela primeira vez em mais de dois séculos, alguém esperava encontrar ali espécies que tinham sido descritas por exploradores europeus no século XVIII. E estudá-las.

Mergulhar nas águas turvas destes rios pode ser perigoso, especialmente porque o número de crocodilos-de-água-salgada nos rios de Bornéu tem crescido na última década e os ataques a pessoas também. A maior parte são fatais.

Estes crocodilos, os maiores do mundo, podem atingir seis metros de comprimento. Em cada ponto escolhido para amostragem nos rios do Bornéu, a primeira coisa que fazíamos era perguntar aos pescadores se existiam crocodilos na área, mas assim que dizíamos a palavra "crocodilo", "*buaya*" em malaio, todos se levantavam e se retiravam do local.

Demorou alguns dias até percebermos que as comunidades locais acreditavam que os crocodilos só apareciam se disséssemos a palavra "*buaya*", caso contrário, estavam tranquilamente nas margens do rio.

Nessa expedição, amostrámos menos de um terço dos locais que tínhamos seleccionado, por causa dos crocodilos, limitando bastante o estudo. O que me levou a procurar métodos alternativos para detectar animais aquáticos, principalmente em ambientes remotos e perigosos, como os grandes rios dos trópicos.

Dediquei a minha vida ao estudo dos animais aquáticos por habitarem locais misteriosos e sombrios. Como cientista do Cibio há quase uma década, tenho viajado pelo mundo a estudar a diversidade de organismos de água

azul. BIOPOLIS

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos--bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façam todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

doce, sobretudo dos mexilhões de rio, que são dos animais mais ameaçados do planeta.

Além de crocodilos, hipopótamos, parasitas e vectores de doenças, a elevada turbidez, as correntes fortes e profundidades elevadas levam a que os métodos tradicionais para detectar animais nestes ambientes sejam laboriosos, caros e perigosos. Quase sempre tinha de mergulhar para recolher amostras dos diversos animais. Por esse motivo, estudo métodos alternativos e inovadores para detectá-los: nos últimos anos, centrei-me em técnicas que permitem a recolha e identificação do ADN de espécies de animais diluído na água dos rios e outros ambientes aquáticos.

Cada espécie tem um ADN único, que funciona como um código de barras, permitindo identificar de forma rápida e com precisão as diferentes espécies de organismos.

O ADN ambiental é o material genético que os organismos libertam no ambiente em que vivem. Pode ter origem em células da pele, pêlos, escamas, fezes, urina ou outros fluidos corporais que todas as espécies vão produzindo e libertando durante o seu ciclo de vida. Essas pequenas quantidades de ADN acumulam-se na água, no solo e até no ar que os rodeia.

Na década de 1980, os cientistas começaram a usar métodos para isolar o eDNA e detectar as espécies que vivem num determinado ambiente. Inicialmente desenvolveram-se métodos para detecção de microrganismos, como bactérias, vírus e fitoplâncton. A partir de 2005, começou a aplicar-se este método para detectar organismos multicelulares, como peixe, anfíbios e mamíferos.

Neste momento, o eDNA está a revolucionar os levantamentos de biodiversidade, sobretudo em meios aquáticos. A colheita das amostras pode fazer-se até com um simples frasco com água do rio e depois o ADN que lá estiver é comparado com informação genética das espécies em bases de dados.

Esta técnica tem muitas vantagens em relação aos métodos mais tradicionais. Não perturba a vida selvagem nem os seus habitats, permite detectar espécies raras ou esquivas e é muito abrangente. Um simples copo de água pode fornecer uma visão alargada da biodiversidade do local, capturando uma ampla gama de organismos, desde bactérias até grandes animais.

A Guiné-Bissau desconhecida

Em 2020, fui desafiado por colegas do Cibio que têm estudado a biodiversidade da Guiné-Bissau, em colaboração com o Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas do país, para caracterizar a fauna aquática da região, sobre a qual pouco se sabia.

Devido ao desconhecimento sobre a região, fiquei interessado e visitei o país em 2021 para fazer um levantamento preliminar com eDNA, que me pareceu o mais adequado para um estudo alargado da fauna em pouco tempo. Enviámos o material científico pelo correio e viajei para Bissau com um colega francês do Museu de História Natural de Paris e colaborador do Cibio, Vincent Prié, com o qual já trabalhava em vários projectos recorrendo ao eDNA.

Previa-se que esta expedição demorasse um mês, durante a qual faríamos a colheita de eDNA em vários rios e lagos do país. Mas o material ficou embargado pela alfândega durante mais de três semanas e isso impediu-nos de fazer uma grande parte do trabalho, tendo voltado para a Europa sem resultados.

Ainda assim, a viagem permitiu-nos conhecer o país e as suas gentes. Ficámos encantados pela simpatia das comunidades locais e pela beleza das paisagens, sobretudo do rio Corubal.

Com uma extensão de 560 quilómetros e uma bacia hidrográfica de 24 mil quilómetros quadrados, o rio Corubal nasce nas terras altas do Fouta Djalon, na República da Guiné (Conacri). A partir daí, o rio flui para oeste, para a Guiné-Bissau, onde desagua no estuário de Geba, a 50 quilómetros da capital, Bissau.

Foi o zoólogo suíço Albert Monard quem iniciou a exploração sistemática da biodiversidade da Guiné-Bissau, ao estudar entre 1938 e 1940 a fauna do país em diversas localidades. Após a II Guerra Mundial, expedições zoológicas portuguesas, lideradas por Fernando Frade, trouxeram novas informações. Depois, durante 40 anos, quase não existiram estudos sobre a fauna guineense.

A partir da década de 1980 houve apenas alguns estudos esporádicos da biodiversidade, e ainda menos na remota bacia do rio Corubal, dedicados a grupos específicos de animais, como primatas e aves.

Apesar da falta de levantamentos de biodiversidade na região do Corubal, os registos existentes sugeriam que o rio era habitado por uma grande diversidade de espécies aquáticas raras e altamente ameaçadas, como a tartaruga-de-concha-mole-do-senegal e o manatim-africano, bem como espécies mais comuns como hipopótamos e crocodilos-do-nilo.

As florestas circundantes eram conhecidas por sustentar uma fauna diversificada de aves e servir de refúgio para mamíferos carismáticos e altamente ameaçados, como os elefantes-africanos-da-floresta, leões e chimpanzés-ocidentais.

A bacia do Corubal desempenha também um importante papel económico e social para as comunidades locais, contribuindo para a pesca artesanal e sendo o principal fornecedor de água doce para consumo humano e suas actividades. Também influencia a agricultura, a exploração madeireira e a produção pecuária.

No entanto, a bacia do Corubal está sob pressão crescente, devido ao rápido crescimento e invasão da população humana, à desflorestação, à expansão agrícola, à produção de carvão e à extracção de água. É altamente provável que enfrente desafios adicionais num futuro próximo, incluindo as alterações climáticas, a construção de barragens e as explorações mineiras. Com os impactos negativos a tornarem-se mais visíveis, é premente obter dados abrangentes sobre a biodiversidade do rio Corubal.

Duas expedições, imensos percalços

Em 2022, e depois em 2023, regressámos então à Guiné-Bissau, motivados para recolher amostras de eDNA ao longo do rio Corubal e desvendar um pouco a biodiversidade da região.

Fizemo-nos acompanhar por especialistas em grupos de animais menos conhecidos, como anfíbios e répteis, pequenos mamíferos, insectos, peixes e moluscos, para recolher espécimes e tecidos de modo a melhorar a nossa base de dados de códigos de barras moleculares. Em ambas as expedições, deslocámo-nos em veículos 4x4, por caminhos de terra, e, nos poucos acessos ao rio, solicitámos canoas tradicionais de madeira às populações locais para nos deslocarmos pelo rio para filtrar o eDNA da água com bombas manuais adaptadas a partir de berbequins.

Durante estas expedições, tivemos imensos percalços devido ao mau estado do terreno e das viaturas. Em 2022, um dos dois veículos estava sempre avariado e tivemos que percorrer grande parte do caminho com um carro rebocando o outro, usando os cintos de segurança como cabo de reboque.

Depois, como um dos motores dos carros aquecia demasiado e, sem poder reparar a viatura em locais tão remotos, montámos um depósito de água no tejadilho, libertando água sobre o motor a cada dez quilómetros. Conseguimos fazer cerca de 500 quilómetros nestas condições.

No ano seguinte, alugámos um barco para toda a equipa, com a intenção de subirmos uma grande extensão do rio Corubal, acampando e amostrando várias espécies nas margens durante a noite. No segundo dia, a embarcação começou a meter água e tivemos de desembarcar na margem (mesmo a tempo de evitar que se afundasse), onde acampámos durante dois dias à espera de que o barco conseguisse regressar à aldeia de onde tínhamos partido para buscar ajuda e transporte. Tivemos de continuar a expedição nos carros e, nos poucos acessos ao rio, usar novamente as canoas locais, o que atrasou imenso o trabalho.

Nos quase dois meses das expedições de 2022 e 2023, apenas conseguimos amostrar 25 pontos do rio Corubal e afluentes, partindo desde a sua foz até à fronteira com a Guiné-Conacri.

Até agora, apenas publicámos os resultados da expedição de 2022 (na revista *Bioscience*) relativos a 11 pontos de amostragem: detectámos 134 espécies de animais, ainda que só tenhamos encontrado correspondência nas bases de dados para 98 espécies. Para as restantes, poderá não haver referências nas bases de bases ou até serem novas para a ciência.

Os resultados mostram quão valioso é o eDNA para avaliar a biodiversidade em regiões tropicais remotas, como o Corubal: obtivemos os padrões gerais da diversidade na área e informações sobre a distribuição de espécies ameaçadas.

Também mostram a importância da conservação do rio Corubal e dos seus ecossistemas florestais adjacentes. E ainda a urgência de um plano integrado de gestão para a bacia do rio Corubal, que alinhe a preservação da biodiversidade com as necessidades de desenvolvimento das comunidades locais, garantindo a sustentabilidade a longo prazo. As autoridades guineenses devem liderar estes esforços, mas o seu sucesso beneficiaria enormemente do apoio financeiro e científico da comunidade internacional.

O sucesso destas duas expedições pelo Corubal levou-me a aplicar agora o eDNA e outros métodos não invasivos (como sensores acústicos e câmaras fotográficas) em levantamentos da biodiversidade em vários pontos de África. Do rio Corubal, saltámos para a "pesca" de ADN ambiental em Angola, Guiné Equatorial, Ruanda, República do Congo, Namíbia, Chade e Zâmbia. O majestoso Corubal não ficou esquecido. Planeamos voltar a ele, agora no seu trecho na Guiné-Conacri.

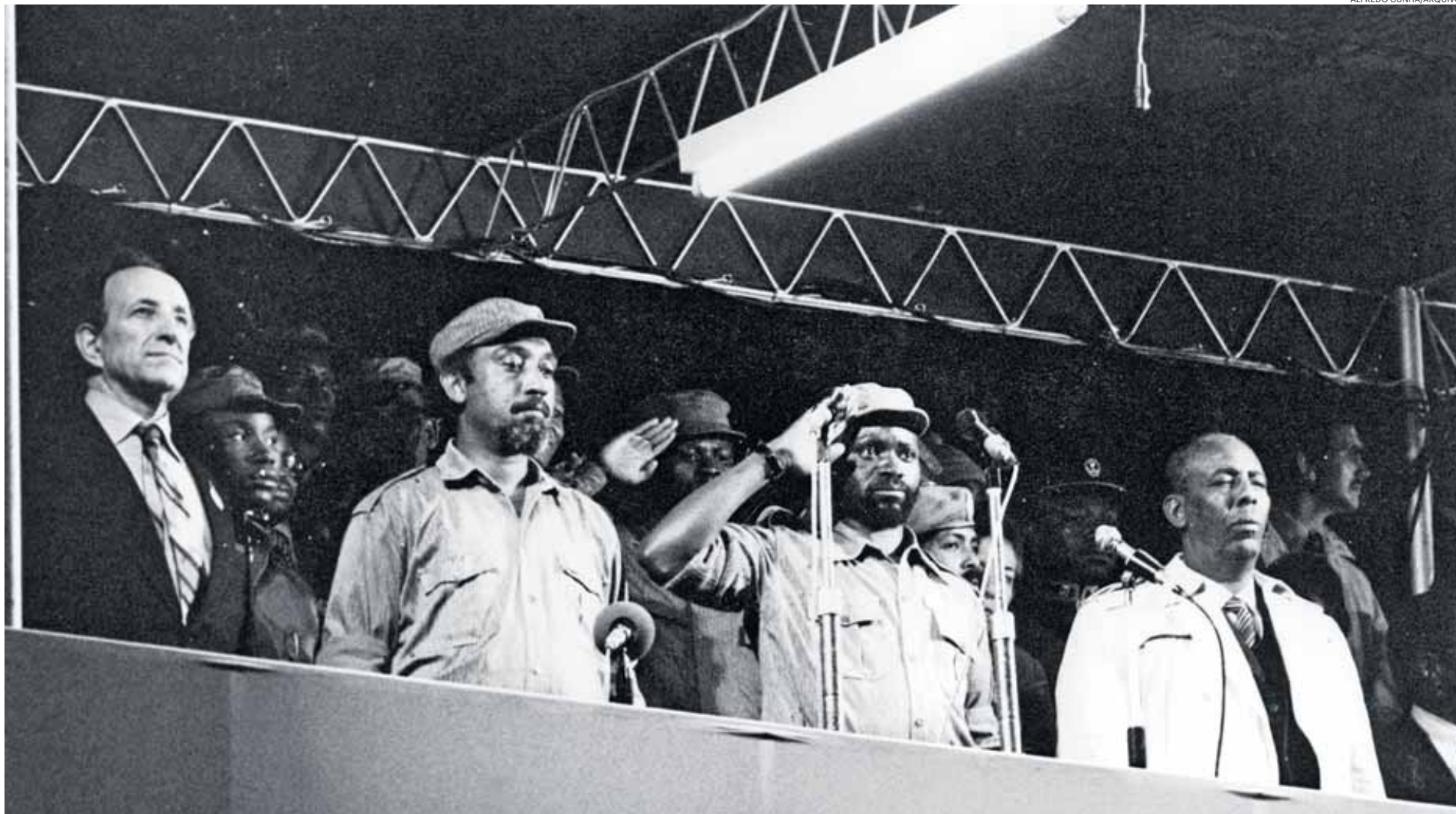
Manuel Lopes Lima

Líder de grupo de investigação

Nasci e cresci na cidade do Porto, onde fiz toda a minha carreira académica, incluindo a licenciatura em Bioquímica e o mestrado e doutoramento, ambos em genética e evolução, na Faculdade de Ciências. Dediquei toda a minha investigação ao estudo e conservação dos ecossistemas e animais de água doce. Tenho corrido o mundo inteiro para os estudar, tendo-me focado em África nos últimos anos.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Água Doce: Conservação, Diversidade e Evolução (FRESHCODE)

O som das independências africanas

ALFREDO CUNHA/ARQUIVO

Moçambique

O "homem novo" foi a banda sonora do pós-independência

Ao reclamar os seus símbolos identitários como país finalmente autónomo, o Governo de Samora Machel investiu numa construção sonora da nação, difundida a partir da Rádio Moçambique. Mas não durou para sempre

Gonçalo Frota

A 20 de Setembro de 1974, o futuro Presidente Samora Machel afirmava na cerimónia da tomada de posse do Governo de transição de Moçambique o compromisso da revolução rumo à "criação do homem novo com uma mentalidade nova". E dizia ainda: "O sangue do novo povo não se derramou somente para libertar a terra da dominação estrangeira, mas também para reconquistar a nossa personalidade moçambicana, para fazer ressurgir a nossa cultura e para criar uma nova mentalidade, uma nova sociedade."

A independência de Moçambique, bem como de outros países africanos que se libertavam do colonialismo português (politicamente, porque a dominação económica é uma outra história), significava, no imediato, a procura de uma identidade nacional que fora sufocada à medida do colonizador. Escreve o etnomusicólogo Marco Roque de Freitas no livro *A Construção Sonora de Moçambique 1974-1994* que, a par da aprovação de uma nova Constituição, de um novo hino nacional e de uma nova bandeira, "mais do que qualquer outro meio de divulgação e propaganda, a música – em particular o repertório conhecido por 'hinos revolucionários' – teve um papel fundamental para levar avante o projecto 'Homem Novo' e, consequentemente, construir sonoramente uma ideia de nação".

Se os hinos revolucionários, proibidos antes do 25 de Abril, se escutavam até então apenas nos campos de treino da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e nos redutos militares em que as forças ocupantes não podiam impor a sua lei, em termos oficiais a cultura moçambicana pouco mais era autorizada além do entretenimento para as elites brancas em clubes nocturnos e cabarés. Sobre o assunto escreve também o músico, compositor e etnomusicólogo Joni Schwalbach na sua tese de mestrado *New Cultural Politics and Popular Music in Post-Colonial Mozambique (1975-1986)*, descrevendo uma "intensa actividade musical em áreas urbanas de Lourenço Marques e Beira".

"Depois da independência", explica ao PÚBLICO, "a maior parte desses lugares foi considerada promíscua e fechada; deixou de haver clubes e até proibiram a dança da marrabenta, porque estava conectada à explora-

ção feminina pelo colono: as meninas faziam danças com minissaia, dançavam com os brancos...”

No tempo colonial, como se imagina, a cultura era controlada pelos portugueses e privilegiava a influência europeia. A própria marrabenta surgia também como um cruzamento de “músicas locais com a influência portuguesa, a música latina, a rumba congolesa e toda a mistura que existia no início dos anos 70”, descreve Joni Schwalbach. Era, por isso, a expressão rainha no período pré-independência, uma ponte entre dois mundos, escutada em abundância na mítica Rua Araújo, centro nevrálgico da agitação artística em Maputo (então Lourenço Marques), numa zona de confluência da estação de comboios que ligava a cidade a Pretória e do porto marítimo, lugar de passagem para gente dos mais diversos paradeiros e que trazia consigo as vivências e as referências culturais mais variadas, criando um ambiente mais cosmopolita e progressista do que o que se podia então encontrar em qualquer localidade portuguesa.

Conhecida também por “rua do pecado”, a Rua Araújo (ou do Bagamoyo) transformou-se, nos anos 60, num dos “mais prolíficos espaços de sociabilidade em Lourenço Marques”, escreve Marco Roque de Freitas.

Rádio Moçambique no ar

Com a descolonização, o primeiro Governo quis levar a cabo uma “moçambicanização” dos sons nacionais, apontando às músicas tradicionais e às raízes, e relegando a marrabenta para segundo plano. A partir de 25 de Junho de 1975, data da independência da República Popular de Moçambique, a pena de Marco Roque de Freitas descreve-nos “um novo contexto de euforia colectiva, pautada também por uma certa tensão ideológica entre o que era ‘novo’ e ‘velho’, entre o que deveria ser incorporado, abraçado e apropriado; e o que deveria ser abandonado, recusado e considerado extemporâneo”.

Após a independência, conta ao PÚBLICO David Macuácua, membro dos históricos Ghorwane, fundados em 1983: “[A música ligeira que antes imperava] foi combatida, porque se dizia que os músicos eram indivíduos alienados que não representavam os novos valores da nossa identidade, e eram tomados como marginais.”

Assim, a par da renomeação de cidades e rios, regiões e montanhas, repondo os dialectos locais e varrendo as designações portuguesas, a política do primeiro Ministério da Educação e Cultura privilegiava a investigação, o desenvolvimento, a recuperação de sonoridades tradicionais do país, rumo a esse “homem novo” — em detrimento da música erudita ocidental e da música ligeira associada ao Festival RTP da Canção que norteavam as práticas legitimadas pelo colonizador. Parte desse novo enquadramento surgiu através do Festival Nacional de Dança Popular (1978) e do Festival da Canção e Música Tradicional (1980).

Se, no entendimento do Governo, o sucesso da revolução dependia também desta plena afirmação cultural, *A Construção Sonora de Moçambique* conta-nos como, “em primeiro lugar, foi definida a necessidade de inventariar toda a acção realizada pela Frelimo durante a luta de libertação e, em particular, as práticas expressivas desenvolvidas nas áreas libertadas, de modo que estas servissem de inspiração e referência para o futuro”; numa fase posterior, identificava-se a missão “de orientar, promover e estimular a actividade artística”, valorizando, por exemplo, os instrumentos musicais tradicionais, e de “promover a recolha do património artístico nacional”, em vários quadrantes.

É assim que a Rádio de Moçambique se torna um instrumento fundamental para a oficialização da nova identidade nacional. Como realça Marco Roque de Freitas ao PÚBLICO, “no momento da independência 93% da população em Moçambique era analfabeta”, pelo que “qualquer ideário a ser transmitido teria de sê-lo pela via sonora, quer através da música, quer através da voz falada”. E adianta: “Por mais que se produzisse documentação sobre os ideários da Frelimo, estes só poderiam ser efectivamente comunicados à população, com vista a produzir uma ideia de nação através do som. A Frelimo também levou pelo país maquinaria para reproduzir filmes e jornais audiovisuais, mas era muito mais fácil recorrer à rádio.”

Nesse período, a Rádio Moçambique dedica-se não apenas a uma imensa recolha das sonoridades tradicionais por todo o país (fala-se de 900 canções registadas), cartografando as várias identidades musicais moçambicanas, mas também à difusão por todo o território da versão oficial musicada do “homem novo”.

“Uma das grandes transformações no pós-independência foi uma explosão criativa”, conta Joni Schwalbach. “Foi criado um monte de grupos que cantavam o novo mundo, o país como um sonho novo. Tudo era muito controlado pelo Estado e esses grupos eram as suas vozes oficiais. Um dos maiores, que teve um papel importantíssimo, foi o Grupo RM [fundado em 1979], [uma ferramenta] como tinham todos os países socialistas na época. Era um grupo residente da Rádio Moçambique, os músicos tinham um salário e trabalhavam como funcionários. Era, no fundo, um apanhado dos melhores instrumentistas, cantores e compositores de Maputo, artistas como Wazimbo, Mingas e Chico António, ainda hoje grandes nomes.”

Dois documentários fixariam esta efervescência: *Música Moçambique*, de José Fonseca e Costa, e *Canta Meu Irmão, Ajuda-me a Cantar*, de José Cardoso, focados no Festival Nacional da Canção e Música Tradicionais, mas também no álbum *Canção e Música Tradicional Moçambicana*, edição da Rádio Moçambique composta por gravações nas regiões de Nampula, Zambézia, Tete, Sofala e Inhambane, todos lançados entre 1981 e 1982.

A abertura

Wazimbo, Mingas e Chico António acabaram também por traçar, defende Joni Schwalbach, “o caminho para o novo som pós-independência”. “Associada a estes apareceu uma nova geração, com um estilo de música revolucionário, que cantava os problemas do povo e os sonhos de um novo homem, do novo país, aquelas coisas que o Samora sonhava.”

Se antes da independência se escutava sobretudo a marrabenta e a música destinada à dança e às discotecas, o período pós-independência — apesar de uma censura encapotada (tanto ao nível do conteúdo quanto do estilo, através do necessário aval da RM para os grupos gravarem nos seus estúdios, os únicos existentes) ou da autocensura dos músicos, conscientes de que era pouco avisado cantar contra o regime, abordando a guerra civil, os campos de reeducação ou as condições de vida —, a explosão que se seguiria, para uma nova geração, viveria de dois movimentos contrários: a busca pelas raízes e, em simultâneo, a modernização dessas marcas identitárias.

É nesse contexto que “surge uma montanha de estilos novos, baseados em música tradicional”, vindos de todo o país, e influenciados tanto pela música norte-americana dos anos 60 e 70, quanto pela música congolesa e sul-africana. A África do Sul, destino recorrente da emigração moçambicana, gozava já de uma indústria musical bastante desenvolvida e havia de deixar marcas em António Marques, Timbila Ta Venancio Mbande ou outros “que trabalharam nas minas e voltaram com influência dessa música de guitarras”.

Muitos dos grandes protagonistas da música de Moçambique de então, como Fany Mpfumo, gravavam já em estúdios sul-africanos, deixando que o seu reportório respirasse também essa expressão local. Por outro lado, faz notar o músico e etnomusicólogo, uma banda de Nampula como os Eyuphuro vinha com a influência árabe da ilha de Moçambique. “Foram pioneiros a ser apanhados pelas editoras internacionais [gravaram para a Real World], por terem realmente um som novo, único, uma mistura de moderno, com violas eléctricas, com uma base tradicional muito forte.”

Depois de todo esse movimento que ganha sobretudo força na década de 1980, os “hinos revolucionários” — difundidos sobretudo no pós-independência e durante a longa guerra civil que se seguiu — começam a esmorecer, ao mesmo tempo que se esvai o projecto messiânico de construção do “homem novo”. “Passam a ser mais uma representação da Frelimo, entoados à porta fechada, nos congressos do partido, e já não tanto uma representação da liberdade”, diz Marco Roque de Freitas. A História avança rápido, o projecto socialista cai, a cena musical já não se deixa controlar e acaba por carregar na boca o espelho do povo.

“O tempo é mestre, o tempo sabe tudo”, resume David Macuácua. E os novos grupos que foram surgindo, sobretudo depois de 1980, trabalharam a partir dos ritmos tradicionais, mas reclamando-os para uma sonoridade moderna e urbana, cantando também a fome, a guerra, as lutas quotidianas (e já sem a mira apontada a um inimigo exterior) com que o povo se debatia. Os Ghorwane (aos quais Joni Schwalbach viria a juntar-se), considerados inicialmente subversivos e agitadores, acabaram por receber a bênção de Samora Machel, que os apelidou de “bons rapazes”.

Aconteceu na comemoração dos dez anos da independência. Foram chamados a tocar pelo Presidente, que queria ouvir ao vivo as letras-denúncia de que lhe haviam falado. No local, confrontou os seus ministros com as questões levantadas pelo grupo — obrigando-os a responder se havia guerra, se havia fome. Em vez de desaparecerem (como acontecera a outros), os Ghorwane foram, lembra David Macuácua, descritos pelo governante como “um exemplo do que era falar a verdade”. O ideal da Frelimo não vingara. O homem novo morrera como ideia. Moçambique havia de construir outra história.

Segundo de quatro artigos a publicar semanalmente até dia 28. Próximo episódio: Cabo Verde

Os hinos revolucionários foram ferramenta ao serviço da nação de Samora Machel. Em baixo, os Eyuphuro e os Ghorwane

DR

DR

Guia
ímpar
publico.pt/impar

Paula Leitón, vítima de gordofobia: "Ganhei o ouro"
A jogadora espanhola de pólo aquático lamenta os comentários nas redes sociais sobre o seu corpo. Diz que não a afectam, mas podem influenciar quem está em crescimento. A atleta com 1,90m faz parte da equipa que conquistou o ouro em Paris.

O perigo de não usar protecção solar

Entre os jovens que frequentam redes sociais há uma tendência de desvalorizar os perigos do sol, acreditam que um escaldão não faz mal e diabolizam o uso dos protectores. Fomos ouvir especialistas

Bárbara Wong

Na rede social actualmente mais usada pelos jovens, o TikTok, quase um quarto de milhão de publicações utiliza a etiqueta #uv – a abreviatura para o índice UV, que mede a intensidade da radiação ultravioleta –, mostrando jovens que procuram picos dessa intensidade para se bronzearem, ou seja, o contrário do que se pretende com este índice, que é o de nos alertar para nos protegermos do sol. São os negacionistas da protecção solar que defendem apanhar solar sem protecção.

Além deste comportamento, considerado perigoso pelos dermatologistas, que recomendam que se comece a usar protecção solar – creme com FPS 30 ou mais, chapéu e óculos de sol, e evitar a exposição solar directa nas horas de maior intensidade, entre as 11h e as 16h – assim que o índice UV chegue aos 3, naquela rede são ainda divulgados vídeos com desinformação sobre o assunto. Por exemplo, que um escaldão não vai provocar cancro da pele, que antigamente não havia protectores solares e também não havia cancro, que os protectores solares fazem mal ao ambiente, etc. Fomos falar com especialistas para desmistificar alguns destes preconceitos.

MIGUEL MANSO

Dermatologistas recomendam protector, chapéu, óculos de sol e evitar exposição solar directa

Não é um escaldão que vai provocar cancro da pele

O especialista em medicina estética David Valverde refere estudos feitos pela Organização Mundial de Saúde e a Organização Internacional do Trabalho que relatam "evidências suficientes para maior risco de cancro de pele não melanoma entre pessoas expostas na sua profissão à radiação ultravioleta em 195 países para os anos de 2000, 2010 e 2019".

"A exposição excessiva à radiação ultravioleta constitui a principal causa de cancro da pele. Sabe-se que os raios ultravioleta são capazes de danificar o ADN das células da pele, o que, ao longo do tempo, pode levar ao desenvolvimento de cancro porque 'a pele tem memória'", informa Ângela Roda, dermatologista no Hospital CUF Descobertas, em Lisboa.

E como é que isso acontece? Num escaldão, a radiação UV danifica o ADN das células da pele. "O nosso organismo tem capacidade para reparar esses danos, mas se forem frequentes e intensos, o nosso corpo deixa de conseguir reparar algumas das células danificadas e estas podem degenerar em células cancerígenas provocando cancro da pele", responde Ana Sofia Amaral, directora científica da L'Oréal Espanha e Portugal. Além do cancro, a exposição excessiva à radiação ultravioleta também é responsável pelo envelhecimento precoce da pele. Marta Marcelo, responsável da formação da marca Clarins, lembra que a "todas as agressões solares a que a pele for sujeita têm um efeito cumulativo, aumentando a longo prazo o aparecimento de vários problemas como pele envelhecida e manchas".

Antigamente ninguém usava protecção

"Este tipo de cancro sempre existiu. Ao longo dos anos, o nosso planeta tem sofrido graves alterações climáticas com consequências nefastas. Uma delas é o aumento da intensidade das radiações solares que as tornam mais perigosas para a pele, o que exige uma maior protecção da parte de quem deseja fazer exposição solar", responde Marta Marcelo.

Ângela Roda lembra que se tem verificado um "crescimento exponencial" na incidência de cancro cutâneo. "O aumento da longevidade também pode justificar o maior número de certos tipos de cancro de pele", diz.

Assim como a vida ao ar livre. Por isso, "a utilização de um protector solar nas zonas da pele que estão expostas é recomendado para a proteger dos seus impactos negativos. Esta é uma forma de lutar contra o efeito cumulativo da exposição solar", aponta a especialista da L'Oréal.

Protectores podem entrar na corrente sanguínea

Quer Ângela Roda quer David Valverde confirmam que os filtros orgânicos da radiação ultravioleta podem ser absorvidos através da pele e entrar na corrente sanguínea. A médica cita um estudo da FDA (a agência norte-americana equiparada ao Infarmed). Contudo, essa absorção não é suficiente para fazer mal, garante um porta-voz dos Cantabria Labs. E Marta Marcelo lembra que são "excretados de forma natural pelo organismo".

Já Ana Sofial Amaral diz que os protectores têm ingredientes que são "são formulados para se manterem à superfície da pele e não para passarem a barreira da mesma".

Isso não significa que este tópico não deva ser estudado, salvaguardam Ângela Roda e David Valverde. É preciso mais investigação, defende a dermatologista da CUF. Além de a indústria farmacêutica estar "em constante evolução, desenvolvendo estratégias" de protecção, também a União Europeia regula os produtos para "garantir a eficácia e segurança para os seres humanos", diz Valverde, com uma clínica em Lisboa. Portanto, "o uso de protector solar é considerado seguro", resume Ângela Roda.

Os protectores fazem mal ao ambiente

"A indústria cosmética desenvolve os seus produtos com o objectivo de minimizar o seu impacto no meio ambiente", declara o porta-voz dos Cantabria Labs. Por isso, têm sido criadas fórmulas que não tenham impacto na biodiversidade marinha. Este responsável refere que, por exemplo, o uso de protecção solar com filtros UV inorgânicos são "uma escolha mais segura para o ambiente marítimo", segundo o Environmental Working Group. Por seu lado, Ana Sofia Amaral, que é também responsável de sustentabilidade da L'Oréal Portugal, apela a que os jovens procurem fontes de informação "credíveis" e diz que "aquilo em que a comunidade científica acredita é que o branqueamento dos corais se deve principalmente ao aumento da temperatura dos oceanos, devido ao aquecimento global, e não à presença de filtros solares nos oceanos."

Ângela Roda vai ao encontro do porta-voz da Cantabria e dá o exemplo do Havai, onde foram banidos certos filtros orgânicos que são comummente usados nos protectores solares – "incluindo oxibenzona (benzofenona-3), 4-metilbenzilideno cânfora, octocrileno e octinoxato (metoxicinamato de etilhexil)", enumera. Por isso, os consumidores devem escolher protectores com "filtros minerais (óxido de zinco, dióxido de titânio) em detrimento dos orgânicos". David Valverde é da mesma opinião e lembra que já há muitos protectores que têm um símbolo que os identifica como "amigo dos oceanos e do ambiente".

O protector não permite a absorção da vitamina D

Ângela Roda diz que diversas publicações científicas "têm sugerido que o uso de protectores solares não parece interferir na síntese da vitamina D em pessoas saudáveis". Mais: "A vitamina D também pode ser obtida através da ingestão de alimentos ricos nessa vitamina, tais como os peixes gordos (salmão, sardinha) ou a gema de ovo", sem esquecer os suplementos (quando recomendados pelo médico). Não é preciso deixar de usar protector, corrobora o porta-voz dos Cantabria Labs. A obtenção de vitamina D pode residir numa alimentação criteriosa. "Podem também ser obtidas doses muito baixas de radiação UVB, absorvidas através de roupas leves e do couro cabeludo", sugere. No caso de ter alguma dúvida sobre o seu nível de vitamina D, deve consultar o seu médico, sugere Ana Sofia Amaral.

Cinema

A Ilha Vermelha

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Fanny e Alexandre M12. 21h; **Paixão** M12. 15h; **Histórias de Bondade** M16. 18h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10, 17h30; **Geração Low-cost** M14. 16h, 19h30; **Disponível Para Amar** M12. 21h30

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 14h50, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h30 (VP/2D), 13h50, 16h20, 19h (VP/3D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **Deadpool & Wolverine** Atmos - 12h30, 15h20, 18h20, 21h20 (2D), 22h (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 20h50, 21h; **Oh Lá Lá!** M12. 21h40; **Armadilha** M12. 18h10, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h50, 15h50, 18h50, 21h50; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 10h40, 13h10, 15h40 (VP)

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 10h40, 13h, 15h40, 18h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h15, 15h50 (VP/3D), 11h, 13h30, 16h, 18h40 (VP/2D), 21h10, 24h (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h20, 16h10, 19h10, 21h50, 00h40; **Tornados** M12. 13h10, 16h05; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h35 (2D), 18h10, 21h, 00h10 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 19h05, 21h45, 00h15; **Oh Lá Lá!** M12. 19h, 22h, 00h25; **Armadilha** M12. 20h40, 23h30; **Borderlands** M12. 13h40, 16h15, 18h50, 21h40, 00h05; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h20, 18h20, 21h20, 00h20; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h30, 14h, 16h20 (VP)

Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Gru - O Maldisposto 4 M6. Xplace Atmos - 12h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Xplace Atmos - 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 12h, 14h (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 20h10; **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h, 15h, 17h, 19h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 13h, 15h, 16h, 17h10, 18h10, 19h20 (VP), 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Xplace Atmos - 13h20, 13h50, 16h, 16h30, 18h40, 19h10, 21h20, 21h50

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Avenida Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Histórias de Bondade M16. 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 16h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h30; **Geração Low-cost** M14. 18h30

Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
Gru 4 14h45, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 19h (VP). 22h (VO); **Tornados** M12. 15h, 18h15, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h15, 17h15, 20h15, 23h10; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h; **Borderlands** M12. 14h30, 17h45, 20h25, 23h25; **Isto Acaba Aqui** 14h, 17h, 20h, 22h55

Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h45, 17h30 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h30; **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 19h (VP), 14h, 16h45, 19h15, 22h (VO); **Tornados** M12. 15h, 18h15, 21h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h15, 17h15, 20h10, 23h10; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h, 22h30; **Borderlands** M12. 14h25, 17h45, 20h25, 22h50

Estreias

Banel & Adama

De Ramata-Toulaye Sy. Com Khady Mane, Mamadou Diallo, Binta Racine Sy, Moussa Sow. FRA/Senegal/Mali/Qatar. 2023. 87m. Drama. M12.

Banel e Adama nunca saíram da pequena aldeia senegalesa onde nasceram. Apesar de serem muito diferentes, eles estão apaixonados e dispostos aos maiores sacrifícios para viver o seu amor.

A Ilha Vermelha

De Robin Campillo. Com Nadia Tereszkiewicz, Quim Gutiérrez, Charlie Vauselle, Amely Rakotoarimalala. BEL/FRA/Madagáscar/Afeganistão. 2023. 117m. Drama. M12.

Início da década de 1970, quando em Madagáscar existia uma das últimas bases militares francesas. Naquele lugar paradisíaco viviam várias pessoas ligadas aos militares destacados. Entre eles está Thomas, um miúdo de dez anos que, à medida que vai crescendo, vai vendo com novos olhos tudo o que se passa à sua volta.

Depois do Ensaio

De Ingmar Bergman. Com Erland Josephson, Lena Olin, Ingrid Thulin. SUE/FRA. 1983. 72m. Drama. M12.

Depois de um ensaio, o encenador Henrik tem um encontro com Anna, filha de Rakel, uma antiga amante. Em conversa, ela partilha com ele várias histórias relacionadas com a mãe, já falecida e com quem tinha um mau relacionamento.

Isto Acaba Aqui

De Justin Baldoni. Com Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate, Hasan Minhaj. EUA. 2024. m. Drama, Romance. M12.

A história, que é uma reflexão sobre relações tóxicas, segue Lily a partir do momento em que conhece Ryle, um cirurgião por quem se apaixona perdidamente e com quem inicia uma relação amorosa.

Borderlands

De Eli Roth. Com Gina Gershon, Cate Blanchett, Haley Bennett, Kevin Hart, Jack Black, Jamie Lee Curtis, Ariana Greenblatt. EUA. 2024. 102m. Comédia, Acção. M12.

Inspirado num dos mais conhecidos videojogos da Gearbox Software, "Borderlands" acompanha um grupo de desajustados que chega ao planeta Pandora para resgatar a filha desaparecida do dono de uma das mais poderosas empresas de armas da galáxia.

Mulheres Que Esperam

De Ingmar Bergman. Com Anita Bjork, Maj-Britt Nilsson, Eva Dahlbeck, Gunnar Bjornstrand. SUE. 1952. 107m. Comédia Dramática. M12.

Quatro mulheres aguardam o regresso dos seus respectivos maridos, todos irmãos. À volta de uma mesa, elas partilham segredos e discorrem sobre os seus casamentos.

Super Wings O Filme: Velocidade Máxima

Com Zhang JiaQi (Voz), Youxuan Wu (Voz). China/Coreia do Sul. 2023. 79m. Animação. M6.

A história passa-se quando o vilão Billy Willy elabora um plano para raptar alguns influenciadores da Cidade Grande e enviá-los para o espaço. Quem tem a responsabilidade de salvar o dia são os elementos dos Super Wings que, quando se juntam, são capazes das maiores proezas.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	—	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping
Gru 4 M6. 17h30; **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h20, 19h, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h30 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 15h30; **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 19h30, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h30, 16h10, 18h40, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h20, 14h20 (VP)

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza
Gru 4 M6. 15h30, 18h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h20, 16h50, 19h15 (VP), 21h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h10, 19h, 22h; **Oh Lá Lá!** M12. 20h, 22h40; **Isto Acaba Aqui** 13h40, 16h30, 19h30, 22h20

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 19h10, 22h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h10, 12h50, 15h25, 18h10 (VP), 21h, 23h35, 24h (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 12h30, 13h30, 15h, 16h10, 17h50, 19h (VP), 20h50, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h, 15h15, 18h, 21h10, 00h15; **Tornados** M12. 21h40, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 12h10, 15h20, 18h30, 21h50, 00h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 13h50, 16h50, 20h40, 23h40; **Oh Lá Lá!** M12. 13h10, 15h35, 18h15, 21h15; **Armadilha** M12. Sala Atmos - 12h40, 15h50, 18h40, 21h30; **Borderlands** M12. 13h, 15h40, 18h20, 21h20, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h30, 18h50, 22h, 00h05; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h, 13h40, 16h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h30, 20h30, 23h50 (3D)

Guarda

Cineplace La Vie - Guarda
Gru 4 M6. 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h40, 21h20; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h20 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 17h20; **Armadilha** M12. 21h30; **Borderlands** M12. 19h20, 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h40, 14h40, 16h40 (VP)

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Gru 4 14h55, 17h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h; **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h25; **Borderlands** M12. 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20

Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras. T. 253520170
Gru 4 M6. 13h10, 15h20, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h15, 16h40, 19h05, 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h40; **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h10, 15h20, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h40, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20

Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashopping, Lj 2.43. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h10, 16h, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h40, 18h10 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h20, 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 21h20; **Borderlands** M12. 12h40, 18h10, 18h50,21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30, 15h10 (VP)

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes, Leça da Palmeira.
Gru 4 M6. 10h30, 12h50, 15h10, 17h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h40, 13h20, 15h50, 18h40 (VP/2D), 10h15, 12h35, 14h55, 17h15 (VP/3D), 19h35, 21h50, 00h10 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h50, 21h40, 00h25; **Tornados** M12. 21h30, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h40, 20h30, 23h50; **Armadilha** M12. 20h50, 23h20; **Borderlands** M12. 12h30, 15h20, 17h50, 20h10, 22h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h, 24h; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h, 13h40, 16h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h, 15h05, 21h10, 00h20; **Borderlands** Imax - 18h10

Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h20, 14h05, 16h40, 19h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 11h30, 13h50, 16h20 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h50, 20h30, 23h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 19h10, 22h20; **O Coleccionador de Almas** M16. Sala Atmos - 22h10, 00h35; **Oh Lá Lá!** M12. 14h15, 16h30; **Armadilha** M12. Sala Atmos - 19h, 21h50, 00h20; **Borderlands** M12. Sala Atmos - 14h30, 17h, 19h30, 22h, 00h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 10h40, 13h, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 10h50, 13h20, 15h50, 18h40 (VP), 21h20, 23h50 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Sala NOS XVISION - 12h10, 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; **Deadpool & Wolverine** SCREENX - 13h10, 16h,18h50, 21h40, 00h30

Lazer

FEIRA

Festa da História
VILA NOVA DE CERVEIRA
Centro histórico. De 14/8 a 18/8. Quarta, das 18h às 24h; quinta a sábado, das 10h às 24h; domingo, das 10h às 23h.
Abram alas para o cortejo *viking*. Acontece hoje, às 21h30, e é o ponto alto do dia inaugural da Festa da História, uma feira histórica que se distingue por recordar o impacto que a presença dos exploradores e saqueadores escandinavos teve na região. Este ano, a "invasão" estende-se a mais um dia do que no ano passado, promete "a maior reprodução já vista da era *viking*" e ainda garante que "a cada meia hora ou uma hora há sempre algo a acontecer". Podem ser torneios apeados ou montados, de tiro com arco ou arremesso de lanças e machados. Passeios a cavalo ou numa barca *viking* a navegar pelo rio Minho. Ou oficinas e arruadas. Tudo por entre dança, música, demonstrações de voos de aves de rapina e mais de 200 mercadores que recriam ofícios, produtos e cozinhados da época, sem esquecer o acampamento *viking*, também ele com área aumentada relativamente à última edição. O programa completo encontra-se em www.cm-vncerveira.pt.

CINEMA

Wonka
VILA NOVA DE FAMALICÃO
Parque da Devesa. Dia 14/8, às 22h. M/6. Grátis
O excêntrico mestre chocolateiro que Roald Dahl criou no seu livro de 1964 e que foi alvo de várias adaptações cinematográficas (a mais fresca na memória, com Johnny Depp a protagonizar o filme que Tim Burton realizou em 2005) ressurgiu no cinema, no ano passado, pela câmara de Paul King. Com Timothée Chalamet na pele de um jovem Willy Wonka (e Hugh Grant como Oompa Loompa), dá a conhecer a sua história de origem: a emergência da sua criatividade, a paixão por chocolate, a vontade de inventar coisas, a relação com os pais e as amizades que foi fazendo. O filme é exibido na recta final do ciclo de projecções ao ar livre Cinema Paraíso, que terminará daqui a uma semana com *Reino Animal*, de Thomas Cailley.

Jogos

Euromilhões 15 16 39 40 47 1 6
1.º Prémio 60.000.000€
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.522

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Salvador (...), novo presidente da Catalunha. Somente. **2.** Além disso. Porção de coisas que a mão pode abranger. **3.** Post-scriptum (abrev.). Desordem. Abreviatura de Terabyte (Informática). **4.** Restaurou. Matou 47 mil pessoas na Europa em 2023, diz estudo. **5.** Deus do Amor entre os Gregos. Segundo. Larva que se cria nas feridas dos animais (Brasil). **6.** Já estão em vigor as novas regras de acesso às grutas desta localidade algarvia. **7.** Vai à rua. Rezam. **8.** Quebra-luz. Elas. **9.** Empresa que acabou por se revelar um esquema em pirâmide mundial com criptomoedas. **10.** Dispõe para funcionar. Association of Tennis Professionals. **11.** Cidade e sede de concelho do distrito do Porto. Subdivisão de um artigo de lei, decreto ou contrato.

VERTICAIS: 1. O conjunto dos jornais, revistas e outras publicações periódicas. Um dos dígrafos da língua portuguesa. **2.** Aparelho que emite raios luminosos muito intensos. Agita. **3.** Decifrei. Medo mórbido. Sétima nota musical. **4.** Exercício de devoção e meditação religiosa. Nome da letra J. **5.** Gume. Gesto de recusa ou assentimento. **6.** Gosto muito. Inteligência Artificial. Espécie de rã arborícola. **7.** Lugar onde o gado pasta. Galicismo (abrev.). **8.** Estrada Nacional. Interjeição que designa repulsa ou raiva. **9.** Símbolo de nordeste. Molusco cefalópode decápode, marinho, apreciado na alimentação. Pão (Mirandês). **10.** Que ou o que nutre ou sustenta. Poderá ter água líquida nas suas rochas, a 20 quilómetros da superfície. **11.** Remanescer. "Da mão à boca se perde a (...)".

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Constantino. **2.** Orla. Leva. **3.** Nd. Flor. Tau. **4.** Deca. Jovens. **5.** Uma. Aa. **6.** Mar. Archa. **7.** OM. Belgorod. **8.** Reca. Auto. **9.** Ene. Sudeste. **10.** Socairo. Tal. **11.** Rosca. Capa.
VERTICAIS: 1. Condutores. **2.** Ordem. Menor. **3.** Nl. Cam. Ceco. **4.** Safa. Aba. As. **5.** Are. Sic. **6.** Aloja. Laura. **7.** Nero. Agudo. **8.** TV. Virote. **9.** Iate. Crosta. **10.** Ancho. TAP. **11.** Obus. Aduela

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1					■						
2					■						
3			■					■	■		
4						■					
5					■			■			
6		■								■	
7				■		■					■
8							■		■		
9	■		■								
10								■			
11					■						

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Ninguém

NORTE
♠ 763
♥ A5
♦ AJ853
♣ K84

OESTE
♠ 5
♥ KJ106
♦ 10764
♣ 9652

ESTE
♠ J982
♥ Q9732
♦ 9
♣ AQJ

SUL
♠ AKQ104
♥ 84
♦ KQ2
♣ 1073

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♠
passo	2♦	passo	3
passo	4♠	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: J♥. Qual o seu plano de jogo?

Solução: "Um dia de Sol radiante, céu azul e nada de aguaceiros" deverá ser o que lhe está a passar pela mente depois de ver este morto! Mas até o melhor dos meteorologistas se pode enganar… Ás de copas e depois o Ás e o Rei de trunfo. Ao constatar que Oeste não assiste ao segundo trunfo, isso não belisca nem um pouco aquela previsão do tempo: 2 de ouros para o Valete, trunfo para o 10 e a Dama para capturar definitivamente o Valete resistente. Rei de ouros e… a chuva aparece, Este não assiste! Podemos ainda jogar a Dama de ouros e um pau para o Rei, mas o Ás está em Este e a defesa tira ainda mais dois paus e uma copa: um cabide.
Como prever este percalço? No momento de jogar ouro para o morto, tome uma medida cautelar: jogue o Rei de ouros, que cobre com o Ás (cai o 9 de Este), trunfo para o 10, Dama de trunfo, Dama de ouros que confirma a má distribuição dos ouros, e o 2 de ouros para o 8 do morto! O Valete recolhe o 10 que falta e ainda temos o quinto ouro para fazer, 11 vazas!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♣	passo	1♥
passo	1♠	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠ J982 ♥ Q9732 ♦ 9 ♣ AQJ

Resposta: Depois de considerar os pontos de distribuição, podemos afirmar que esta mão vale 12 pontos, o que equivale a um convite a partida: 3♠.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Em Setembro e Outubro há novos horários e diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.808 (Fácil)

8					2			5
			5	7				
		9	8			3		
2			3	5	8	7	6	
	6		9		7		4	
	5	7	6	2	4			3
		3			1	9		
				3	9			
1			7					8

Solução 12.806

4	3	8	9	6	2	5	1	7
2	5	1	8	4	7	9	6	3
9	7	6	1	3	5	2	4	8
6	9	5	7	2	8	1	3	4
3	4	2	5	1	6	8	7	9
1	8	7	4	9	3	6	2	5
5	1	4	2	7	9	3	8	6
8	2	3	6	5	4	7	9	1
7	6	9	3	8	1	4	5	2

Problema 12.809 (Médio)

	4	9				1		6
			9	2			5	
	6			1				8
	8		7					
	2						1	
					5		3	
7				6			8	
	5			7	4			
6		4				9	2	

Solução 12.807

8	3	6	4	7	2	9	1	5
5	1	2	3	9	6	4	8	7
4	9	7	1	8	5	2	3	6
7	4	9	5	2	3	1	6	8
2	5	1	6	4	8	7	9	3
3	6	8	7	1	9	5	2	4
1	8	4	9	6	7	3	5	2
6	7	5	2	3	1	8	4	9
9	2	3	8	5	4	6	7	1

CINEMA

Good Time
TVCine Edition, 22h56
O plano de Constantine Nikas era assaltar um banco e, com o dinheiro do saque, recomeçar uma nova vida com Nick, o irmão mais novo, que sofre de problemas mentais. Contudo, apesar de tudo ter sido estudado ao milímetro, o golpe acaba por correr mal, o que faz com que Nick, num momento de descontrolo total, seja capturado pela polícia. Determinado a resgatá-lo, Constantine embarca numa perigosa viagem pelo submundo de Nova Iorque, numa tentativa desesperada de arranjar dez mil dólares para a fiança do irmão, salvando-o da violência da prisão de Rikers Island, para onde deverá ser enviado em breve. Com assinatura dos irmãos Josh e Benny Safdie, conta com participação de Robert Pattinson, Barkhad Abdi, Jennifer Jason Leigh e também de Benny Safdie, no papel de Nick.

Perigo Íntimo
Nos Studios, 00h35
Harrison Ford e Brad Pitt são os protagonistas deste *thriller* de Alan J. Pakula (*Klute*, *Os Homens do Presidente*). Frankie McGuire (Brad Pitt) é um dirigente do IRA que se refugia em Nova Iorque, sob uma falsa identidade, em casa de Tom O'Meara (Harrison Ford), um polícia irlandês que desconhece as actividades do seu hóspede. A história complica-se quando O'Meara começa a suspeitar de McGuire, envolvido numa transacção de armas. Um filme que foca os problemas s sócio-políticos vividos na Irlanda do Norte. Foi o último filme de Pakula, que morreu em 1998 num acidente de viação.

SÉRIE

Ronija: A Filha do Dragão
TVCine Edition, 22h10
Estreia. Saído em 1981, o livro homónimo de fantasia para crianças escrito pela sueca Astrid Lindgren, a mesma autora que nos deu *Pipi das Meias Altas*, já tinha dado um filme sueco e uma série japonesa. Em Março deu origem a esta nova série Netflix criada por Hans Rosenfeldt que agora chega ao TVCine Edition. Ronja é uma miúda rebelde que cresceu no meio de um grupo de ladrões que viviam num castelo medieval e se aventura pela floresta mágica, cheia de criaturas estranhas e perigos por todo o lado. É assim que conhece Birk, que pertence a um grupo rival e cuja amizade irá espoletar um conflito entre clãs.

Televisão

Os mais vistos da TV
Terça-feira, 12

	%	Aud.	Share
Dilema - Especial	TVI	9,6	19,2
Cacau	TVI	8,6	17,8
A Promessa	SIC	8,6	17,4
Jornal da Noite	SIC	8,3	17,5
Jornal Nacional	TVI	7,2	15,7

FONTE: CAEM

Canal	Share
RTP1	9,6%
RTP2	0,5
SIC	13,8
TVI	15
Cabo	40,4

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.20** Amor Sem Igual**15.23** A Nossa Tarde

17.30 Portugal em Directo

19.06 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.39 Joker **22.40** Taskmaster **0.40** Janela Indiscreta **1.34** Anatomia de Grey

3.05 Amor Sem Igual

RTP2

6.31 Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **13.07** Urbanigrama **13.33** A Conversa dos Outros **14.04** Folha de Sala **14.10** As Caminhantes **15.00** A Fé dos Homens **15.33** Primeiro Estranha Depois Entranha **15.59** Red - Mar Vermelho: É Urgente Proteger **16.50** Espaço Zig Zag **20.36** Heróis de Verde **21.30** Jornal 2

22.02 O Veterinário de Província

23.01 Folha de Sala **23.09** A Revolução Wachoswki **0.13** Sangue em Viena **1.02** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **1.26** Prova Oral **2.41** Cesária Évora **3.36** António Borges Coelho, a Estória do Historiador do Povo **4.35** As Sibilas do Passo **5.07** Caminhar: A Cura Milagrosa para Corpo e Mente **6.00** A Fé dos Homens

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal

14.25 Querida Filha

15.50 Linha Aberta **17.00** Júlia **18.30** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré **0.40** Papel Principal - A Vingança **0.55** Travessia **1.40** Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois à 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.35** A Sentença **15.35** A Herdeira

16.35 Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.30 Dilema

22.10 Cacau

23.10 Festa É Festa

0.00 Dilema **2.35** O Beijo do Escorpião **2.35** Deixa Que Te Leve **3.25** O Princípio da Incerteza

TVCINE TOP

18.05 Sede de Viver **19.55** One Shot - Missão de Resgate **21.30** The Equalizer 3: Capítulo Final **23.15** O Exorcista do Vaticano **0.55** Apex - A Presa **2.24** Desejo Fatal

STAR MOVIES

17.46 Destruir depois de Ler **19.19** Sicário -Infiltrado **21.15** Overdrive - Os Profissionais **22.49** Posto de Combate **0.50** Força Destruidora **2.19** Noite do Lutador

HOLLYWOOD

17.50 Beleza Negra **19.25** Déjà Vu **21.30** Pelé: O Nascimento de Uma Lenda **23.20** Blood Father - O Protector **0.50** The Conjuring 3 - A Obra do Diabo

AXN

16.02 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.42** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Viola Come il Mare **23.03** Rei Artur: A Lenda da Espada

STAR CHANNEL

17.16 Investigação Criminal: Los Angeles **18.56** Magnum P.I. **20.31** Hawai Força Especial **22.15** FBI: International **23.04** Chicago P.D. **0.44** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.24 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Caçadores de Fantasmas **22.54** Segredos das Catacumbas

HISTÓRIA

14.41 Os Maiores Mistérios da História **16.46** Os Caçadores de Mistérios **20.09** O Inexplicável

ODISSEIA

15.09 Mascotes Com as Patas Partidas **16.05** Corrida de Ratos **16.58** O Grande Tubarão Branco **17.50** O Príncipe das Florestas **18.40** Animais Bebés: Um Mundo Maravilhoso **19.25** Caçadores de Lagostas **20.58** Lendas das Profundezas Marinhas

DOCUMENTÁRIOS

Pais e Filhas
Netflix, *streaming*
Angela Patton é uma activista que fundou, em 2012, a organização Girls for a Change. Num dos campos por ela organizados, Camp Diva, há sempre uma dança de pais e filhas. Quando reparou que muitas filhas não podiam dançar com os pais por estes estarem encarcerados, decidiu convencer as autoridades e começar uma iniciativa para juntar filhas e pais presos durante uma noite. Este documentário de Natalie Rae, co-realizado pela activista, conta com a actriz Kerry Washington como uma das produtoras executivas.

Red — Mar Vermelho: É Urgente Proteger
RTP2, 15h59
Estreia. O Mar Vermelho, e a sua preservação, é o foco deste documentário assinado por Philip Hamilton no ano passado. Além dos esforços de inúmeras pessoas e organizações para manter o equilíbrio por aqueles lados, vê-se também animais como a tartaruga-verde e o dugongo. Mostra, de alto a baixo, do céu ao fundo do oceano, os 2000 quilómetros de extensão do mar e as mais de 2400 espécies que por lá vivem, muitas delas em risco de extinção.

A Revolução Wachowski
RTP2, 23h09
Realizado por Thibaut Sève, este documentário foca-se em Lana e Lilly Wachowski, as irmãs que se estrearam no cinema com *Bound – Sem Limites*, de 1996, e apenas três anos depois deram ao mundo o fenómeno *Matrix*, que até agora teve quatro filmes. É desse universo, bem como o da série Netflix *Sense8*, que durou entre 2015 e 2018, que parte esta análise do trabalho das irmãs. Isto, sem falar com as próprias, mas a pegar em imagens de arquivo e depoimentos de colaboradores e especialistas no trabalho delas.

INFANTIL

Star Wars: As Aventuras do Jovens Jedi
Disney+, *streaming*
Estreia da segunda temporada. Está de volta esta série *Star Wars* para a idade pré-escolar orientada por Michael Olson a partir da criação de, claro está, George Lucas. Segue as aventuras de jovens aspirantes a jedis séculos antes dos filmes originais da saga a aprenderem a lidar com a Força e a tornarem-se cavaleiros. No início do mês já se tinham estreado uma série de curtas especiais alusivas à série.

Meteorologia

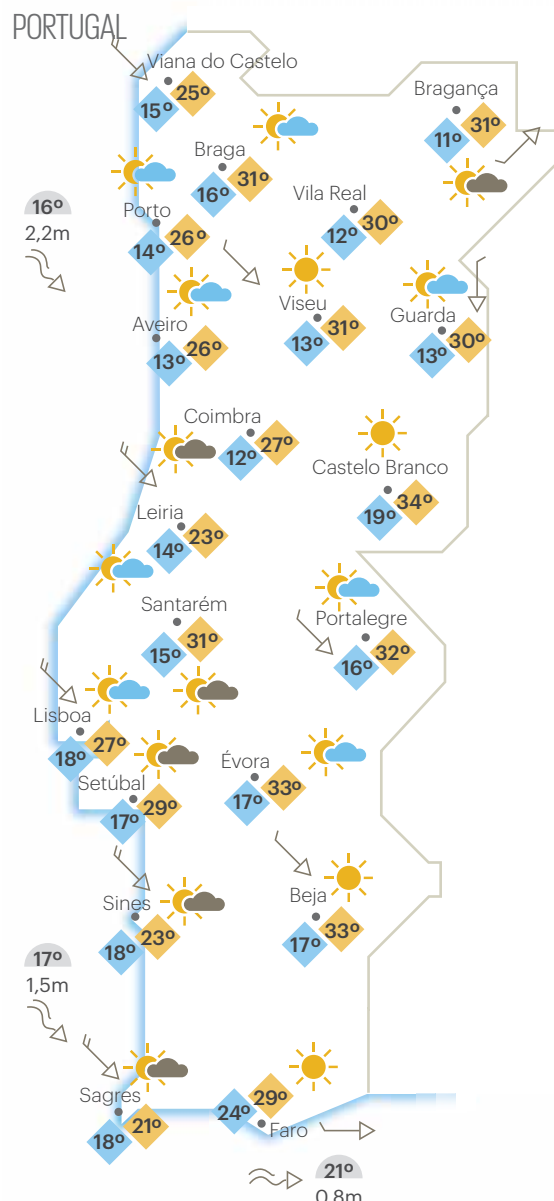
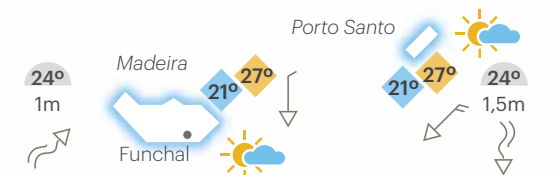
PORTUGAL

Viana do Castelo 15º 25º
Bragança 11º 31º
Braga 16º 31º
Vila Real 12º 30º
Porto 14º 26º
16º 2,2m
Aveiro 13º 26º
Viseu 13º 31º
Guarda 13º 30º
Coimbra 12º 27º
Castelo Branco 19º 34º
Leiria 14º 23º
Santarém 15º 31º
Portalegre 16º 32º
Lisboa 18º 27º
Setúbal 17º 29º
Évora 17º 33º
Sines 18º 23º
Beja 17º 33º
17º 1,5m
Sagres 18º 21º
Faro 24º 29º
21º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 24º 27º
26º 1,2m
Graciosa
São Jorge 22º 28º
26º 1,2m
Terceira
Faial
Pico
25º 1,0m
São Miguel 22º 28º
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 21º 27º
Madeira 21º 27º
24º 1m
24º 1,5m
Funchal

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
10h49	2,5	10h28	2,6	10h33	2,5
17h08	1,5	16h53	1,6	16h44	1,5
23h27	2,5	23h07	2,5	23h13	2,5
05h46*	1,5	05h24*	1,6	05h13*	1,5

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Quinta-feira, 15	Sexta-feira, 16	Sábado, 17
Mín.	15º	16º	16º
Máx.	30º	30º	28º
Índice UV	M. alto	M. alto	M. alto
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	48%	57%	71%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 4 Ago.	424,18
Há um ano	420,16
Há dez anos	397,93
Semana de 28 Jul.	424,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

Excelente
Razoável
Mau
Não é saudável
Nada saudável
Perigoso

Porto
Coimbra
Lisboa
Évora
Faro

SOL

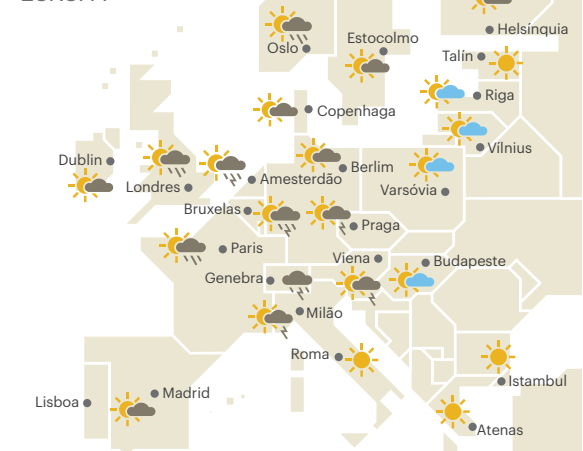
Nascente 06h50
Poente 20h32

LUA

19 Ago. 19h26
26 Ago. 10h28
3 Set. 02h55
11 Set. 07h06

Nascente 16h37
Poente 01h36*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	24	Roma	21	36
Atenas	27	36	Viena	22	35
Berlim	20	33	Bissau	25	29
Bruxelas	16	23	Buenos Aires	10	17
Bucareste	20	37	Cairo	26	37
Budapeste	21	36	Caracas	20	30
Copenhaga	18	26	Cid. do Cabo	6	13
Dublin	16	20	Cid. do México	14	24
Estocolmo	16	24	Díli	21	31
Frankfurt	20	30	Hong Kong	26	32
Genebra	17	30	Jerusalém	22	33
Istambul	23	34	Los Angeles	18	31
Kiev	16	26	Luanda	20	25
Londres	14	24	Nova Deli	27	33
Madrid	15	31	Nova Iorque	20	30
Milão	22	35	Pequim	23	30
Moscovo	12	22	Praia	24	31
Oslo	16	19	Rio de Janeiro	16	23
Paris	17	26	Riga	12	23
Praga	20	32	Singapura	26	31

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Questionário Pós-Proustiano

DR

Jorge Batista da Silva
Quando estou com fome, não sou nada fácil de aturar

Jorge Batista da Silva é bastonário da Ordem dos Notários

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma e porquê?
O Twitter é a rede social que mais utilizo e à qual me recuso a chamar X. Desisti da BlueSky porque nunca conseguiu substituir o Twitter.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Tudo o que escrevi sobre futebol. Mesmo quando nos achamos moderados, acabamos por nos exceder. Arrependi-me.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Amigos com letra grande tenho poucos, julgo que é assim com toda a gente. Com eles nunca me zanguei. Pelo caminho ficaram duas ou três pessoas que podiam ter sido Amigos, mas que por uma ou outra razão nunca chegaram a ser. Ficaram para trás.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Não gosto que elogiem a minha "omnipresença " porque significa que estou a falhar na delegação de funções.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Grandes Esperanças,de Charles Dickens. Gosto da época vitoriana pelo que representa – a possibilidade de ascensão económica da classe média através do trabalho e da inovação; o acesso à cultura; a ciência... Viver neste mundo novo e poder lutar contra as desigualdades da revolução industrial será sempre um bom cenário para um romance.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
No Brasil, em Cabo Verde e nos restantes países da CPLP. Quando nos sentamos à mesma mesa e conversamos é impossível não sentir que fazemos todos parte de uma enorme comunidade. Existe uma ligação muito forte que vai muito além da língua que partilhamos.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
Nunca desistir dos meus objectivos. Podemos desistir de alguns sonhos, mas nunca devemos desistir dos objectivos. Para isso, não nos podemos autolimitar ou deixar condicionar pelos outros.
Em que situações se considera um "chato"?
Não suporto quando falham com a palavra sem uma justificação plausível. Mais do que chato torno-me insuportável. Quando estou com fome, também não sou nada fácil de aturar.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Gostaria de ser menos preguiçoso. No entanto, faço um esforço e orgulho-me de trabalhar mais do que devia, mesmo quando estou de férias.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
No Direito, Gomes Canotilho porque abriu a porta para um pensamento politicamente bem arrumado na nossa Constituição (mesmo não concordando com ele aqui e além). Na música, devo a Rodrigo Leão o facto de não fazer terapia. Na política, Ramalho Eanes, pois nunca perdeu o sentido de Estado, nem a capacidade de defender o interesse público.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Nunca. Trabalho muito para evitar que os problemas escalem para níveis de stress insuportáveis.
E já se sentiu profundamente exausto? Foi *burnout*?
Todos nós já sentimos o peso do mundo às costas, em algum momento da nossa vida. Temos de aliviar a carga. Devemos isso a nós próprios, para não sermos esmagados por um *burnout*.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
Ouvir sempre atentamente e às vezes fingir que não ouvimos.
É vegetariano, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Como bom poveiro, gosto muito de peixe. Como peixe sempre que posso.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Dune foi o último filme que vi. *Oppenheimer* foi, sem dúvida, o filme de que mais gostei.
Qual o seu maior arrependimento?
Não ter viajado mais nos tempos da universidade porque viajar faz parte do nosso processo de crescimento.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
O regresso do racismo e da xenofobia assumida não me deveria ter surpreendido, mas surpreendeu. A História está cheia de retrocessos, mas nunca pensei que este chegasse tão depressa.

BARTOON LUÍS AFONSO

IMPRESSIONANTE. MAIS UMA ENORME BURLA.

COMO É QUE HÁ TANTAS PESSOAS ATRAÍDAS PARA OS ESQUEMAS EM PIRÂMIDE?

BEM...

PROVAVELMENTE PORQUE SONHAM COM UMA VIDA DE FARAÓS.

Há bons e maus motins?

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Com base numa tragédia – o assassinato de três crianças em Southport –, uma mentira amplamente difundida gerou uma onda de violência no Reino Unido, baseada na islamofobia. Os motins que têm ocorrido nas últimas semanas fazem parte de uma longa tradição de violência política, que não é exclusiva da democracia britânica. Aliás, se há elementos de novidade no protesto social violento nos nossos dias – a ausência de líderes e o papel que as redes sociais desempenham na mobilização –, há também traços de continuidade face ao passado. O que nos devolve velhas questões.

Os motins continuam a ser eventos sociais, políticos e emocionais (nos quais se forma uma comunidade de pertença, geradora de vínculos entre os participantes) que resultam em formas de violência física e contra a propriedade. Enquanto quem participa nos motins partilha uma identidade, esta forma de mobilização inorgânica (não promovida, por exemplo, por um partido ou um sindicato) obriga sempre à identificação de um "outro". Acima de tudo, numa democracia liberal, um motim é uma forma de desafiar a lei e a definição primordial de Estado: uma entidade que detém o monopólio da violência legítima.

Para lá dos surtos recorrentes de hooliganismo, não têm faltado, nos últimos tempos, nas democracias liberais protestos com significado amplo que evoluíram para motins: dos "Coletes Amarelos" ao *Black Lives Matter*, dos protestos no Capitólio ao que se passa no Reino Unido. O modo como estes protestos são vistos pela opinião pública varia substancialmente e a própria reação aos protestos tem sido um fator adicional de polarização nas nossas sociedades, extravasando o país onde os motins ocorrem. Desde logo porque sabemos que a forma como os motins são acompanhados está intimamente ligada à identificação de cada um com a motivação para os protestos. Para quem considera que há uma clivagem entre um povo desprovido de recursos de poder e uma coligação de elites que captura o interesse comum, os "Coletes Amarelos" geraram condescendência; quem julga que o racismo estrutural é uma forma persistente de desigualdade tem empatia pelos motins raciais; já quem vê na emigração uma ameaça ao nosso modo de vida compreende o descontentamento que grassa nas ruas do Reino Unido.

BETTMANN ARCHIVE

Mesmo o campeão da ação política não violenta, Martin Luther King, afirmou que 'um motim é a linguagem dos que não são escutados'

Sendo assim, o que é adequado: uma posição intransigente que olha para todos os motins como ameaçando a lei e a ordem que devem ser reprimidos judicial e politicamente ou há critérios substantivos que distinguem motins inaceitáveis de motins com causas justas?

O dilema tem uma história. Mesmo o campeão da ação política não violenta, Martin Luther King, num discurso notável, "*A Outra América*", que pela sua complexidade deve ser lido na íntegra, afirmou, em março de 1968, que "um motim é a linguagem dos que não são escutados". Se a afirmação suscita o tema da eficácia da ação política violenta em democracia (num artigo que gerou polémica, "*Agenda Seeding: how 1960s black protests moved elites, public opinion and voting*", o cientista político Omar Wasow demonstrou como os protestos não violentos contra o racismo foram politicamente eficazes, enquanto a violência teve um efeito político contraproducente), revela uma questão mais profunda: a da justiça do protesto violento.

Se em democracia toda a violência deve ser rejeitada, não podemos olhar de forma igual para todos os motins. Não só existem como devem existir critérios para categorizar um motim: saber se respondem a violência injustificada e sistemática; a proporcionalidade; e, fundamental, de que modo correspondem a reações a formas de desigualdade extrema, que ameaçam os fundamentos da própria democracia liberal.

Colunista

12522
5 601073 016049